FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

Do barroco ao século XXI

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:
Especialista Fernando Sanchez Salvador
Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Jurí:
Presidente Doutor João Nuno de Carvalho Pernão
Vogal Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz
Vogal Especialista Fernando Sanchez Salvador

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, julho 2022

RESUMO

O presente Projeto Final de Mestrado tem como principal objetivo adaptar o antigo Paço Episcopal de Leiria numa unidade hoteleira, tendo como início da sua história o século XVII, durante o qual e em séculos subsequentes serve o seu propósito original. Posteriormente, já no século XIX e na transição para o século XX passa a ter uma função militar. Viria ainda a servir de abrigo aos retornados de África, após a queda do Estado Novo em Portugal, no ano de 1974/1975. Tem como função atual albergar o Comando Distrital de Leiria e a Polícia de Segurança Pública. A intervenção passa por implementar neste edifício uma unidade hoteleira, que visa suprimir a carência desta área no território onde este se insere. O projeto de intervenção assenta no princípio de respeito para com a preexistência e a intervenção de uma forma consciente, com o objetivo de enriquecer o edifício. Esta unidade hoteleira pretende oferecer quartos para pernoitar na cidade, mas também áreas de lazer e de restauração, e ainda dar apoio à cultura com espaços expositivos e um auditório.

Palavras-chaves: Património | Ernesto Korrodi | Memória | Reabilitar | Palácio Episcopal de Leiria

ABSTRACT

The main objective of this Master's Final Project is to adapt the old Episcopal Palace of Leiria. Its history begins to the 17th century, where it serves its original purpose, but later on it had a military function, thorugh which it would serve as a shelter. to “returnees” from the portuguese african colonies after the fall of the Estado Novo regime in Portugal, in 1974-1975. Its current function is to house the Leiria District Command and the Public Security Police. The intervention involves implementing a hotel in the building, which aims to eliminate the lack of this kind of facilities in this área, as well as in overall terms, in the whole territory where it is located. The intervention project is based on the principle of respect for the pre-existence proceeding with an intervention in a conscious way, with the aim of enriching the building. This hotel unit intends to offer rooms to stay overnight in the city, but also leisure and restaurant areas, as well as a support for the local culture with an exhibition space and an auditorium.

Keys-word: Heritage | Ernesto Korrodi | Memory | Rehabilitate | Palácio Episcopal de Leiria

AGRADECIMENTOS

A todos os meus professores que acompanharam o meu percurso académico na FAUL.

Á minha família por todo o apoio durante o meu percurso escolar e em todas as minhas ideias malucas. Em especial à minha avó Augusta e ao meu avô António que partiram durante este meu percurso académico.

Ao grupo de amigos fantásticos que Lisboa me ofereceu, pelas partilhas, pelos choros, pelas vitórias e pelas experiências que partilhámos e continuaremos a partilhar.

Á pessoa que partilha a vida comigo por todo o apoio, por todos os abraços nos momentos mais difíceis, por todos os sorrisos e choros.

E, por último ao professor Paulo Pereira e ao professor Fernando Salvador que me acompanharam nesta jornada.

Um muito obrigado a todos!

ÍNDICE

RESUMO **I**

ABSTRACT **II**

AGRADECIMENTOS **III**

ÍNDICE DE FIGURAS **VI**

ÍNDICE DE ACRÓNIMOS **VIII**

00. INTRODUÇÃO **7**

0.1 OBJETIVOS 8
0.2 METODOLOGIA 8

01. ESTADO DA ARTE **13**

1.1 O PATRIMÓNIO 13
1.1.1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO PATRIMÓNIO 14
1.1.2 PATRIMÓNIO CULTURAL 17
1.1.3 PROTEÇÃO DO PATRIMÓNIO 20
1.1.4 REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO 22

02. O LUGAR **27**

03. O EDIFÍCIO **33**

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO 33
3.2 CONTEXTO ARQUITETÓNICO 34

04. ERNESTO KORRODI **43**

05. CASOS DE REFERÊNCIA **49**

5.1 POUSADA SANTA MARINHA DA COSTA, GUIMARÃES 49
5.2 POUSADA CONVENTO DA GRAÇA, TAVIRA 52
5.3 EXMO.HOTEL, PORTO 55

06. PROPOSTA **63**

6.1 PROPOSTA URBANA 63
6.2 PROGRAMA 64

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS **71**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **75**

ANEXOS **81**

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 02.01 PLANTA DE LEIRIA EXISTENTE NO ARQUIVO DISTRITAL DE LEIRIA (ADLEIRIA, DEP VI, GAVETA NO 15) (ANO 1809) 28
FIGURA 02.02 ZONA HISTÓRICA DA CIDADE DE LEIRIA (2021) 29

FIGURA 03.01 PLANTA DE COBERTURA 34
FIGURA 03.02 RELAÇÃO PLANTA E ALÇADOS 35
FIGURA 03.03 FACHADA POENTE (SEG. DGEMN) 36
FIGURA 03.04 FACHADA SUL (SEG. DGEMN) 36
FIGURA 03.05 FACHADA NORTE (SEG. DGEMN) 37
FIGURA 03.06 FACHADA NASCENTE (SEG. DGEMN) 37
FIGURA 03.07 FACHADA PRINCIPAL, LARGO DE S.PEDRO, LEIRIA (GOOGLE EARTH) 37
FIGURA 03.09 VISTA AÉREA DO EDIFÍCIO PRINCIPAL E DA ZONA EXTERIOR (GOOGLE EARTH) 38
FIGURA 03.08 FACHADA SUL COM ARMAZÉNS ADJACENTES (GOOGLE EARTH) 38
FIGURA 03.11 VISTA AÉREA DO CLAUSTRO E DO SAGUÃO (GOOGLE EARTH) 39
FIGURA 03.10 VISTA AÉREA DO CLAUSTRO E DO SAGUÃO (GOOGLE EARTH) 39
FIGURA 03 15 SÍMBOLO DO BISPADO 40
FIGURA 03.14 PORTA PRINCIPAL 40
FIGURA 03.12 PORTÃO DE ACESSO ÀS TRASEIRAS 40
FIGURA 03.13 CORONEL - BRASÃO DE ARMAS DO COMANDO DISTRITAL DE LEIRIA 40

FIGURA 04.01 MONOGRAFIA CAPELA DE S.FRUTUOSO DE MONTÉLIOS 44
FIGURA 04.02 MONOGRAFIA MONUMENTOS DE PORTUGAL - ALCOBAÇA 44
FIGURA 04.03 ALÇADO NASCENTE, KORRODI, 1899 44
FIGURA 04.04 ALÇADO OU "PROSPECTO DO LADO DO RIO" (SUL), KORRODI, 1899 44
FIGURA 04.05 ESTUDOS DE RECONSTRUÇÃO SOBRE O CASTELO DE LEIRIA, ERNESTO KORRODI, 1898 45
FIGURA 04.06 ESTUDOS DE ERNESTO KORRODI 46
FIGURA 04.07 KORRODI, ERNESTO, ESTUDOS DE RECONSTRUÇÃO SOBRE O CASTELO DE LEIRIA. RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA DE UM NOTÁVEL EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO CIVIL E MILITAR PORTUGUESA (PROSPECTO), ZÜRICH, INSTITUTO POLYGRAPHICO, 1898 (ESTAMPAS, XI E XII) 46

FIGURA 05.01 COMPLEXO NOVO ADICIONADO AO MOSTEIRO 50
FIGURA 05.02 FACHADA PRINCIPAL (FACHADA POENTE) 50
FIGURA 05.03 PLANTAS DO PROJETO DO MOSTEIRO 51
FIGURA 05.04 COMPLEXO NOVO ADICIONADO AO MOSTEIRO 51
FIGURA 05.05 VISTA DA POUSADA DE TAVIRA 52
FIGURA 05.06 VISTA INTERIOR DOS CLAUSTROS 53
FIGURA 05.07 FACHADA PRINCIPAL (FACHADA SUDESTE) 53
FIGURA 05.08 PLANTA PISO 0 54
FIGURA 05.09 VISTA DA POUSADA 54
FIGURA 05.10 FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL 55
FIGURA 05.11 CORTES VERTICAIS DO EXMO.HOTEL 55
FIGURA 05.12 FACHADA TRASEIRA (FACHADA SUL) 55
FIGURA 05.13 FOTOGRAFIA DO BAR 56
FIGURA 05.14 FOTOGRAFIA INTERIOR 57
FIGURA 05.15 ESCADAS MODERNISTAS 57
FIGURA 05.16 FOTOGRAFIA INTERIOR DA ZONA DE REFEIÇÕES 58
FIGURA 05.17 PLANTAS DO EXMO.HOTEL 58

FIGURA 05.18 ALÇADO PRINCIPAL (FACHADA NORTE) 59

FIGURA 06.01 EDIFÍCIOS ADJACENTES 63
FIGURA 06.02 DIVISÃO DOS QUARTOS POR ALAS 66
FIGURA 06.03 ORGANOGRAMA DOS ESPAÇOS - ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA 68

ÍNDICE DE ACRÓNIMOS

- **UNESCO** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- **ONU** Organização das Nações Unidas
- **ICOMOS** Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

00.INTRODUÇÃO

00. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Projeto Final de Mestrado consiste em reabilitar o equipamento que outrora teve um papel importante para a comunidade da cidade de Leiria onde se insere, não perdendo na sua essência esse papel, simplesmente perdeu a sua presença na imagem e vida da cidade.

O edifício é um memorial a épocas passadas, que deixaram as marcas da sua passagem e o moldaram de alguma forma para as funções a que se propôs durante esses tempos, mesmo sendo estas opostas à que inicialmente o fez surgir no século XVII.

O antigo Paço Episcopal de Leiria localiza-se na zona histórica da cidade, sendo palco para este estudo e projeto. É dotado de uma privilegiada vista para o conjunto da cidade e de fácil acesso face à sua localização central na malha urbana, proporcionando a experiência total na comunidade onde se insere.

Leiria, acrescente-se desde já, é uma cidade pouco dotada em termos de oferta hoteleira, depois de há alguns anos ter perdido dois dos mais emblemáticos hotéis.

Sendo, o turismo uma parte importante da economia, este deve ser apoiado por oferta de alojamento de qualidade, que proporcione às pessoas pernoitar e desfrutar da cidade. Uma vez que Leiria é culturalmente muito dinâmica, com vários eventos ao longo do ano, esse projeto que a câmara promove deve ser consolidado com uma oferta hoteleira. Para além dessa característica, a cidade insere-se na rota de património arquitetónico da região centro, que inclui no trajeto habitual de quem visita grandes monumentos listados como Património Mundial tais como: o Mosteiro da Batalha ou o Mosteiro de Alcobaça, possuindo, por sua vez, outros atrativos patrimoniais de valia entre os quais se encontra o Castelo, cuja fama história se alicerçou desde o romantismo e que o associa, lendariamente ou não, a D. Dinis, mas também á Dinastia de Avis.

A proposta recai na reabilitação do edifício do antigo Paço Episcopal de Leiria, convertendo-o num equipamento hoteleiro, de modo a dar resposta à falta de oferta hoteleira, auxiliar do projeto cultural da cidade.

0.1 OBJETIVOS

A intervenção proposta para o edifício em estudo tem como objetivo a integração da unidade hoteleira na dinâmica do centro histórico da cidade de Leiria pelo que exige redesenhar e adaptar um elemento arquitetónico de matriz tardo-seiscentista e com laivos barrocos através de uma harmonização com uma proposta arquitetura mais moderna.

É nosso objetivo respeitar as valências arquitetónicas existentes no edificado e a sua memória, podendo, porém, abrir-se este espaço a uma reutilização rentável e como resposta a carências locais mas assegurando a fruição do mesmo pela população leiriense e visitantes em geral.

A proposta deste trabalho recai assim na criação de uma unidade hoteleira, que não só servirá o propósito de alojar hóspedes, como oferecer espaços de lazer e refeição e, complementarmente, dedicar espaços à cultura.

0.2 METODOLOGIA

A primeira fase da metodologia adotada passa por reunir informação de modo a existir uma maior compreensão dos conceitos base que auxiliarão a elaboração do projeto e que passará por leitura de artigos, livros e/ou teses estabelecendo o estado de arte. Aliado a essa pesquisa, será levado a cabo um processo de análise de casos de referência que apoiarão futuras escolhas no decorrer do projeto.

Para todo o projeto ter sucesso é preciso conhecer os seus pressupostos e, por isso, o início desse processo passará por compreender o território onde se insere e, respetivamente, a sua história, através de descrições de época, postais, imagens, pinturas e/ou cartografia relativa à evolução da cidade. Como complemento, atribui-se importância à análise de elementos do território, tal como: i) enquadramento do edifício na cidade e nos demais edifícios emblemáticos; ii) o tipo de sedimentação construtiva; iii) relação com os elementos naturais.

Após esse conhecimento do território, segue-se o levantamento dos elementos do edificado a intervir, com o objetivo de obter uma listagem com as diversas classificações, com base no valor dos elementos presentes, com a pretensão de saber quais são para preservar e os que se podem descartar. Por fim, avança-se com a proposta do programa para o edifício, apoiado por desenhos técnicos e maquetes que auxiliem o processo apoiado na análise teórica ao projeto que a precedeu.

A componente prática conflui com a formalização de ferramentas, como desenhos técnicos e desenhos à mão, de trabalho, a formulação de uma estratégia urbana para o território em estudo e a elaboração do novo programa proposto para o edifício. Todas estas etapas têm como finalidade obter um documento escrito final que apoie as peças desenhadas com a proposta de projeto para o edifício em estudo.

01. ESTADO DE ARTE

01. ESTADO DA ARTE

1.1 O PATRIMÓNIO

Património provém do latim *patrimonium*, associado ao conceito *pater* (pai), era o que o pai deixava ao filho, ou seja, todo o legado deixado do passado para o presente.

Com a Revolução Francesa, o património adquire um sentido de propriedade coletiva, algo que antes não estava associado ao conceito de património, uma vez que este apenas era de quem o herdava.

Defender o património tornou-se uma necessidade, tanto a nível arquitetónico como político ou moral, pois a classe política passou a ter consciência do valor da herança cultural como fator rememorativo e identitário. Os centros históricos passam a compreender-se como reservas culturais, para que o local e o homem recordem o seu passado; contudo este deve-se diferenciar dos demais por serem protegidos, mas não podem ser desconetado dos limites e contextos que o rodeiam, evitando, nas correntes conceções de uma paisagem urbana rica e formada por sedimentações de camadas sucessivas de história, que se tornem - como aconteceu várias vezes no passado não muito longínquo - numa espécie de ilha patrimonial isolada da restante cidade onde se insere.

Na história da humanidade podemos encontrar relatos da admiração de vestígios do passado antes do nascimento de Cristo, em Egínia 210 a.C., o grego Atalo I ordena as primeiras escavações arqueológicas de que há registos. Porém, nos períodos que o precedem, a preocupação de preservar ou conhecer culturas anteriores é secundarizada, o que contribuiu para que grande parte dos vestígios históricos se percam ou sejam destruídos por novos regimes e culturas. Por vezes, alguns vestígios eram mantidos por admiração ou respeito, o que fez com que alguns objetos sobrevivessem à passagem do tempo, mas adquirissem novas utilidades ou fossem repropostos para se adaptarem às necessidades de quem poderia por apropriação então legítima e normal usufrui-los.

Os edifícios que acabariam por sobreviver ganhavam novos usos, mas perdiam o significado que, anteriormente, haveriam adquirido aquando da sua construção. Esta reutilização, onde ocorre uma reinserção do edificado num novo ciclo de vida e cultura, acontece no período do Renascimento, onde o edifício passa a ser valorizado, não apenas pelo poder que este representa, mas sim pela importância que assumirá enquanto um elemento único incorporado num todo.

1.1.1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO PATRIMÓNIO

A historiadora francesa Françoise Choay, nas obras *As Questões do Património* e *Alegoria do Património* recupera a distinção entre o conceito de monumento e de *monumento histórico.* Os monumentos são construídos com uma clara intenção de evocar a lembrança e ligar-se à memória viva; já os *monumentos históricos* são composições de um determinado saber sobre a realidade, selecionados de um vasto grupo de conjuntos de monumentos que são escolhidos de acordo com o seu valor histórico, artístico, político, entre outros. Choay afirma que a evolução do conceito de monumento para o conceito de monumento histórico acontece em três momentos distintos da história, que a autora considera serem três revoluções culturais europeias.

A primeira revolução acontece no Renascimento em que há um abandono quase total do teocentrismo medieval: ao ser humano passa a ser atribuída uma capacidade criadora, ao mesmo tempo que a redescoberta da Antiguidade e dos seus objetos e documentos de natureza filosófica e cultural em geral motivam uma recuperação e revisão de interesses e de estéticas que influenciarão de modo perene a produção artística, e, naturalmente, a arquitetura.

A segunda revolução cultural acontece no período da Revolução Industrial, com a introdução do *maquinismo* na cultura ocidental. Segundo Choay, na obra *As Questões do Património*, foi neste período que surgiu o conceito amplificado e de índole culturalista os monumentos históricos, convocando políticas de proteção que desenvolveram métodos de conservação e restauro. Esta segunda revolução cultural teve impactos nas relações sociais. A autora dividiu esses impactos em quatro grupos, sendo estes: os campos do saber, a sensibilidade estética,

a revolução das técnicas (como a fotografia ou a imprensa), e por último o êxodo rural, provocado por uma desordem nos modos de vida e a inauguração de uma nova conexão com o tempo.

A última revolução cultural verifica-se no pós-Segunda Guerra Mundial quando se dá uma internacionalização da cultura ocidental e a organização de organismos multilaterais, como a ONU ou a UNESCO. Mais tarde, é na nossa contemporaneidade, mas na sequência do momento anterior, que ainda se assistiu à introdução de inovações tecnológicas de computação e de ambientes virtuais. Ao contrário, das duas revoluções que antecederam esta última, a terceira revolução não foi apenas europeia, mas sim mundial, o que permitiu o surgimento da noção do conceito de *património cultural da humanidade*. Contudo este novo conceito de património traz associado uma perda das especificidades e dos valores que, anteriormente, definiam a existência de monumentos e monumentos históricos.

Choay constata que as diferenças entre estes dois conceitos são cada vez mais esquecidas por esta nova conceção de globalização cultural. Não ignora que a mercantilização do património se serve de estratégias políticas, mas torna-o um produto cultural em que o património passa a ser um objeto sem conteúdo. A autora atribui esta perda à emergente procura no consumo de bens culturais, onde a cultura passa a ser um produto de entretenimento e as políticas da sua preservação aproximam-se das aplicadas ao turismo, o que muitas vezes faz com que sejam confundidas.

Por sua vez, na obra *As Questões do Património* opõe-se de uma forma inteligível às doutrinas de conhecidos intelectuais e teóricos e das repercussões que têm perante a constituição e a construção da cidade industrial. Defende que o urbanismo quer procurasse a destruição ou a preservação do centro urbano antigo, apenas tem como objetivo conceder-lhe uma identidade conceptual. Esta crítica da autora, faz com que se ergam três "figuras" ou categorias quanto à maneira de encarara a cidade antiga: *memorial, histórica e historial*.

O teórico John Ruskin foi quem se aproximou mais da figura *memorial* mencionada por Choay, defendia que cada edifício tinha uma história própria e única e, que esta deveria ser salvaguardada, sob qualquer

condição não havendo qualquer alteração do objeto por artifícios exteriores. Para Ruskin, as marcas do tempo, a memória e o seu significado eram o mais importante que qualquer reutilização ou reconstrução do objeto já que para ele era impensável intervir nos monumentos e alterar o seu grau original.

O arquiteto Viollet-le-Duc irá, porém, atuar com outros pressupostos e nisso, em contraponto à visão mais conservadora de Ruskin defendendo uma política mais intervencionista, em que cada intervenção tem como base um profundo estudo científico e arqueológico, com a intenção de obter uma objetividade necessária à reconstrução, através do conhecimento e equilíbrio destas duas disciplinas. Viollet-le-Duc não tem como ambição restituir a historicidade única do edifício, mas sim devolver ou completar o sentimento histórico anterior do edifício, confronto entre dois mundos, o presente e o passado. No quadro já de uma leitura da cidade pré-industrial como um objeto do passado, este autor aproxima-se da figura *histórica* defendida por Choay.

Os teóricos John Ruskin e Viollet-le-Duc foram, assim, protagonistas maiores nessa "guerra" de pensamentos. John Ruskin, na sua obra *The Seven Lamps of Architecture,* defende o conceito de restauro, ou seja, preservar todos os elementos característicos de um dado edifício com o objetivo de não o desvalorizar ou comprometer a identidade do mesmo.

Em contraponto, Viollet-le-Duc defendia o conceito da requalificação, onde se deveria encarar o projeto e transformá-lo com os parâmetros atuais, de maneira a que este pudesse ser, novamente, valorizado, corrigir aquilo que se entendia ter contribuído para o seu estado atual de degradação ou ruína.

Camilo Boito era um teórico da restauração, responsável pela realização da conferência Os Restauradores, em 1884, em Turim. Era muitas vezes citado como um intermediário das teorias de Viollet-Le-Duc e de John Ruskin. Se por um lado preconizava a pesquisa extensiva e exaustiva do objeto, e que o uso da restauração fosse somente utilizado em casos excecionais, por outro defendia que a restauração devia ser feita de maneira a que fosse facilmente distinguível do objeto original, tal como Ruskin defendia. Boito defendia, tal como Ruskin, que a ação do tempo não podia ser ignorada e que o aspeto pitoresco deveria ser valorizado

podendo assim concluir que a conservação era essencial para que fosse evitada a restauração do objeto arquitetónico.

A última "figura" atribuída à cidade antiga segundo Choay é a figura *historial,* que esta diz ser a síntese e superação das figuras /categorias que a antecederam. O arquiteto Gustavo Giovannoni demonstra essa evolução, pois concede, simultaneamente, aos centros urbanos antigos um valor não só de utilização como também um valor museológico.

A discussão principal seria o grau de intervenção a aplicar no património, de modo a conservar e salvaguardar a sua identidade. Questões como o que se devia manter ou não, se deveria haver uma visão única ou plural de maneira a restituir o que em outros tempos existiu ou se se poderia defender uma visão mais progressista em que entrasse em consideração o fator a contemporaneidade. Em certa medida, de modo mais mudo, menos audível, essa discussão ainda se faz hoje, mas de forma muito atenuada.

Contudo, todos os edifícios a intervencionar são casos únicos, têm histórias, percursos e enquadramentos diferentes. A intervenção é alvo de diversas ações que podemos constatar e que se poderão e deverão basear em diversos conceitos e não, simplesmente, num único conceito, o método será sempre a procura por um método com a ideia que permita o renascer do habitar para um dado local.

1.1.2 PATRIMÓNIO CULTURAL

O património arquitetónico engloba aspetos de diversas temáticas, desde a arquitetura ao urbanismo, sendo este o resultado da interação entre as pessoas e os lugares que coabitam. Como consequência disso, cria-se uma identidade coletiva e um fator de diferenciação daquele território, através de saberes, fazeres, expressões e produtos ou materiais que nos levam à história, à memória ou à identidade de um povo, algo a que chamaremos *património cultural*.

Património cultural é tudo aquilo que é criado e produzido por um povo, que advêm de bens de interesse cultural e, consequentemente, passam a ser suscetíveis de proteção e valorização por marcar a identidade e memória do local de origem, como exemplos temos bens imóveis ou bens

móveis que pelo seu valor histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, bibliográfico, entre outras qualidades, suscitam proteção, reserva e intervenção.

A memória e a identidade são, por si, e assim, conceitos indissociáveis do conceito mais amplo de património arquitetónico e são sensíveis ao passar do tempo já que estão relacionados com os valores culturais (Choay,2010).

Dentro deste conceito de património cultural, mais recentemente, e de há cerca de vinte anos até hoje, podemos considerar duas dinâmicas: o património material e o património imaterial. O património material está associado a um conjunto de bens culturais móveis ou imóveis, vinculados a factos memoráveis da história do local, enquanto o património imaterial está associado à componente dos costumes, práticas, expressões, conhecimentos e técnicas de um povo, algo que torna a sua identidade no mundo única (UNESCO).

Estes aspetos estão consagrados na ordem jurídica portuguesa. Com efeito, a Lei do Património Cultural, (Lei 107/01) estipula:

> *Artigo 2.º Conceito e âmbito do património cultural*
>
> *1 - Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.*
>
> *(…)*
>
> *3 - O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.*
>
> *4 - Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas.*
>
> *(…)*
>
> *6 - Integram o património cultural não só o conjunto de bens*

materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

(…)

No caso, como património imóvel entendem-se os monumentos, conjuntos e sítios, que representem a expressão ou testemunho da criação e/ou evolução da criação humana, da natureza ou da técnica.

Acrescenta de forma lapidar:

Critérios genéricos de apreciação

Para a classificação ou a inventariação, em qualquer uma das categorias referidas no artigo 15.º, serão tidos em conta algum ou alguns dos seguintes critérios:

a) O carácter matricial do bem;

b) O génio do respetivo criador;

c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso;

d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos;

e) O estético, técnico ou material intrínseco do bem;

f) A conceção arquitetónica, urbanística e paisagística;

g) A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva;

h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica;

i) As circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem.

Estes princípios são aqueles que se efetivamente de levam em linha de conta hoje em dia, em cada intervenção de valorização, reabilitação ou restauro.

Por sua vez, a gestão do património cultural ligado a atividade cultural e turística tornou-se um objeto de estudo, que permitiu estabelecer uma parceria entre o turismo e essa mesma gestão, passa a haver uma ligação direta entre o conceito de gestão do património com o conceito de turismo (Mckercher e Du Cros, 2012).

A autenticidade do património é definida por um largo espectro de atributos, tangíveis e intangíveis, os turistas aquando da sua observação não julgam apenas a autenticidade intelectual transmitida pelo objeto, mas também pela experiência vivida, fazendo com que essa autenticidade passe a ser mais uma valorização pessoal, diferença entre o verdadeiro eu do património e aquilo que percecionamos do mesmo. A experiência que vivemos com determinado património tem muito haver com a nossa memória pessoal, experiência de vida e todo o nosso conhecimento a nível cultural.

Segundo a autora Laurajane Smith, na obra *Uses of Heritage* a verdadeira ligação entre nós e o património não está nem na posse, nem na contemplação dos elementos a preservar, mas sim na transmissão do conhecimento e memórias que nos ajudará na compreensão do presente e da nossa transformação de identidade no futuro.

1.1.3 PROTEÇÃO DO PATRIMÓNIO

Para proteção do património existem organizações e documentos que garantem a preservação do património, para que não haja perda da sua identidade e das suas características nem uma instrumentalização considerada excessiva.

A Carta de Planificação da Cidade, mais conhecida por *CARTA DE ATENAS* foi redigida em 1933. Este congresso foi muito importante para a história da consagração do património histórico, pois o espaço da cidade histórica foi levado a debate, e nela se procuravam respostas a questões então julgadas prementes, como fossem a sua configuração, a forma de a trabalhar ou, adicionalmente, como interpretá-la. Le Corbusier era responsável por redigir o documento final do encontro, contudo o seu relatório acabou por se tornar numa cartilha, síntese dos discursos do congresso acabando por se transformar numa doutrina, a que haveríamos de chamar *CARTA DE ATENAS*.

A UNESCO, criada em 1945, é uma Organização das Nações Unidas que se dedica à educação, à ciência e à cultura e que tem como objetivos: promover a elaboração e aplicação de instrumentos normativos, salvaguardar a diversidade cultural de forma a promover o diálogo entre

culturas e povos e promover a partilha de experiência e informação. A convenção da UNESCO formulou no 4º artigo que todo o estado tem *o dever de assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras como património cultural* (Convenção da Proteção do Património Cultural e Natural, 1972).

No II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, em 1964, surge a *CARTA DE VENEZA* na consequência da explosão demográfica, do desenvolvimento das cidades industriais e da degradação dos centros históricos num período que havia já recuperado do trauma maior do pós-II Guerra Mundial, já em 1961, pelo que passa a haver uma quebra radical na tradição de se considerar o monumento como um objeto individual ou isolado. Antes constitui uma parte integrante da cidade ou do contexto rural, e deve ser entendido como um todo mais vasto que o seu imediato contorno físico.

A *CARTA DE CRACÓVIA* foi redigida em 2000, com a preocupação de aprofundar e discutir os valores da Carta de Veneza para uma maior proteção e valorização do património cultural dos países. Neste documento, há uma mudança de valores, uma alteração na consciência e no conhecimento da necessidade de preservar o património material e imaterial.

A carta apresenta princípios de conservação e restauro para o património construído. Todo o património arquitetónico é composto por um conjunto complexo de elementos, acentuando que os momentos históricos só significam em função, também, do seu contexto sociocultural, consagrando agora preocupações de natureza ambiental e de políticas da arquitetura e do urbanismo. A conservação deste património deve ser realizada segundo diferentes tipos de intervenções: a manutenção e a sua reparação, o restauro, a renovação ou a reabilitação são exemplos a seguir, mas a revitalização e a reutilização devem igualmente ser tomadas agora na sua aceção mais delicada e sensível, inclusivamente tendo em conta a inscrição económica, social e cultural de cada elemento a cuidar e preservar sem desvios da sua autenticidade.

A carta ressalva que *as reconstruções de partes significativas de um edifício, baseadas no que os responsáveis julgam ser o seu verdadeiro estilo* devem ser evitadas. E que o objetivo da conservação dos monumentos e edifícios com valor histórico é manter a autenticidade e integridade dos mesmos.

1.1.4 REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO

As evoluções tecnológicas resultado do progresso são um objeto muito importante para o retorno à normalidade, fez com que o pouco património que sobrou das consecutivas guerras e desacordos entre países, se tornassem em marcos da história.

A luta de poder por parte dos grandes países industriais fez com que assistíssemos a uma guerra sem olhar aos danos causados, como consequência perdeu-se muito património que outrora teria sido preservado por fazer parte da identidade do seu país.

O ICOMOS promoveu, entretanto, e oportunamente, já em 1999, a carta sobre o património construído vernáculo, onde apresenta o dualismo entre dois grandes problemas na reestruturação do património na sociedade. Este dualismo leva-nos a uma profunda reflexão, se por um lado o conteúdo vernacular é vulnerável e ultrapassado no contexto atual, por outro devemos preservar o carácter e aspeto original do edificado não defraudando a sua identidade.

Este conceito de património vernacular envolve não só o edifício com a sua envolvente, a sua paisagem e o local onde se insere, deste conjunto de fatores também faz parte as vivências e memórias dos habitantes do local.

A interação do edifício como meio é muito importante pois, este faz parte integrante do modo de vida do local e de todos os que lá habitam. Como consequência, deve haver uma preocupação em preservar o local, de modo a que este perdure no tempo e chegue às gerações futuras. Este respeito pelo local, deve ser extensível à autenticidade do uso de materiais, sejam existentes ou novos, e nas soluções estruturais e construtivas a utilizar, de modo a preservar a construção de origem e ao mesmo tempo respeitar a autenticidade do edifício a intervir.

A compatibilidade entre o existente e o que propomos, deve ser ponderada e devemos considerar a validação da solução arquitetónica para a reabilitação do edifício que antevemos, de modo a garantir não só a durabilidade como permitir uma possível reversibilidade da solução aplicada.

Os tipos de intervenção recaem em dois grupos: a reabilitação e a conservação e o restauro. A reabilitação prevê o acordo entre elementos, sistemas de construção e espaços com os materiais, sistemas e técnicas modernas, salvaguardando a identidade e autenticidade do património.

*A prática da reabilitação trata-se essencialmente de ser capaz de se inovar e dinamizar um espaço que careça de uma intervenção com a ambição e o intuito de dar uma nova imagem ou valência e até mesmo reintegrar na vida social um "objeto" que por descuido ou por abandono, cai na "solidão" (*Daniel Leitão, 2016*).*

Para reabilitar, o arquiteto, profissional responsável pelo projeto e coordenação do mesmo, deve ter um profundo conhecimento das metodologias adequadas ao desenvolvimento de projetos de conservação, restauro e reabilitação do património e de intervenções, e uma capacidade crítica e teórica para fundamentar, criticar e coordenar projetos de intervenção em edifícios com valor histórico ou patrimonial.

A conservação e o restauro têm como objetivo reparar ou atuar preventivamente qualquer obra que devido a sua idade ou estado, necessita de intervenção para preservar a integridade física, como resultado preserva também o valor artístico da obra remetendo à sua essência original.

A reversibilidade deve assegurar que num futuro próximo se possa reverter a intervenção feita sem comprometer o edifício, a intervenção não pode ser abrangente ao ponto de ter um impacto que impossibilite ou dificulte intervenções futuras. Este conceito também contribui por meio das intervenções um melhoramento da qualidade de vida, através da inclusão de materiais adequados.

A introdução de técnicas e conceitos de construção mais modernos, permite dar uma nova escala e um maior conforto nos espaços que

iremos usufruir, com vista a facilitar a possível substituição ou remoção total ou parcial da intervenção. Esta nova atitude pode ser encarada como uma forma de proteção e salvaguarda do património, proteção direta e indireta, sobre um dado elemento ou material construtivo ou arquitetónico.

A transformação das cidades na era atual leva-nos à problemática das questões de reaproveitamento do território e da sustentabilidade dos recursos utilizados na reabilitação do património.

A crise da arquitetura e a globalização do património, associado à indústria do Turismo, conduziram à necessidade de criação de novos conceitos de intervenção resultantes da interligação entre a economia e o património (Nádia Luís e Paula André, 2017).

Esta relação criou uma dicotomia na interligação dos temas, se há autores que veem esta ligação económica que resulta na exploração turística no património como a principal responsável pela adulteração da essência do objeto a intervir (Choay,2000), há outros autores que consideram que esta possibilita uma infinidade de vivências dos espaços esquecidos e que, posteriormente, foram readaptados à nova realidade moderna, proporcionando a criação de novos valores sociais e culturais (Smith, 2006).

02.O LUGAR

02. O LUGAR

A história da cidade de Leiria, embora as origens de um aglomerado populacional possam remontar muito atrás no tempo, desde pelo menos o período pré e proto-histórico, teve início no ano de 1135 com a construção do Castelo de Leiria, a mando do rei D. Afonso Henriques. Tratou-se de um castelo de penetração que fora construído em território inimigo ou de fronteira, numa das extremas, situado para além da linha dos castelos de detenção que tinham como função a manutenção da segurança no território (Nunes, 2005:80).

A escolha da localização do castelo de Leiria obedeceu a critérios estratégicos uma vez que este funcionaria como defesa a Coimbra e ponto de ataque a territórios sarracenos.

Aliás, no dizer de Gouveia Monteiro, *Os monumentos militares funcionaram nessa altura como pólos de dinamização e de desenvolvimento do território, possibilitando o povoamento das regiões reconquistadas e, logo depois, potenciando o seu crescimento económico, social e administrativo* (Monteiro, 1999:18).

A redução dos ataques dos mouros, sentidos até à conquista de Santarém e Lisboa, as exceções fiscais de cariz feudatário e a atração das riquezas muçulmanas proporcionou condições favoráveis a fluxos migratórios, e como consequência, levou ao aumento da população.

Esse aumento é visível na fisionomia da zona urbana da cidade de Leiria, havendo à data três núcleos amuralhados, sendo estes, o do convento franciscano (1230); o surgimento de novos bairros medievais: o Bairro de São Tiago, de São Martinho, de Santo Estêvão e o Bairro dos Anjos; e, por último, a vila alta amuralhada onde viviam as elites e onde se situava a morada do rei ou paço real.

Este último núcleo é referente à última fase de construção da muralha, onde encontrávamos o bairro de funcionários, a casa régia e da nobreza. Neste local surge na segunda metade do século XII a Igreja de S. Pedro, a segunda igreja mais antiga da cidade de Leiria, de estilo românico, que se vai tornar no elemento central da urbe da vila alta muralhada.

A cidade desenvolve-se em torno de dois elementos: o Castelo de Leiria e o rio Lis.



Figura 02.01 Planta de Leiria existente no Arquivo Distrital de Leiria (ADLeiria, Dep VI, gaveta no 15) (ano 1809)

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

O local onde se localiza o castelo, ponto mais alto da cidade, era um ponto estratégico que permitia maior proteção à vila meridional fora de muralhas, esta localização fez com que o território evolui-se em dois tipos de tecidos urbanos muito diferentes. O primeiro bairro a surgir extramuros foi o bairro de São Tiago, a norte do morro do castelo, que se desenvolveu de forma bastante irregular, de seguida surge o bairro de S.Martinho, a sul, que apresenta uma planta em espinha de peixe, posteriormente, surgem outros bairros como por exemplo o de S.Estêvão, já dentro de muralhas existiam o bairro de Santa Maria e o bairro de São Pedro.

A cidade de Leiria tem uma ocupação ao longo das margens do rio Lis e tem pouca variação altimétrica, com exceção da zona histórica da cidade.



Figura 02.02 Zona histórica da cidade de Leiria (2021)

03.O EDIFÍCIO

03. O EDIFÍCIO

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O antigo Paço Episcopal de Leiria localiza-se na zona histórica e mais antiga zona da cidade de Leiria, rodeado pelos demais monumentos – Castelo de Leiria, Torre Sineira, Sé de Leiria, Igreja de S. Pedro e a zona histórica.

Os Paços Episcopais foram mandados erguer por D. Diogo de Sousa, bispo "não confirmado", a mando do rei D. João IV, no ano de 1640, para albergar os bispos e padres da diocese de Leiria. Localizado no local onde outrora existia os Paços de S. Simão, já adquiridos anteriormente por D. Frei Brás de Barros no ano de 1546 e mandados demolir por D. Frei António de Santa Maria entre 1616 e 1623.

Em 1807, no contexto das Invasões Francesas é instalado um corpo militar no edifício. Já em 1810, por consequência da terceira invasão francesa, parte do edifício sofre um incêndio ficando parcialmente destruído. Após o incêndio, em 1811, D. Manuel de Aguiar, nomeado bispo da diocese, em 1790, promove o início das obras de restauro na parte do edifício afetada, tendo estas sido prolongadas até 1818, já no bispado de D. João Inácio da Fonseca Manso (1761-1834).

Até 1896, o edifício teve ocupação militar; contudo nesse mesmo ano dá-se conta de um pedido de instalação de uma coluna volante de cavalaria para fiscalização do imposto real.

Em 1911, com a Implantação da República, o Estado cede os Paços Episcopais para neles se estabelecerem o Grupo de Metralhadoras, o Regime de Infantaria de Reserva nº7 e o quartel da GNR.

Em 1914, o arquiteto Ernesto Korrodi assina parte do projeto para a adaptação do andar nobre para a Escola Normal.

A Revolução de 25 de abril de 1974, faz com que no ano seguinte, o edifício passe a alojar, provisoriamente, os chamados "retornados" das ex-colónias, enquanto estes estão em processo de transição para uma habitação definitiva. Em 1981, com o realojamento dos "retornados", a

PSP vai ocupando o edifício e em 1985 são realizadas obras de adaptação do edifício para assumir o seu papel de Comando Distrital de Segurança Pública, função que perdura até aos dias de hoje.

3.2 CONTEXTO ARQUITETÓNICO

O edifício singular do Paços Diocesanos possui uma planta sub-quadrangular e não é unitário. A fachada principal desenvolve-se virada para poente. As outras fachadas formam um grande quadrângulo, que se estende em profundidade, propiciando a existência de um claustro, e de um saguão, separados por uma ala que comunica com a fachada poente. As facadas norte e sul são distintas, com a meridional a apresentar maior monumentalidade.

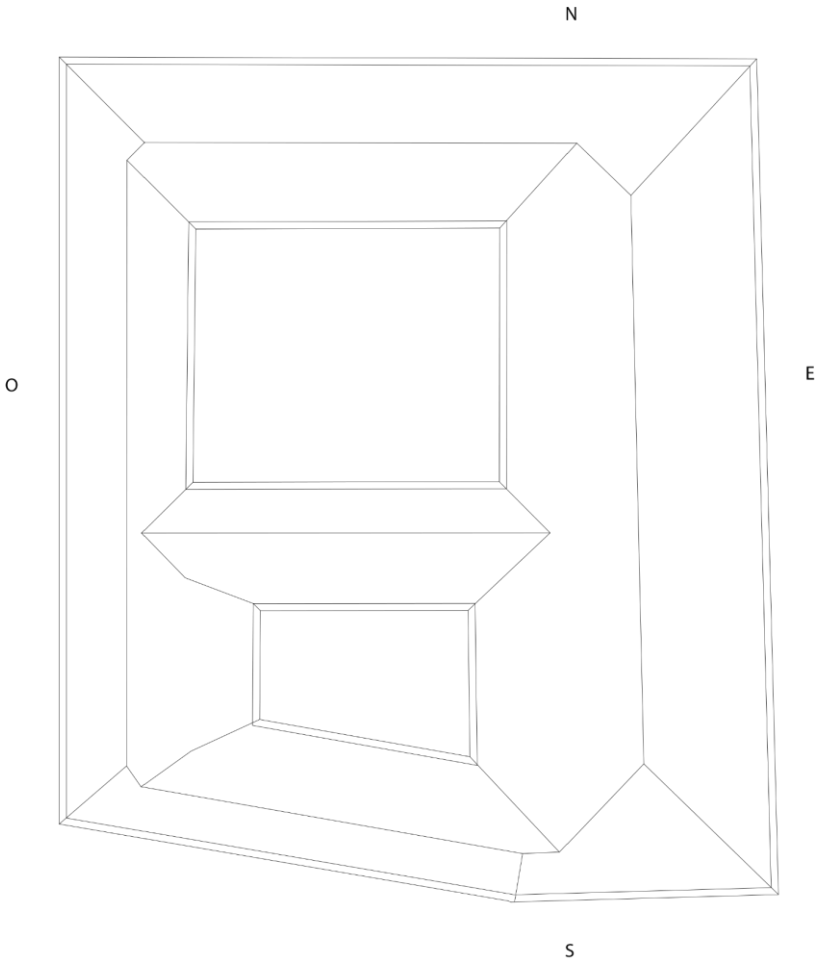


Figura 03.01 Planta de cobertura

Não se trata de um edifício invulgar. Pode dizer-se que se inscreve numa arquitetura apalaçada, típica aliás de solares urbanos de grandes dimensões, aqui adotada para paço episcopal, ou a isso destinada. Mas com paralelismos como o do Paço Episcopal de Évora, e outros que seguem a mesma tipologia.

Também se pode dizer que, se situarmos a sua construção nos anos de meados do século XVII, partilha com outras casas solarengas a postura típica do solar português.

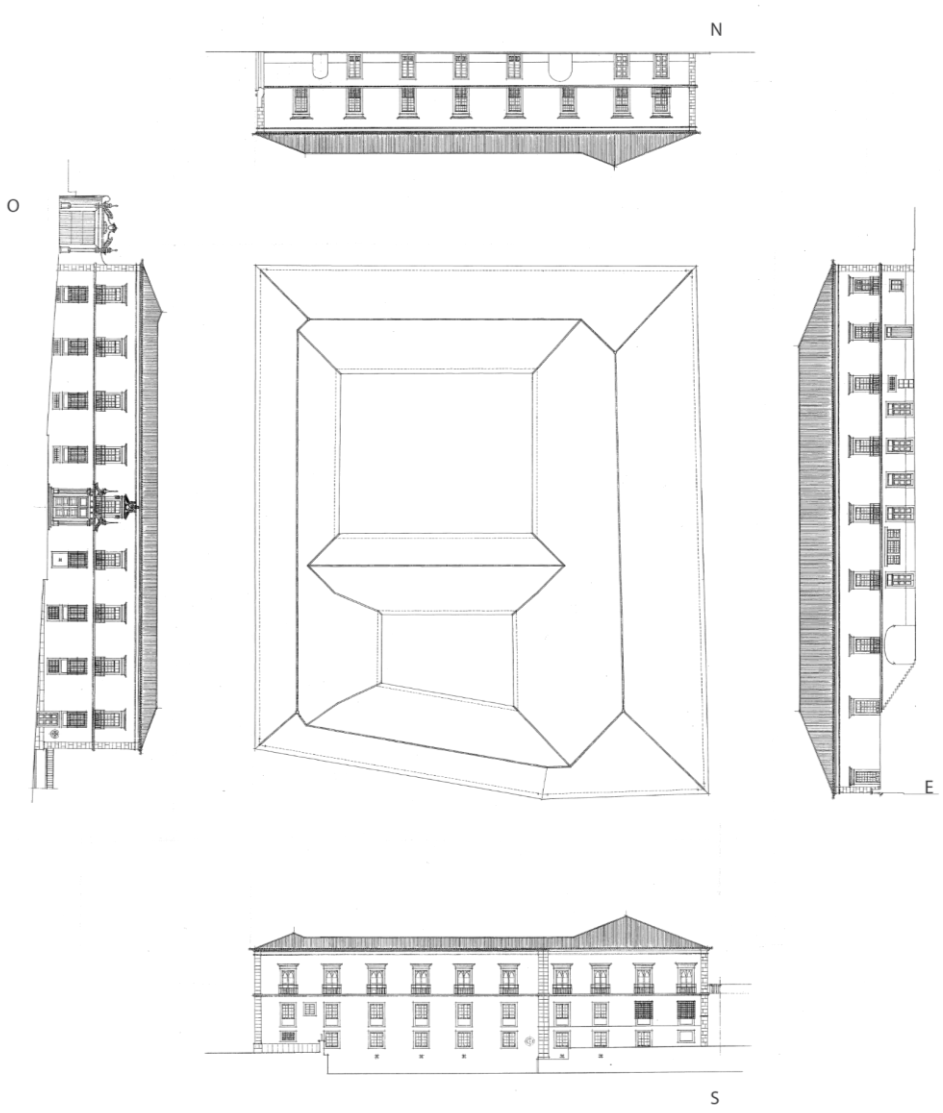


Figura 03.02 Relação planta e alçados

Na realidade, se observarmos a fachada principal, é uma massa densa, que é percorrida por dois andares, com o registo inferior marcado por vãos mais pequenos com avental, e acompanhando as áreas inferiores de serventia; e um andar nobre com janelas de sacadas. Ao centro ergue-se o portal principal, de desenho "maneirista" ou classizante tardio.

O mesmo se dirá das fachadas restantes, mas com a diferença de possuírem um registo inferior com acessos mais francos, como por exemplo portadas de

corpo inteiro e não janelas, e duas delas com arcos e passagem inferior de comunicação com o interior do claustro (a norte) e do saguão (a nascente).

Estes apontamentos a par das diferenças de cotas que faz com que três das fachadas exceto a principal possuam dois ou três registo em altura, confirmam a simetria dominante, e o aspeto de "arquitetura chã" característica deste período da história da arquitetura portuguesa.

Um dos aspetos que carece de interpretação mais certeira é a torsão da fachada sul, e a altura que oferece a parte extrema – diríamos sueste - desta fachada dividida da restante por uma pilastra e parecendo uma adição. No desenho geral, porém, não parece tratar-se de uma adição: mas pode resultar da intervenção efetuada já por Ernesto Korrodi, que seguiu a linguagem do edifício, mesmo neste trecho, mas conferindo-lhe uma dimensão de "edifício" mais do que de solar, embora respeitando as métricas com rigor. Com efeito é esta a diferença mais evidente no desenho das fachadas.

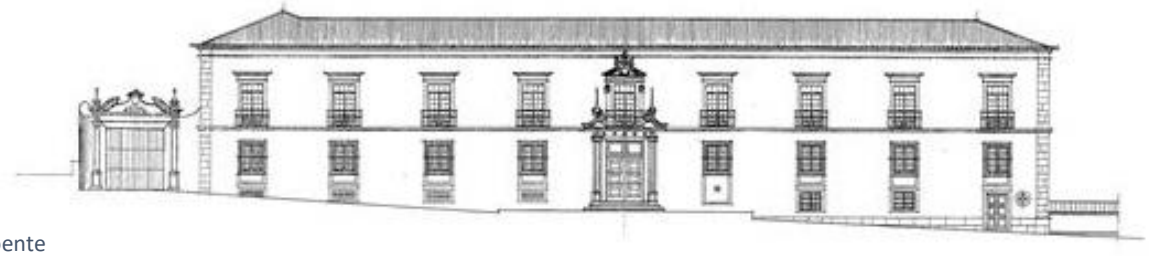


Figura 03.03 Fachada poente (seg. DGEMN)

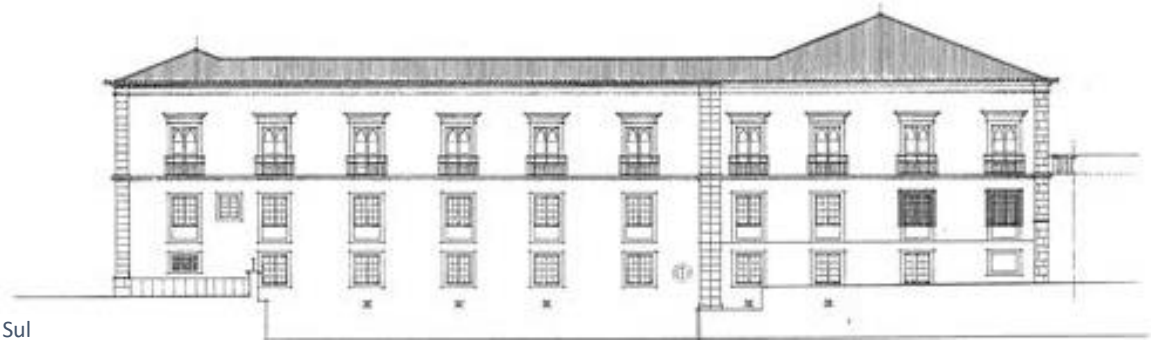


Figura 03.04 Fachada Sul (seg. DGEMN)

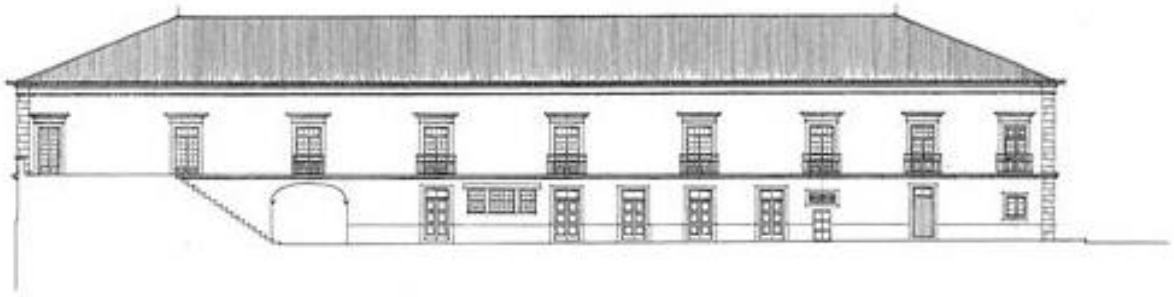


Figura 03.05 Fachada norte (seg. DGEMN)

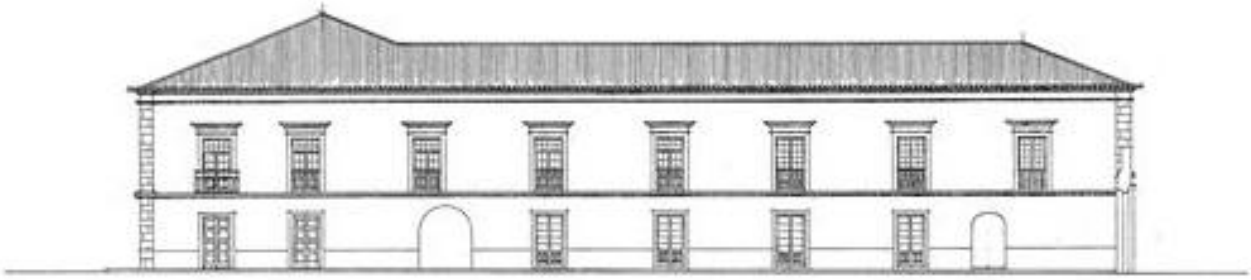


Figura 03.06 Fachada nascente (seg. DGEMN)



Figura 03.07 Fachada principal, Largo de S.Pedro, Leiria (Google Earth)



Figura 03.09 Fachada sul com armazéns adjacentes (Google Earth)



Figura 03.08 Vista aérea do edifício principal e da zona exterior (Google Earth)



Figura 03.11 Vista aérea do claustro e do saguão (Google Earth)

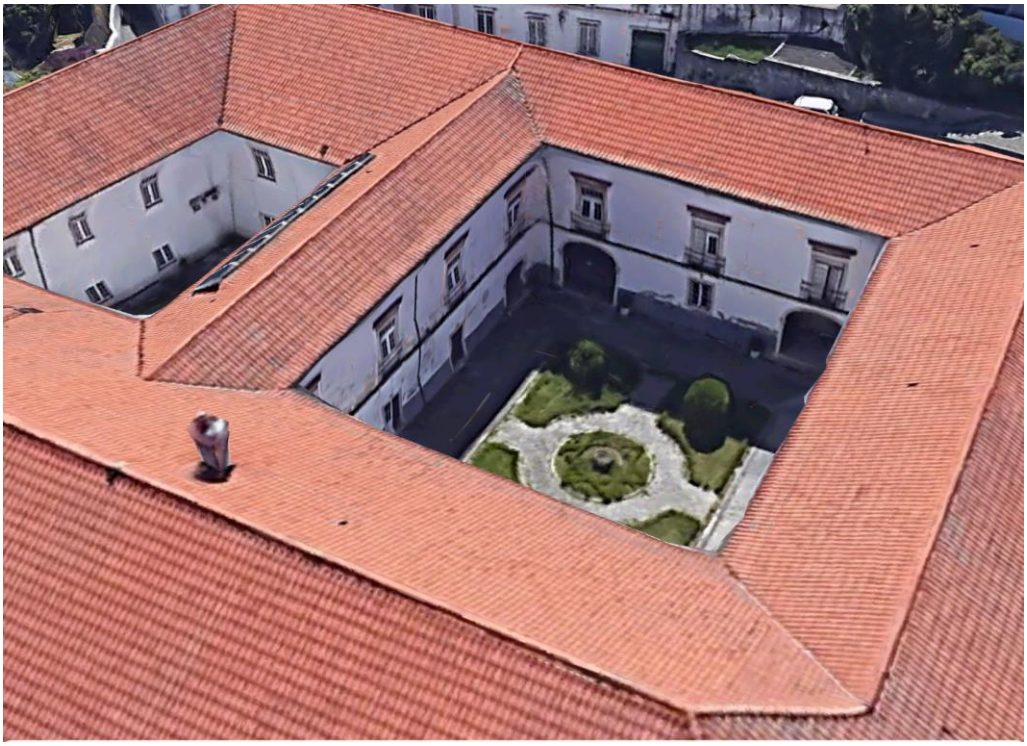


Figura 03.10 Vista aérea do claustro e do saguão (Google Earth)



Figura 03.14 Portão de acesso às traseiras



Figura 03.15 Coronel - Brasão de Armas do Comando Distrital de Leiria



Figura 03.13 Porta principal



Figura 03 12 Símbolo do Bispado

04. ERNESTO KORRODI

04. ERNESTO KORRODI

Korrodi foi convidado a vir para Portugal em 1888, na companhia de especialistas por altura do *Plano de Organização* do *Ensino Industrial e Comercial*, iniciado em 1886**.** Foram vários os desenhadores, engenheiros e arquitetos não titulados, alguns deles que o acompanharam: Victtorio Giuseppe Fiorentini, Cesare Ianz, e Nicola Bigaglia, e ajudaram à montagem e exercício das Escolas de Desenho Industrial de Leiria e de Braga. Ao mesmo tempo quase todos, senão todos, projetaram e construíram em diversas cidades do país desde finais do século XIX.

No dizer de Paulo Pereira "*Korrodi, porém, vai assumir protagonismo essencialmente como arquiteto (mas também como interiorista) e a sua obra pode ser conhecida através dos trabalhos acima mencionados. Já no caso das intervenções patrimoniais projetadas, desejadas ou executadas, pode considerar-se (mesmo que este facto seja muitas vezes aparentemente secundarizado), que Korrodi iria desempenhar um papel que perduraria mesmo que inadvertidamente na cultura arquitetónica do restauro. E é esse o ponto fulcral deste pequeno apontamento que se prolonga, também, e naturalmente, por considerações acerca das metodologias de intervenção que viemos conhecendo em Portugal a partir de finais de oitocentos e já vividos os anos do século XX*.". Mas não se ficou apenas por aqui como o comprovam os estudos que procedem ao levantamento exaustivo da obra de Korrodi no que respeita a moradias, prédios de rendimentos ou edifícios industriais, todos eles com a marca do chamado "ecletismo" de fim de século.

As suas obras eram distintivas, e pode dizer-se que consistiam mesmo numa linguagem própria e rica, dentro do contexto do ecletismo "Beaux Arts" que então estava em voga.

De Abrantes a Viseu é muito abrangente o número de projetos de que foi autor e bem assim das obras construídas, algo que o levantamento exaustivo realizado por José Teixeira determinou e que colocamos em mapa, com a respetiva quantidade de modo a ajudar à leitura. Percebe-se o imenso alcance da atividade de Ernesto Korrodi, talvez um dos mais

ativos projetistas portugueses na passagem do século XIX para o XX indo a sua produção, às vezes com a assistência do seu filho Camilo Korrodi, também arquiteto até aos anos 40 do século XX.

Dos trabalhos a que dedicou boa parte do tempo, podemos destacar os estudos pioneiros sobre a Capela de S. Frutuoso de Montélios, e os trabalhos que dedicou ao Mosteiro de Alcobaça, publicando duas monografias.



Figura 04.03 Monografia Capela de S.Frutuoso de Montélios



Figura 04.02 Monografia Monumentos de Portugal - Alcobaça

Iria dedicar um trabalho exaustivo, mas sem realização prática com uma proposta de restauro do Paço Ducal de Barcelos, que foi bastante desenvolvida e pormenorizada em desenho.

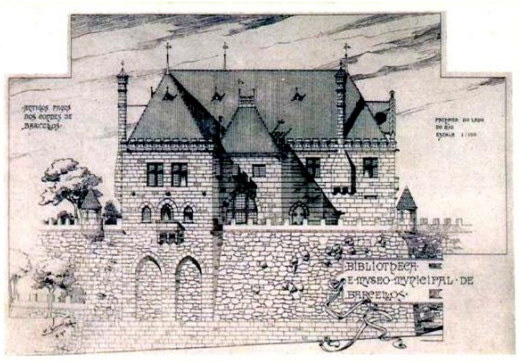


Figura 04.04 Alçado nascente, Korrodi, 1899

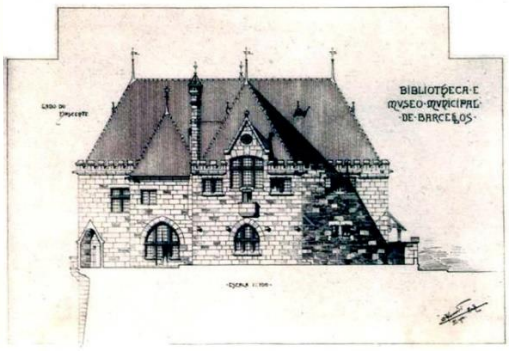


Figura 04.01 Alçado ou "prospecto do lado do rio" (sul), Korrodi, 1899

De entre as obras de estudo que levou a cabo, a mais importante, até porque dela resultaram trabalhos de restauro efetivos, foi a que dedicou ao Castelo de Leiria, e que alcançou fama internacional.

Uma vez mais e como resumo dos trabalhos que Lucília Verdelho da Costa e mais recentemente José Teixeira dedicaram ao suíço. Do seu

trabalho como restaurador de monumentos é óbvia a sua filiação nos trabalhos Viollet-Le-Duc.

Retomamos as palavras de Paulo Pereira na sua análise aos trabalhos de pesquisa empreendidos por Korrodi quanto ao grande monumento leiriense segundo o qual *os* Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria[1] *editado em Zurique com patrocínio do estado português, naquele que constitui, um dos primeiros, senão mesmo o primeira obra dedicada a servir de base ao restauro de um monumento português (não se podendo confundir com o notável levantamento de James Murphy, com outros objetivos e um século anterior).*

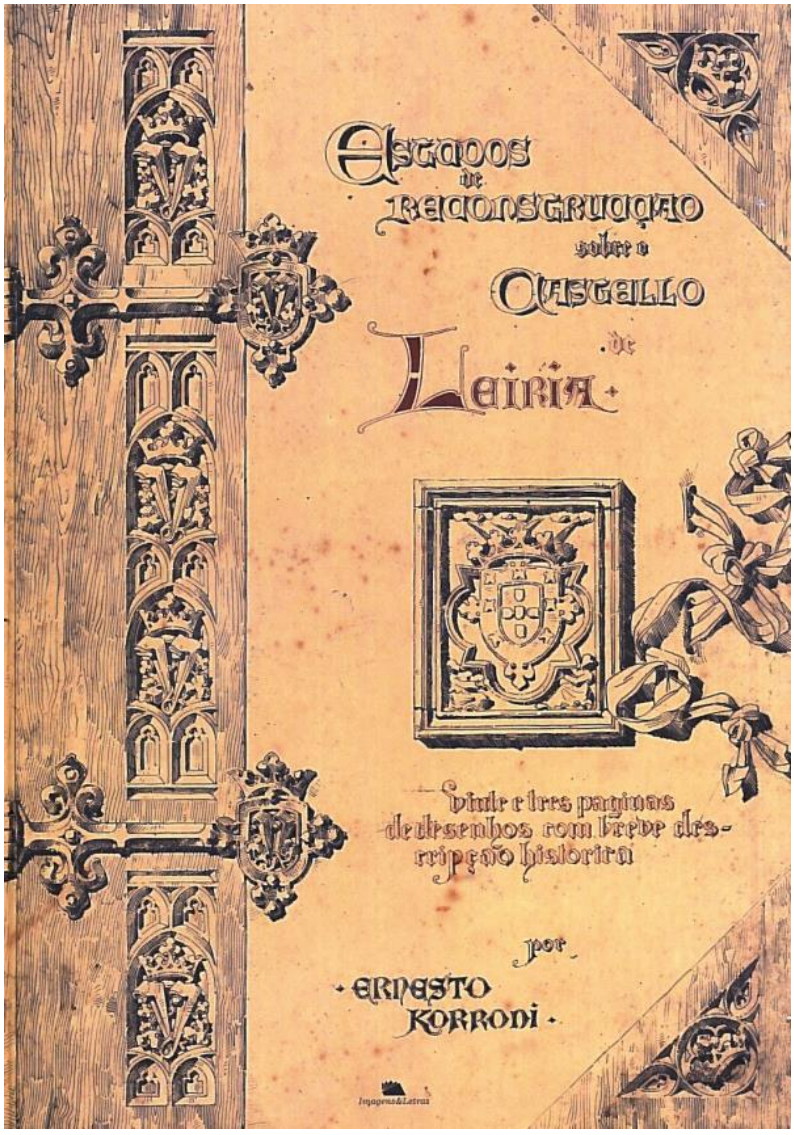


Figura 04.05 Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria, Ernesto Korrodi, 1898

[1] - KORRODI, Ernesto, *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria. Reonstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuesaa (Prospecto),* Zürich, Instituto Polygraphico, 1898.

Prossegue o autor: "*Testemunha um elevado grau de exaustividade e recorre a uma ponderada análise dos vestígios que foram minuciosamente escrutinados pelo arquiteto. E denota, desde logo, um empenhamento cívico e até um sentido de pertença a uma comunidade que o acolheu e que fez sua: a sua casa, a bem dizer, Leiria -e Portugal. Mais: o cunho artístico depositado nas estampas de Korrodi, aponta igualmente para um entendimento da arquitetura medieval e da morfologia do castelo em particular, que viria a deixar marcas decisivas naquilo a que costumamos chamar a "ideologia do património" em Portugal.*"

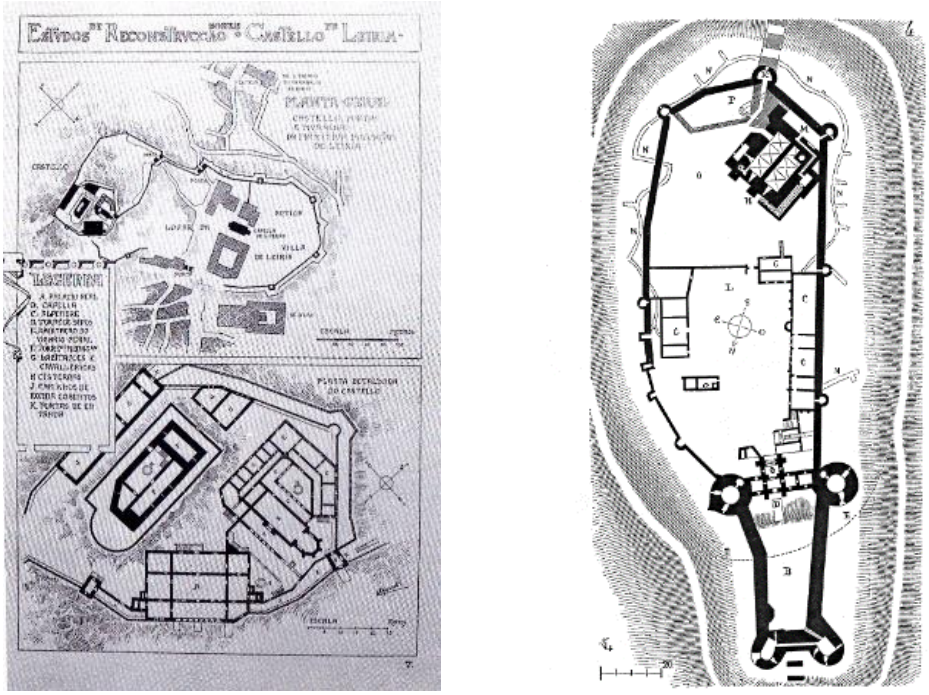


Figura 04.06 Estudos de Ernesto Korrodi

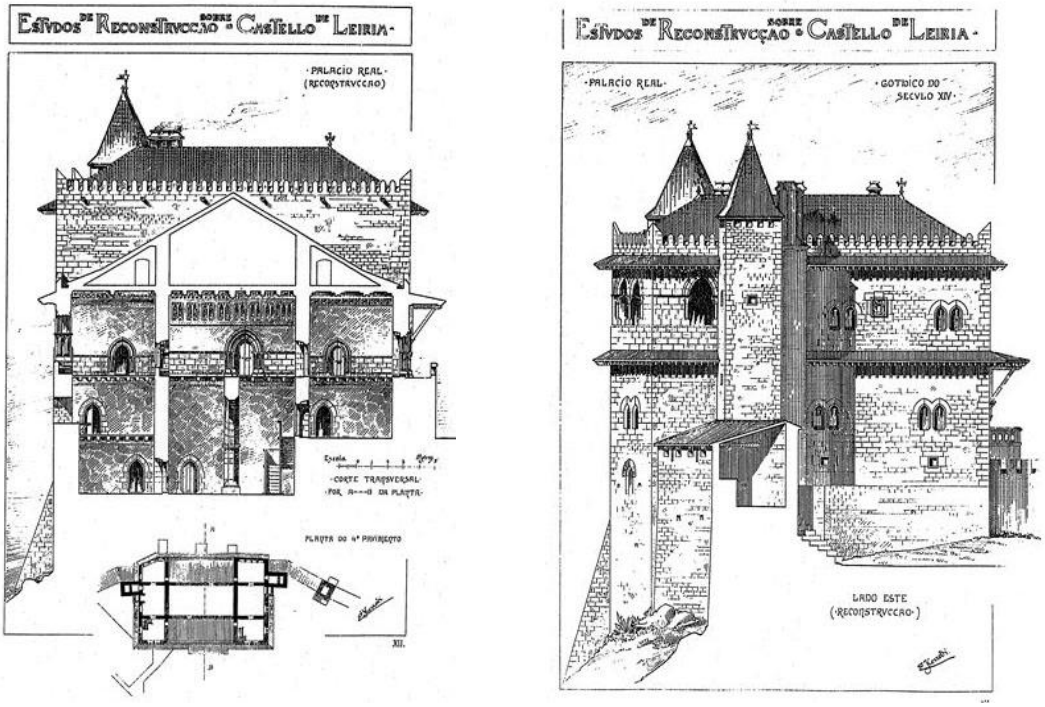


Figura 04.07 KORRODI, Ernesto, Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria. Reconstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa (Prospecto), Zürich, Instituto Polygraphico, 1898 (Estampas, XI e XII)

05. CASOS DE REFERÊNCIA

05. CASOS DE REFERÊNCIA

5.1 POUSADA SANTA MARINHA DA COSTA, GUIMARÃES

A Pousada de Santa Marinha da Costa, localiza-se em Guimarães. Foi reabilitada com projeto do professor Fernando Távora.

Originalmente, era o Mosteiro de Santa Marinha da Costa que terá sido convertido a tal no final do século XI, tendo sido entregue aos cónegos de Santo Agostinho no século XII. Terá sido esta congregação que ampliou a igreja original, adicionando quatro alas que formaram um novo claustro.

O conjunto é formado por uma igreja de planta longitudinal, de uma nave única com duas torres sineiras na fachada principal, e por uma parte conventual de quatro alas que formam um claustro, de dois registos diferentes: arcaria assente em colunas de capitéis jónicos e, o outro, de janelas de sacada com guarda em ferro.

Em 1951, o convento sofre um incêndio, tendo sido essa parte posteriormente restaurada e reconvertida em Pousada.

O processo de reabilitação e reutilização levado a cabo por Fernando Távora, viria a constituir um dos melhores exemplos de uma intervenção contemporânea num edifício com um grande arco de sedimentação histórica, que recua em bom rigor ao século IX-XII e avança até ao século XVIII. A intervenção do século XX constituiu, aliás, uma lição de "como fazer" em circunstância aproximadas. Uma boa síntese crítica e avaliadora deste processo, diz-nos: "*Em Santa Marinha, recuperou os espaços do mosteiro, devolutos, conferindo-lhes uma dignidade hoteleira, sem introduzir alterações estruturais de monta, com exceção de uma escada cenográfica, que substitui uma escada demolida. No exterior, porém, atendendo ao programa, acrescentou duas alas de quartos, mediante o desenho de um edifício de linguagem moderna, com planta em "L", virada para a cidade, e oferecendo de cada quarto uma vista panorâmica através de grandes janelões. Estes, por sua vez, foram protegidos por encaixilhamento moderno em cor sangue de boi, cor utilizada para os caixilhos da parte antiga do mosteiro e em voga na arquitetura monástica*

minhota do século XVII-XVIII. Adotou um sistema com uma métrica precisa, evocando, sem qualquer concessão ao "pastiche", as gelosias características de cidades minhotas como Guimarães ou Braga(…). A configuração elançada, baixa, quase de expressão monovolumétrica, implantada a meia encosta a uma cota inferior à da base do edifício principal do Mosteiro e Igreja, apresenta uma linguagem moderna que interpreta a paisagem e, simultaneamente, obedece à dinâmica a que um monumento deste tipo conduziria (como, de facto, conduziu), caso a sua vida se tivesse prolongado, o que acabou por acontecer através da sua conversão em pousada. A parte de "obra nova" adquire o mesmo valor simbólico que a "obra antiga". (Pereira, 2009, p. 576).

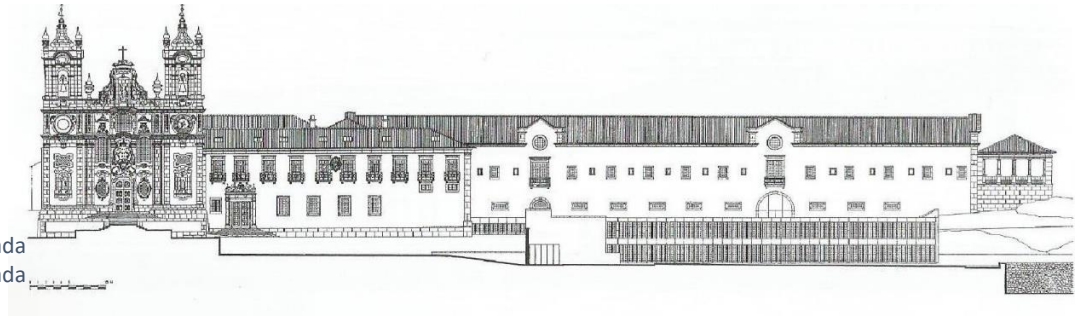


Figura 05.01 Fachada principal (fachada poente)



Figura 05.02 Complexo novo adicionado ao Mosteiro

POUSADAS DE PORTUGAL

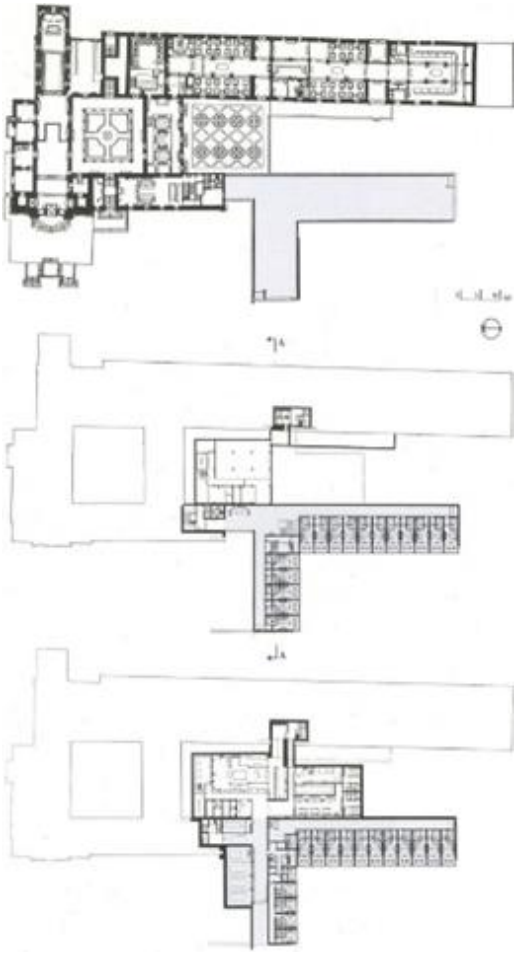


Figura 05.03 Plantas do projeto do Mosteiro



Figura 05.04 Complexo novo adicionado ao Mosteiro

O estudo da Pousada Santa Marinha da Costa é pertinente por ser também uma intervenção num edifício de arquitetura eclesiástica, que foi reconvertida para uma unidade hoteleira, respeitando o preexistente aliado a uma nova intervenção, juntando assim o antigo com o novo.

5.2 POUSADA CONVENTO DA GRAÇA, TAVIRA

A Pousada Convento de Nossa Senhora da Graça, localiza-se em Tavira, e foi reconvertida em pousada com projeto do arquiteto João Sousa Campos e projeto de interiores da arquiteta Cristina Sousa Uva.

O convento é um edifício urbanisticamente importante no centro histórico da cidade por estar implantado na colina, causando assim um forte impacto visual na paisagem. O edifício foi construído onde outrora se situava a antiga judiaria; com a expulsão dos judeus e a destruição das sinagogas houve uma desocupação do local que, posteriormente, cedeu o lugar ao Convento de Eremitas Descalços (Santana, 2011; 2006).



Figura 05.05 Vista da Pousada de Tavira

Pousadas de Portugal

Do convento original pouco resta: apenas sobrou o claustro que mantém a sua estrutura original de forma quadrangular com colunas e capitéis toscanos. As alas conventuais foram remodeladas por o arquiteto algarvio Diogo Tavares, figura marcante do tempo barroco, e pelo Mestre Bento Correia, esta intervenção é notória na fachada principal organizada simetricamente, com duas torres retangulares nas pontas e composta por grandes janelas de moldura barroca.



Figura 05.06 Vista interior dos claustros

Pousadas de Portugal

O projeto é de grande respeito pelo preexistente. Especialista em arquitetura militar portuguesa no mundo, o arquiteto fez jus da sua vocação e promoveu tão só, e apenas, numa primeira aproximação, o restauro integral do edificado. No conjunto, harmonizou o que se encontrava em ruína ou mal conservado e promoveu pequenos ajustamentos, com uso de materiais contemporâneos de modo a consolidar o existente. Assim, a imagem do Convento foi retomada e oferecida à cidade, com uma reutilização que se reputa de ótima que foi complementada pelos arranjos e projeto de interiorismo de Catarina Uva. Praticamente, pode dizer-se que dos 36 quartos existentes, o aproveitamento convocou a disposição original, com as adaptações necessárias de modo a responder à legislação e, naturalmente, ao conforto dos hóspedes. Os acrescentos são resolvidos de forma sensível como a piscina e áreas de lazer.

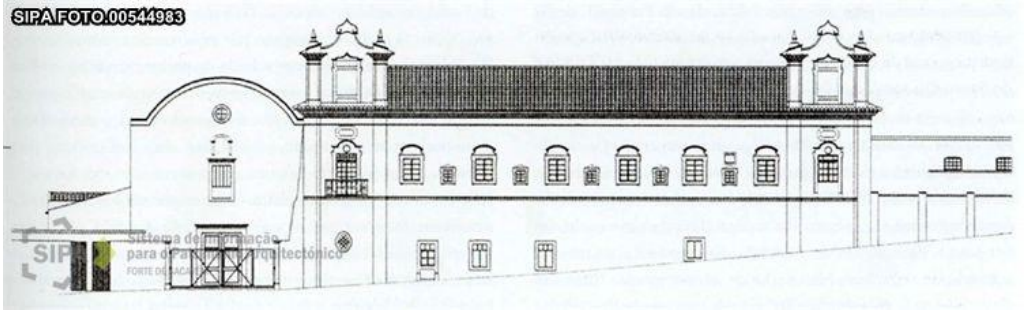


Figura 05.07 Fachada principal (fachada sudeste)

SIPA

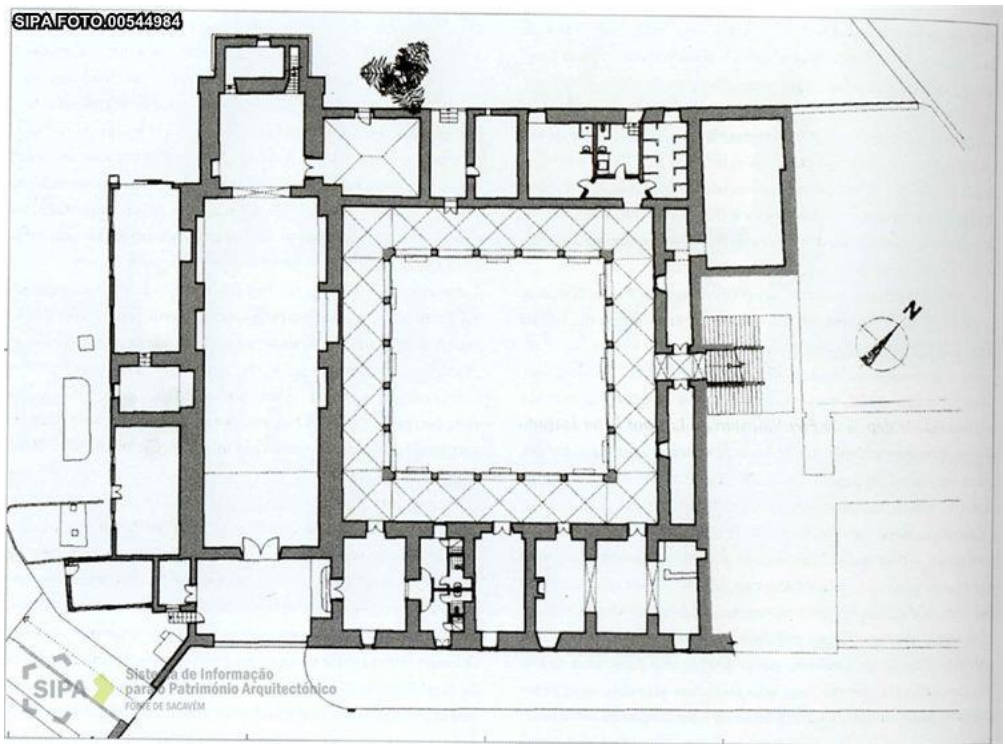


Figura 05.08 Planta Piso 0

SIPA



Figura 05.09 Vista da Pousada

POUSADAS DE PORTUGAL

O estudo do Convento da Graça recai no respeito pelo edifício e pela sua história, o arquiteto e autor do projeto devolve este edifício à cidade, restaurando a imagem que este tinha no território.

5.3 EXMO.HOTEL, PORTO

O hotel localiza-se na zona ribeirinha da cidade do Porto, com um projeto do atelier Floret[2].



Figura 05.10 Fotografia da fachada principal

ARCHDAILY

O edifício original do século XIV, terão inicialmente sido dois edifícios distintos que, posteriormente, se terão agregado dando origem à configuração atual. O edifício ganha a fachada neoclássica no período "almadino" ou do Porto dos Almadas. No entanto, contíguo à estrutura do edifício de cinco andares – porque se trata, efetivamente, de um antigo edifício de rendimento de finais do século XVIII, persistem os encostos às muralhas de silharia antiga em granito da Ribeira, que possuem um valor evocativo e uma força textural poderosas. Além do

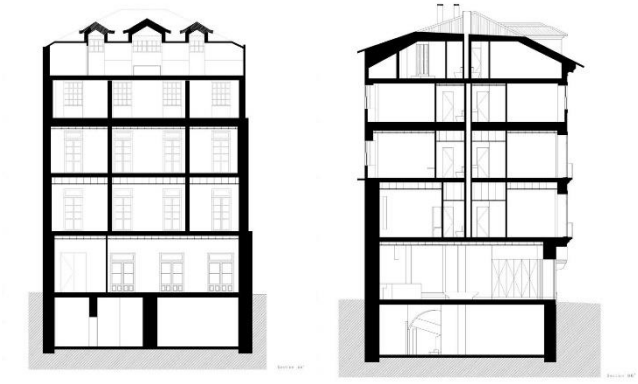


Figura 05.12 Cortes verticais do Exmo.Hotel

ARCHDAILY

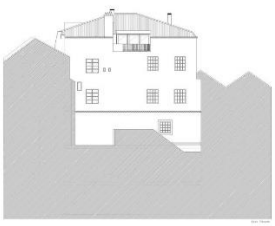


Figura 05.11 Fachada Sul

ARCHDAILY

[2] arquiteta Adriana Floret e coordenador David Afonso

mais, alguns elementos apontam para persistências medievais do período gótico, que foram preservadas.

Já no século XX, o edifício sofre uma intervenção da dupla de arquitetos Carlos Loureiro e Pádua Ramos que desenham uma escadaria modernista, que ainda existe no edifício.



Figura 05.13 Fotografia do bar

ARCHDAILY

Aquando da intervenção do atelier Floret, o edifício tinha à data cumprido diversas funções e como consequência o edifício já tinha sido alvo de várias obras para se adaptar aos diferentes usos.

O objetivo do atelier foi o de manter as camadas do tempo deixadas pela história do edifício, fazendo assim uma intervenção pouco intrusiva que respeitasse as mutações sofridas ao longo dos anos.



Figura 05.15 Fotografia interior

ARCHDAILY

O atelier manteve a escadaria, e renovou-a, mas ganhando a marca do modernismo internacionalista que fazia parte da história da casa, enquanto renovou as zonas de habitação que passaram a quarto de hóspedes. Já nas zonas baixas, o partido estético, para além do design



Figura 05.14 Escadas modernistas

ARCHDAILY

moderno dos equipamentos, foi, precisamente, o de fazer contrastar este novo uso hoteleiro de grande qualidade, contra o cenário – que é mais do que isso, é uma verdadeira lição de história – das paredes antigas e da sua cor cinzenta e granítica, granulada e marcada pela imponência da cantaria.

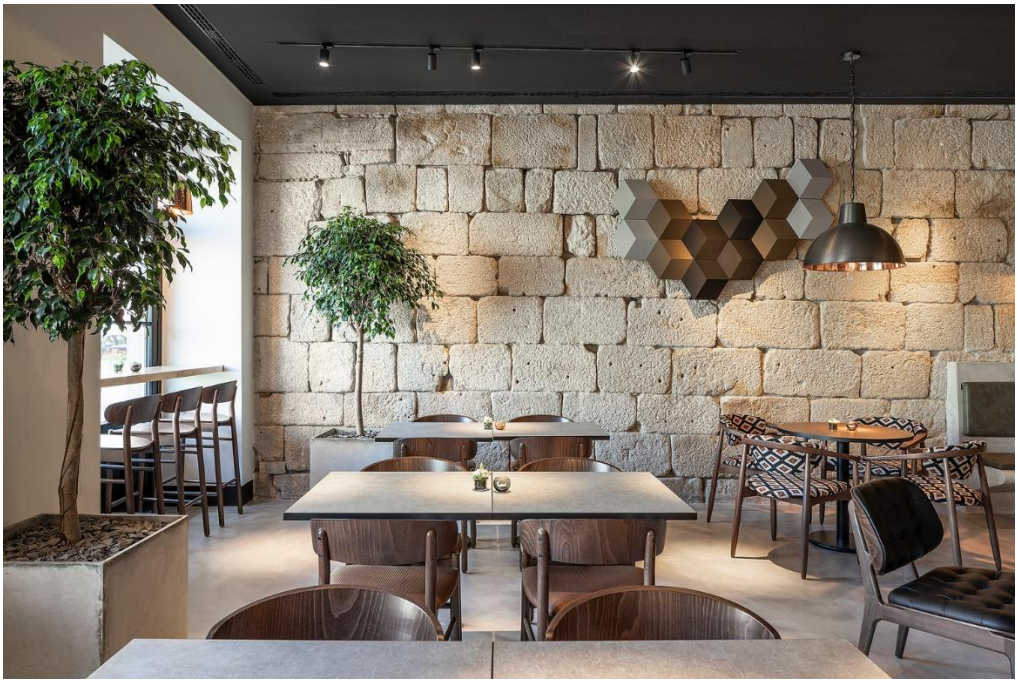


Figura 05.16 Fotografia interior da zona de refeições

ARCHDAILY

O resultado, que passou por refuncionalizar os acessos verticais e modernizar os revestimentos murais dos quartos, resultou num processo que, por um lado, devolveu à cidade, mas renovada, a silhueta deste magnifico exemplar de arquitetura setecentista, ao mesmo tempo que conferiu um reuso compatível com as pré-existências. Num processo a nosso ver exemplar de nosso e reutilização.

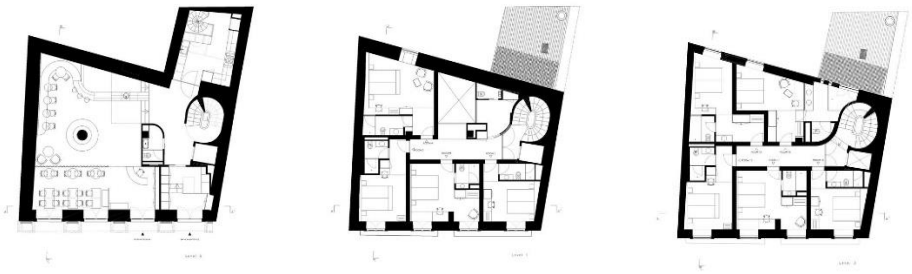


Figura 05.17 Plantas do Exmo.Hotel

ARCHDAILY



Figura 05.18 Alçado principal (fachada norte)

ARCHDAILY

O estudo do Exmo.Hotel como caso de referência baseia-se na relação criada entre os elementos que marcaram as épocas por que este edifício passou e a introdução de elementos modernistas. Não só os autores do projeto respeitaram e reabilitaram elementos que já se encontravam no local, como os articularam com novos elementos, fazendo com que este edifício seja uma espécie de museu de diversas épocas que se inscreveram nele.

06.PROPOSTA

06. PROPOSTA

6.1 PROPOSTA URBANA

A área em estudo localiza-se na zona histórica da cidade de Leiria, parte alta da cidade. O espaço exterior é, atualmente, um parque de estacionamento destinado às forças policiais e um campo de desporto que apresenta sinais de abandono. Os edifícios confinantes ao edifício em estudo, o Museu da Imagem e Movimento, o edifício administrativo e o armazém, confinam neste espaço exterior tendo acesso tanto diretamente como por via de um elemento de circulação vertical, não podendo assim privar estes utilitários do respetivo espaço.

A proposta recai na remoção do estacionamento de veículos deste espaço, passando assim a existir um novo parque de estacionamento, agora subterrâneo (precedido, na sua construção, dos necessários e incontáveis trabalhos arqueológicos), com acesso a partir da nova estrutura proposta a que acresce a eliminação do campo de desporto existente. O espaço exterior passa a ser apenas para utilidade de peões com uma zona de esplanada, zona de estar, de reflexão e um espaço de água, num percurso que acompanha a muralha ao longo de toda a sua extensão presente no espaço exterior. Os edifícios adjacentes ao espaço exterior servirão de apoio à vivência do mesmo, nomeadamente com

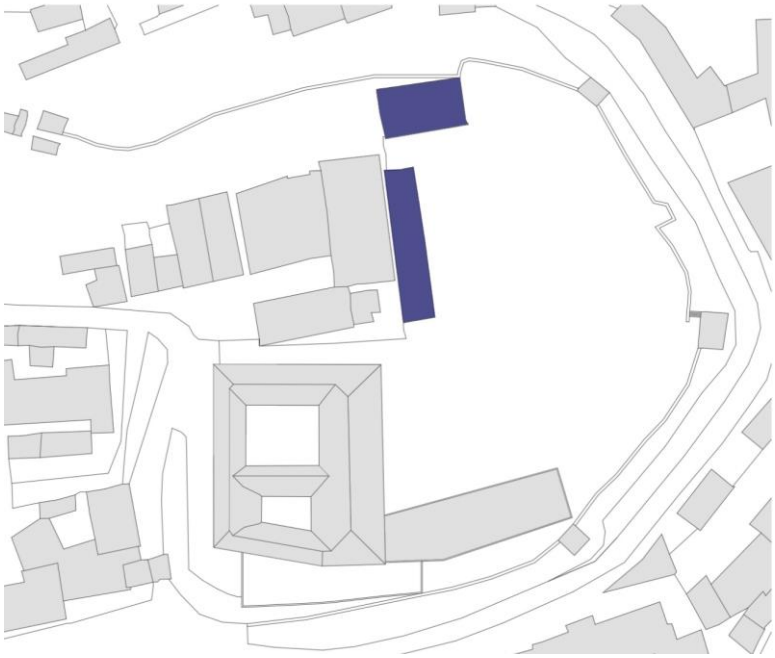


Figura 06. 01 Edifícios adjacentes

espaços expositivos e/ou de atelier, tanto dedicados ao arquiteto Ernesto Korrodi como a outros artistas.

O jardim a sul do edifício apresenta, como parte do edifício principal, sinais de abandono pelo que receberá obras de requalificação. É um espaço resguardado do que acontece nos espaços mais centrais da unidade hoteleira, uma vez que este se localiza numa cota mais baixa junto da muralha. Neste espaço procura-se fazer um percurso que envolva a fonte que nele existe criando também espaços de permanência e de estar, uma que vez que este é um espaço mais calmo que proporciona à reflexão.

A escolha dos materiais de uso exterior foi pensada na utilização dos espaços, recaindo a escolha em lajetas de betão e/ou microbetonilha para zonas de maior desgaste e que tenham de ser impermeáveis, complementada no pavimento por *terraway* assegurando zonas permeáveis.

6.2 PROGRAMA

O edifício do antigo Paço Episcopal, atual Comando Distrital de Leiria e Polícia de Segurança Pública, e apesar de este ter um uso até então, poucas foram as obras de preservação ou reabilitação realizadas nos últimos anos, como tal o edifício apresenta sinais da passagem do tempo. As intervenções realizadas têm sido apenas pontuais, de maneira a resolver apenas pequenos problemas, nunca tendo sido realizada uma obra de intervenção mais exaustiva.

Atualmente, o edifício possui utilidade pública. O piso inferior onde se situa a entrada principal serve para atendimento ao público, albergando assim uma parte administrativa da polícia e as respetivas celas, já o piso superior, andar nobre do edifício em causa, também acolhe a parte administrativa, mas do comando distrital, e por último, atualmente, no piso inferior existe o posto médico da polícia.

Ao longos dos anos foram acrescentados armazéns anexos de apoio às atividades desenvolvidas no edifício principal e o espaço exterior também

foi sofrendo alterações para que melhor se adaptasse à atividade principal dos edifícios adjacentes.

A proposta de projeto começa por eliminar os edifícios anexos ao edifício principal, pois tanto apresentam um elevado estado de degradação como não têm qualquer valor arquitetónico. No lugar destes, é proposto uma nova edificação que acompanha a linha visual do alçado sul do edifício principal.

O programa divide-se por pisos:

i) no piso de entrada concentra-se a zona pública do edifício, sendo o hall de entrada simétrico;
   a. no lado esquerdo encontra-se a parte administrativa, juntamente com espaços dedicados a conferências;
   b. do lado direito instala-se o acesso à unidade hoteleira, antecedido pela receção.

ii) Na unidade hoteleira concentra-se então o restaurante, o bar e uma sala de jogos, com os respetivos espaços de apoio e as instalações sanitárias.

iii) No edifício novo, o piso principal acompanha a linguagem do edifício antigo e passa a incluir um espaço cultural, que se pode transmudar em auditório com capacidade para cerca de 200 espetadores, como apoio à dinâmica do centro histórico da cidade e dos eventos que se realizam na parte alta da cidade, entre muralhas.

O piso superior é totalmente reservado a hóspedes, pois é lá que se concentram todos os quartos e os respetivos espaços de apoio à estadia nos mesmos. A organização dos quartos faz-se por alas: na ala poente concentram-se os quartos de casal, enquanto que na ala sul se encontram as suites; a ala nascente é dedicada a agregados familiares tendo, assim quartos família e um espaço para crianças. No novo edifício oferecem-se quartos *double*, com varanda. Os quartos terão o pé-direito rebaixado em relação à circulação horizontal, uma diferença de alturas na transição destes dois espaços que pretende proporcionar um ambiente mais acolhedor e convidativo.

Os quartos são espaços em que nos queremos sentir acolhidos e aconchegados, com esse pensamento o uso de revestimentos recai na utilização das madeiras, por ser um material quente não só ao tato como ao olhar.

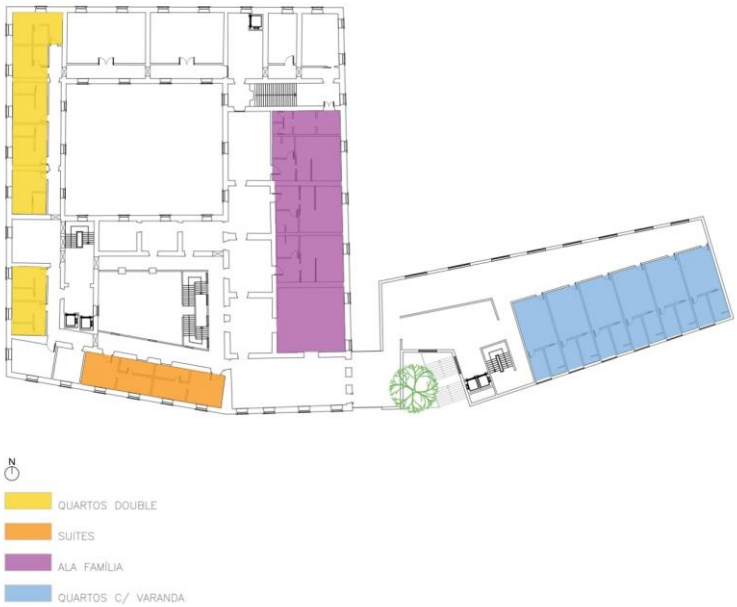


Figura 06.02 Divisão dos quartos por alas

O piso inferior é exclusivamente da utilidade dos funcionários, com espaço de refeições e de estar e as respetivas instalações sanitárias e balneários, de ressalvar que em todos os pisos existem instalações sanitárias reservadas a funcionários e no último piso acresce um balneário.

O piso inferior do edifício novo dá acesso ao parque de estacionamento subterrâneo, aos anexos e zonas técnicas.

Em termos de acessibilidade, na receção do hotel existe um núcleo de circulação vertical, composto pelas escadas principais do edifício, já existentes, e elevadores, e uma opção de circulação horizontal envolvente do claustro; no saguão do edifício mantém-se uma segunda escada, pré-existente. Existe uma terceira escadas reservada exclusivamente aos funcionários pois interliga os espaços destinados aos mesmo. O edifício principal e o edifício proposto permitem a interligação dos espaços entre os mesmos, no piso superior por meio de um elemento de circulação horizontal que liga as diferentes alas de quartos. Já no piso inferior a ligação não é direta, uma vez que os espaços dos edifícios não

se tocam, ou seja, a laje do piso superior serve de cobertura à circulação horizontal entre edifícios. Quando saímos do edifício principal este espaço permite-nos permanecer nesta espécie de varanda, descer para o jardim lateral ao edifício ou entrar no edifício adjacente.

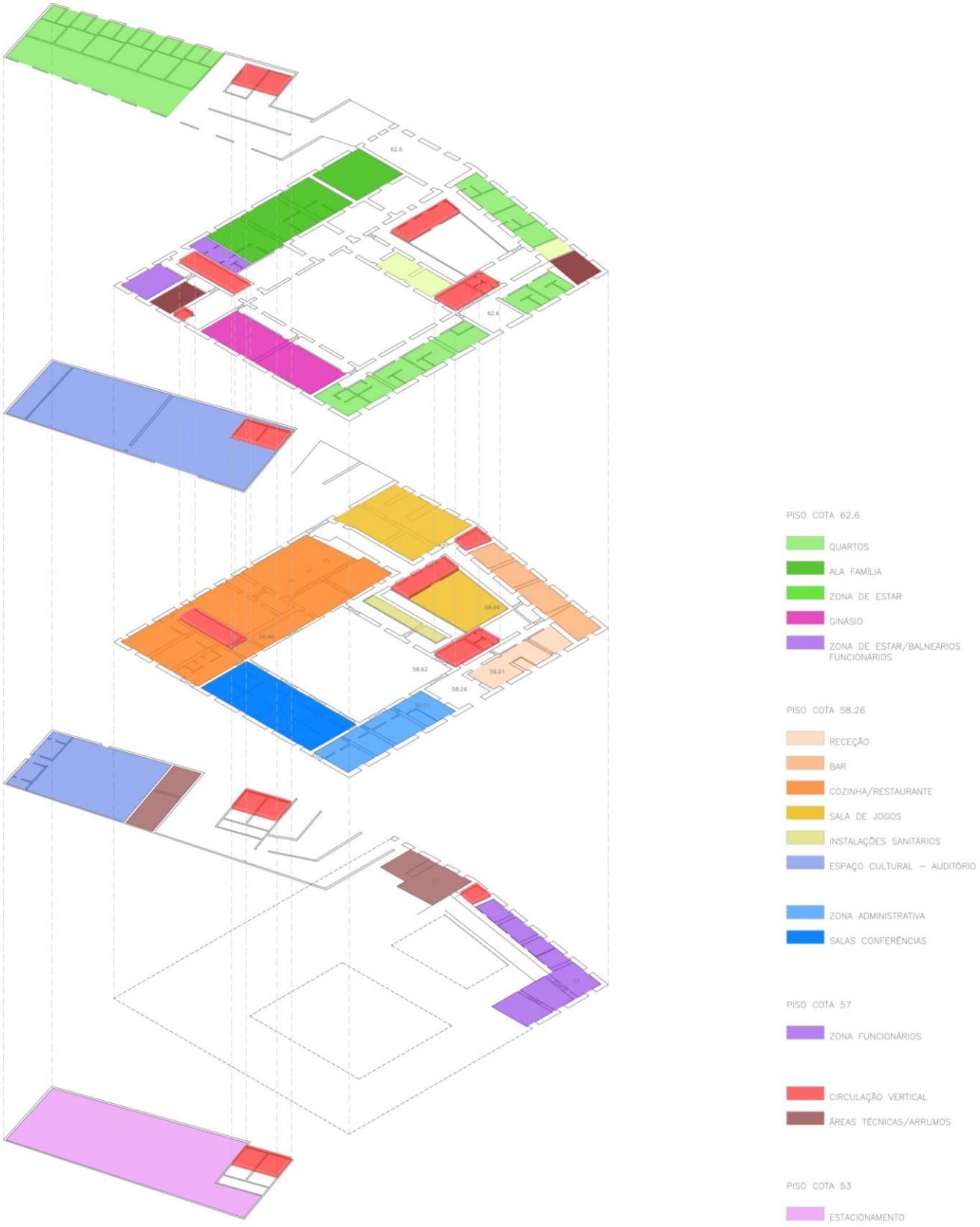


Figura 06.03 Organograma dos espaços - Antigo Paço Episcopal de Leiria

Fonte: elaboração própria

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o edifício não é uma peça arquitetónica de grande impacto, mas que contém um papel importantes na definição da cidade baixa atendendo à sua volumetria e presença e carácter, bem, como valor rememorativo, a sua valorização é entendida como fundamental.

Alguns aspetos, convém insistir, resultam de uma mágoa que é consequência de uma certa desatenção na administração de áreas urbanas de grande valor patrimonial. De facto, o uso apropriativo de uma área ampla como parque de estacionamento não se justifica. Mais acrescentamos que acaso o parque subterrâneo, por inerência da existência de potenciais valores arqueológicos no subsolo não se vier a concretizar, a eliminação do estacionamento e a sua reconquista para espaço público devidamente harmonizado assevera-se fundamental. É inexplicável que na cerca antiga da cidade persistam elementos espúrios como esse – dir-se-ia a uma famosa montra "de lata", como são a maioria dos parques de estacionamento automóvel nas cidades e vilas, e atende-se à possibilidade de uma instalação afastada que seja colmatada na sua distância por um pequeno bus permanente em regime de "hop-in/hop off", a cargo do promotor do hotel ou da própria edilidade, que muito ganharia ainda se tal elemento fosse de energia limpa.

Por outro lado, não podemos esquecer que nas proximidades deste grande casarão, existe um dos mais importantes testemunhos da arquitetura românica do centro/sul de Portugal: a Igreja de São Pedro. Este elemento que é vizinho e quase contíguo ao Palácio, merece um entorno bem mais qualificado do que aquele que hoje encontramos.

A dignificação do palácio e a intervenção, mesmo que sucinta, à escala urbana, devolve dignidade a este espaço intramuros. A utilização cultural complementa a necessária oclusão das áreas do palácio dedicadas à hotelaria, facto que não afeta, antes ajuda a uma revitalização da área, que necessita urgentemente de requalificação urbana.

Cremos que a proposta apresentada, simples na sua formulação – aliás, propositadamente simples – se alinha como uma possibilidade de resignificação do Palácio, procedendo a uma nova apresentação do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TESE DE MESTRADO E DOUTORAMENTO

ADA., *Ernesto Korrodi – Uma Marca na Cidade*, ADA, Aveiro, 2009

ALVES DA CUNHA, J. (2014). *O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX, Volume 1.* Lisboa: Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento em Arquitetura – Teoria e História.

COSTA DIAS, L. (2012). *A Sustentabilidade na Reabilitação do Património Edificado.* Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil – Perfil Construção.

COUTINHO, A. (2009). *Património [In]tocável: Reflexão crítica sobre os efeitos do turismo cultural nos centros históricos*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

FERREIRA, A. (2014). *Reutilização Adaptativa do Património Arquitectónico. Transformação do Património Industrial Belga em Espaços de Aprendizagem.* Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Tese de Mestrado em Arquitetura.

FREITAS, E. (2016). *Visões e Revisões do Património*. Lisboa: Escola de Tecnologias e Arquitetura, Instituto Universitário de Lisboa, Tese de Mestrado em Arquitetura.

GUERRA, D. (2015). *Contributo para a Valorização do Património Cultural nos Núcleos Urbanos. Caso de estudo – Concelho de Alcochete.* Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tese de Mestrado em Arquitetura Paisagista.

LEITÃO, D. (2016). *A reversilidade como metodologia na reabilitação do património edificado. Quinta de Ermelo, Ancede – Baião.* Vila Nova de Famalicão: Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada Norte, Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

PEIXOTO, H. (2020). *Adaptabilidade do construído: Reconversão da antiga Adega Cooperativa de Braga em coabitação. Volume I.* Braga: Escola de Arquitetura, Universidade do Minho,

Dissertação de Mestrado em Arquitetura, área Cultura Arquitetónica.

PEREIRA, P. (2009), "As Formas" in *Minho: Traços de Identidade* (coord. Paulo Pereira) Universidade do Minho - Conselho Cultural, 2009

SANTANA, Daniel,"O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira", in *Monumentos*, nº 14, Março de 2001, pp. 124–133.

SANTANA, Daniel, "Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira", in *Pousada do Convento da Graça*, Enatur, 2006.

SANTOS,, Regina. M.. R. , Ernesteo Korrodi, A habitação na imagem da cidade de Leiria,, tese de mestrado da Universidade de Coimbra, 2012.

SIMAS, J. (2018). *Património Religioso e Museus Eclesiásticos. Uma proposta para a Igreja Matriz de Santa Cruz (Lagoa-Açores)*. Ponte Delgada: Universidade dos Açores, Tese de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento.

LIVROS

CHOAY, F. (1925) *As Questões do Património.* Lisboa: Edições 70.

CHOAY, F. (1925) *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

FAUSTINO, P.; ALEIXO, S.; CONDE, A. (2020) *Adaptabilidade e Identidade: o mosteiro de São Bento de Cástrs no período 1957-2005.* Évora: Publicações do Cidehus.

KÜHL, B. (2002) *Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a restauração.* São Paulo: Ateliê Editorial.

MONTEIRO, J. (1999) *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando.* Lisboa: Edições Colibri e Faculdade de Letras de Coimbra.

OLIVEIRA, M. (2004) *Ernesto Korrodi: Roteiro na cidade de Leiria*. Leiria: ADLEI, CEPAE.

PIÑEIRO-NAVAL, V.; SERRA, P. *Cultura*, *Património e Turismo na Sociedade Digital – Uma Perspectiva Ibérica*. Covilhã: LabCom.

SMITH, L. (2006) *Uses of Heritage*. New York: Routledge.

RUSKIN, J. (1849) *The Seven Lamps of Architecture.* Londres: Smith, Elden and Co.

VIOLLET-LE-DUC, E. (1854) *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle.* Paris: B. Bance.

DECRETO-LEI

Decreto-lei nº 13/85 da Assembleia da República (1985). Diário da República: I Série A, n.º 153/1985. Retirado de https://data.dre.pt/eli/lei/13/1985/07/06/p/dre/pt/html.

CARTAS

Sem autor (1990) *Património Histórico-cultural da Igreja*. Lisboa, Conferência Episcopal Portuguesa.

Sem Autor (2000). *Carta de Cracóvia. Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído.* Conferência Internacional sobre Conservação. Cracóvia, Polónia.

ARTIGOS E REVISTAS

BLEIBLEH, S.; AWAD, J. (2020). Preserving cultural heritage: Shifting paradigms in the face of war, occupation, and identity. *Journal of Cultural Heritage, 44,* 196-203. Retirado do https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1296207419304340 .

CARBONE, F.; OOSTERBEEK, L.; COSTA, C.; FERREIRA, A. (2020). Extending and adapting the concept of quality management for museums and cultural heritage attractions: A comparative study of Southern European cultural heritage manager's perceptions. *Tourism Management Perspectives, 35.* Retirado do https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211973620300659 .

COSTA, Lucília Verdelho da. "Um palácio burguês: do imaginário ao real", in: Colóquio-Artes, nº 71. Lisboa, 1986.

COSTA, Lucília Verdelho da, Ernesto Korrodi 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património, Editorial Estampa, Lisboa, 1997.

FABBRI, K.; BONORA, A. (2020). Two new indices for preventive conservation of the cultural heritage: Predicted risk of damage and heritage microclimate risk. *Journal of Cultural Heritage.* Retirado do https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1296207420304453 .

FARRELLY, F.; KOCK, F.; JOSIASSEN A. (2019). Cultural heritage authenticity: A producer view. *Annals of Tourism Research*, *79.* Retirado do https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/

pii/S0160738319301276.

LUÍS, N.; ANDRÉ, P. (2017). Para uma nova reflexão: refuncionalização da arquitectura. Abordagens patrimoniais na cidade*. Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão,* 44-58. Retirado do http://www.chaia.uevora.pt/uploads/pdfs/775dd28cc5bcb01abc1593dc96e88146f0abd87d.pdf.

WEBGRAFIA

FLORET, 2020. ArchDaily Brasil: Exmo. Hotel.
https://www.archdaily.com.br/br/923190/exmo-hotel-floret
[Consultado a 29 de abril de 2021]

MATIAS, C., BRÁS, I. e PEREIRA, J., 2002. Paço Episcopal de Leiria/ Comando da Polícia de Segurança Pública.
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10995
[Consultado a 27 de outubro de 2020]

NOÉ, P., GUIMARÃES M. e GONÇALVES, J., 2005. Mosteiro de Santa Marinha da Costa / Igreja Paroquial da Costa / Pousada de Santa Marinha.
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5679
[Consultado a 27 de abril de 2021]

Património Cultural: O que é?
http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e
[Consultado a 17 de novembro de 2020]

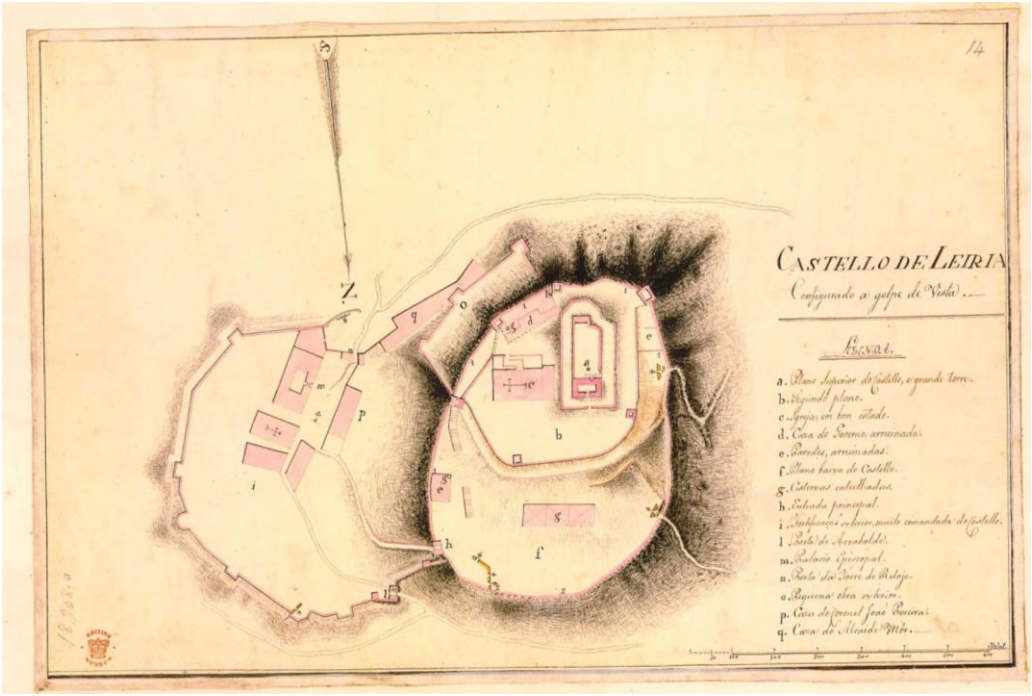
Património
http://www.patrimoniocultural.gov.pt
[Consultado a 9 de novembro de 2020]

ANEXOS

ANEXOS

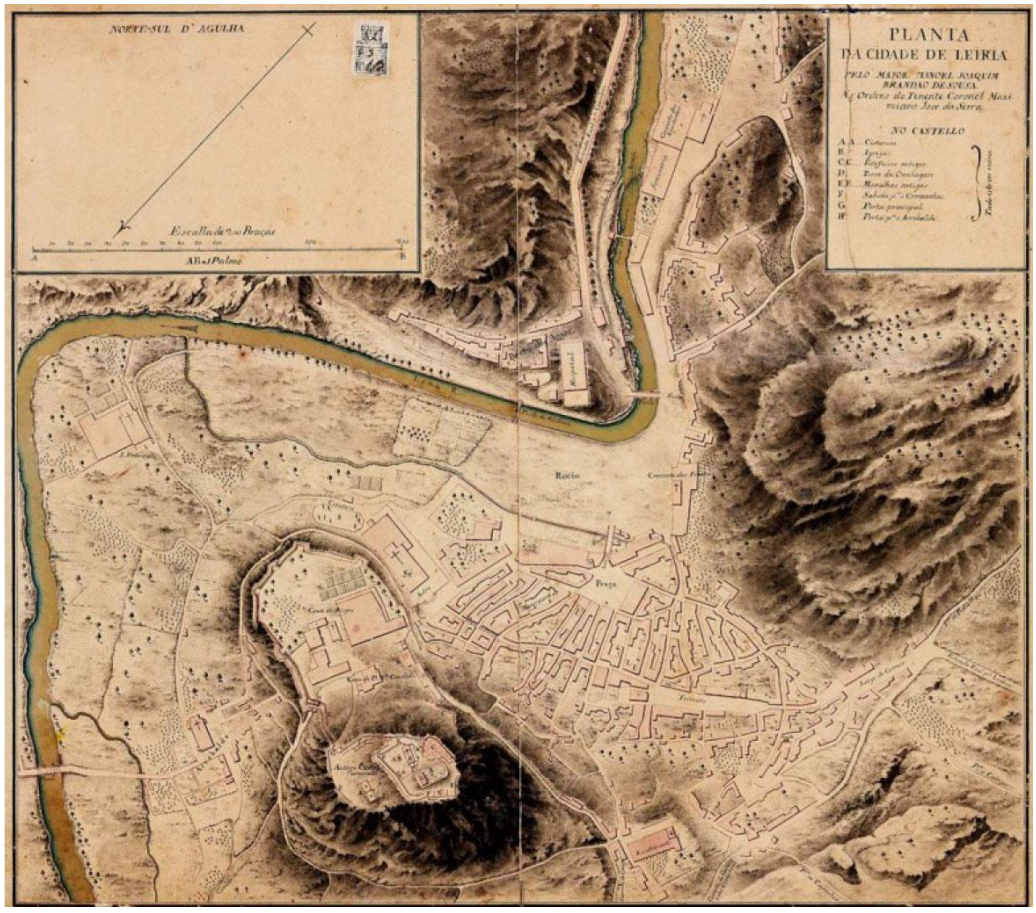
1. CARTOGRAFIA
2. EDIFÍCIO
3. ERNESTO KORRODI
4. PROCESSO DE TRABALHO
5. PAINÉIS FINAIS
6. MAQUETES

1. CARTOGRAFIA



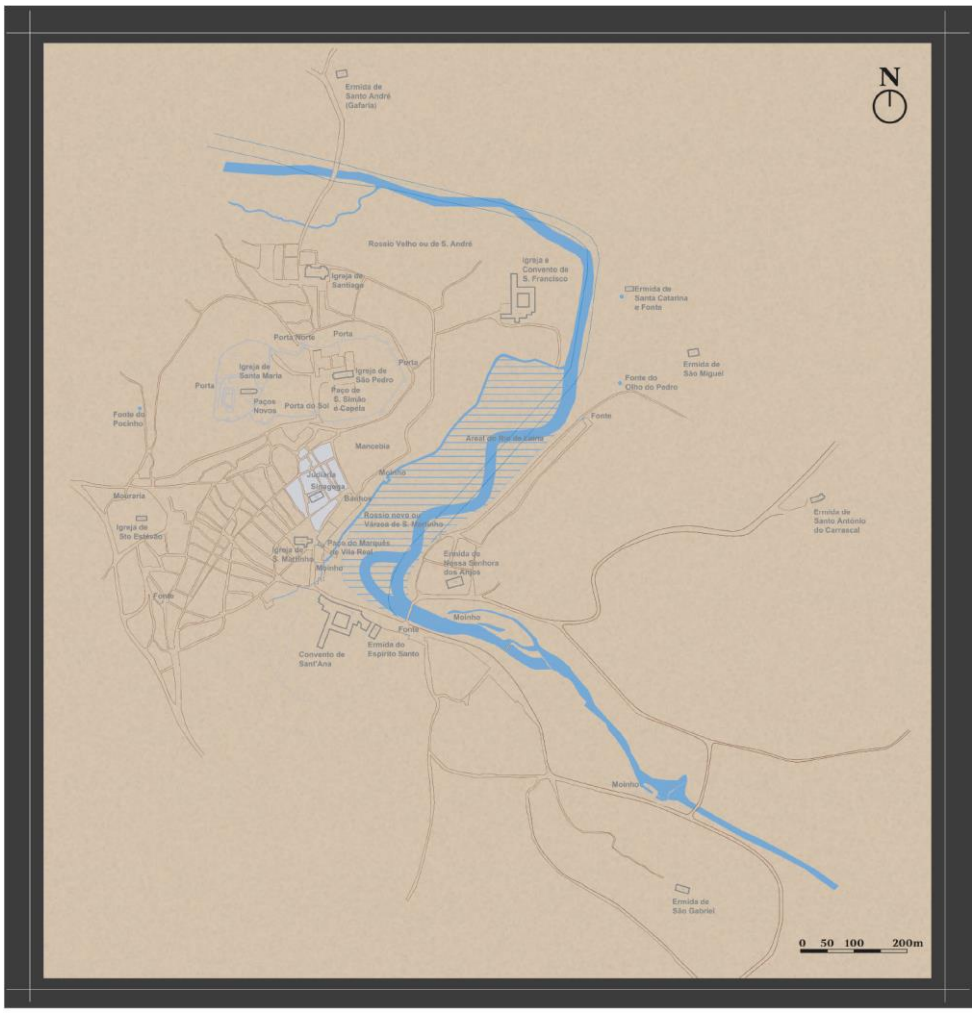
Castello de Leiria. Configurado a golpe de vista (The National Archives, Kew, Cota: MPH 1/151/13)

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

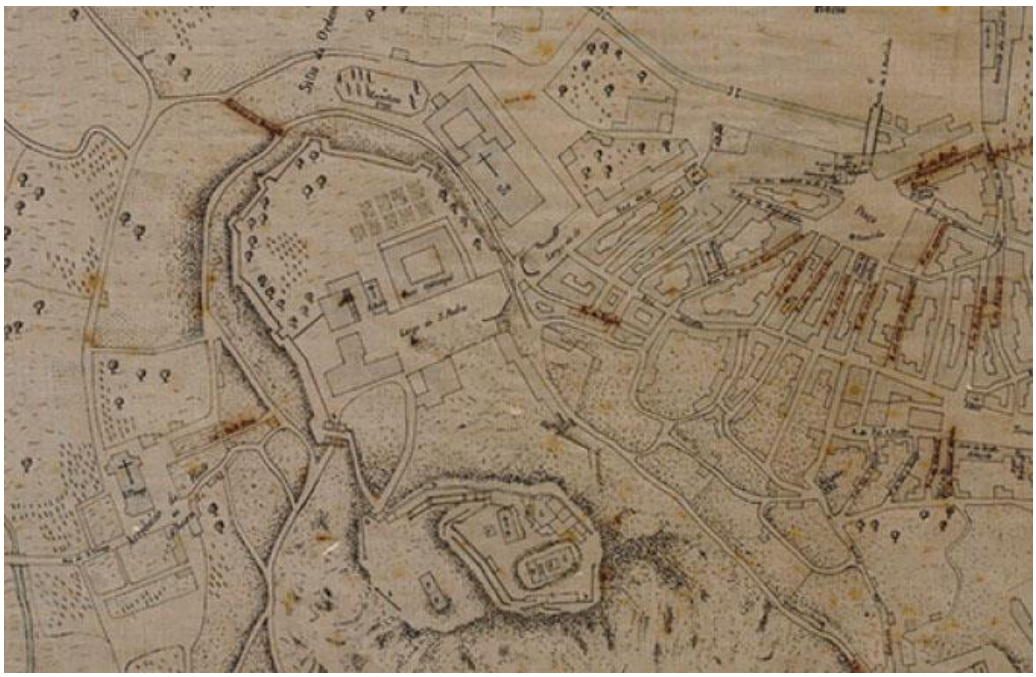


Planta de Leiria existente no Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direcção de Infra-estruturas do Exército: (DSE, A2; P3; No 1B)

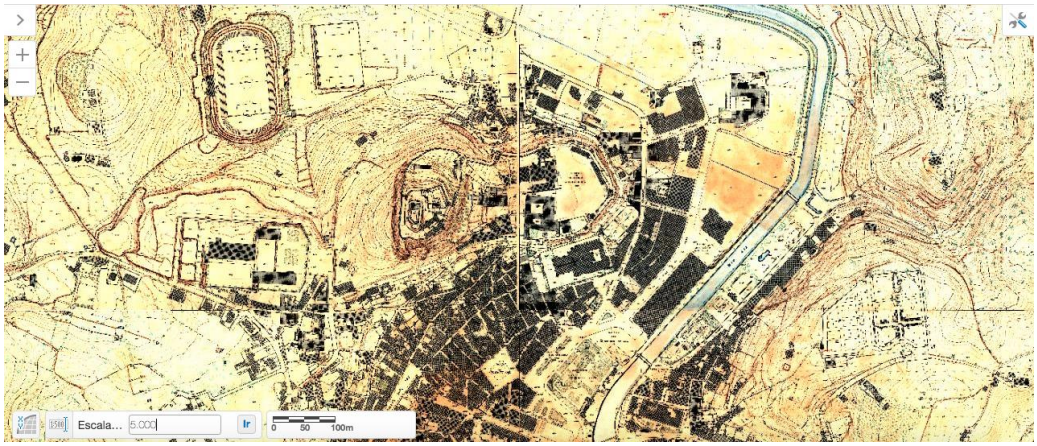
IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica



A Vila de Leiria no final da Idade Média (Câmara Municipal de Leiria)

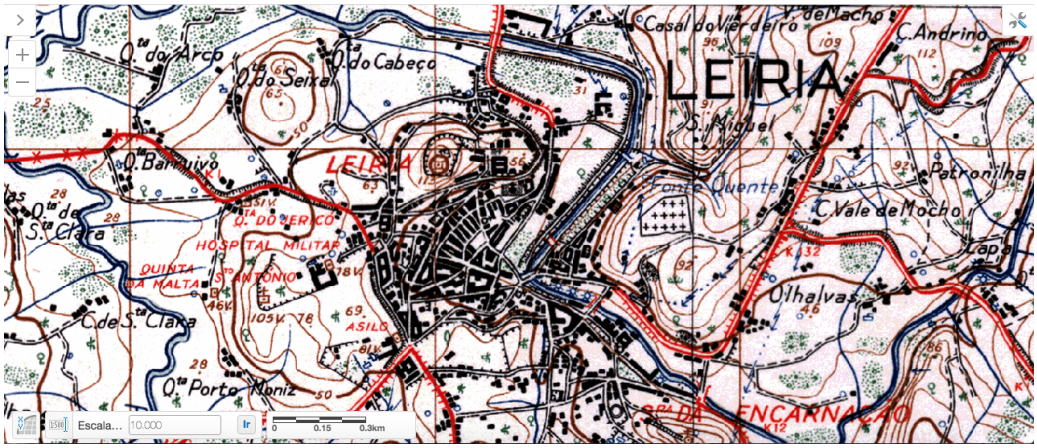


Cartografia ano 1809
(Arquivo Distrital de Leiria)



Cartografia ano 1965-1966

(Câmara Municipal de Leiria)



Carta Militar 1945-52

(Câmara Municipal de Leiria)

Fotografia Aérea 1947

(Câmara Municipal de Leiria)



Fotografia Aérea 1958

(Câmara Municipal de Leiria)



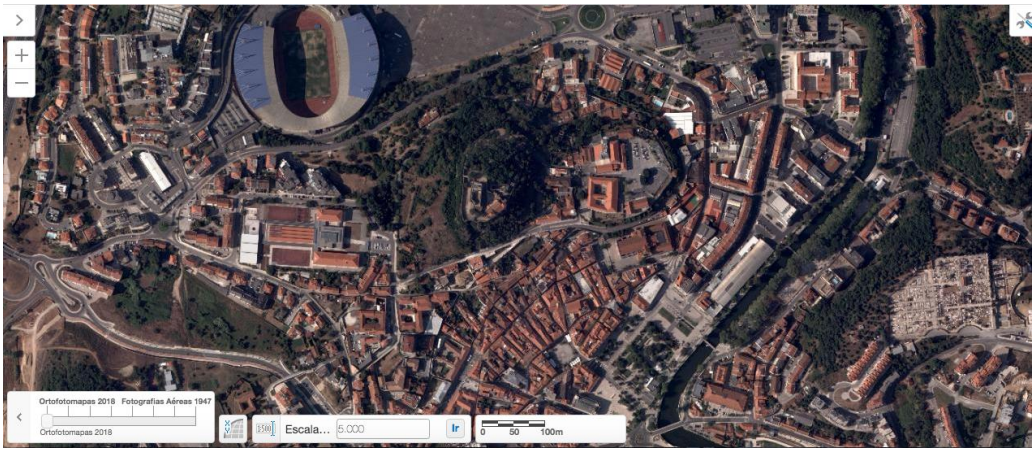
Ortofotomapa 2005

(Câmara Municipal de Leiria)

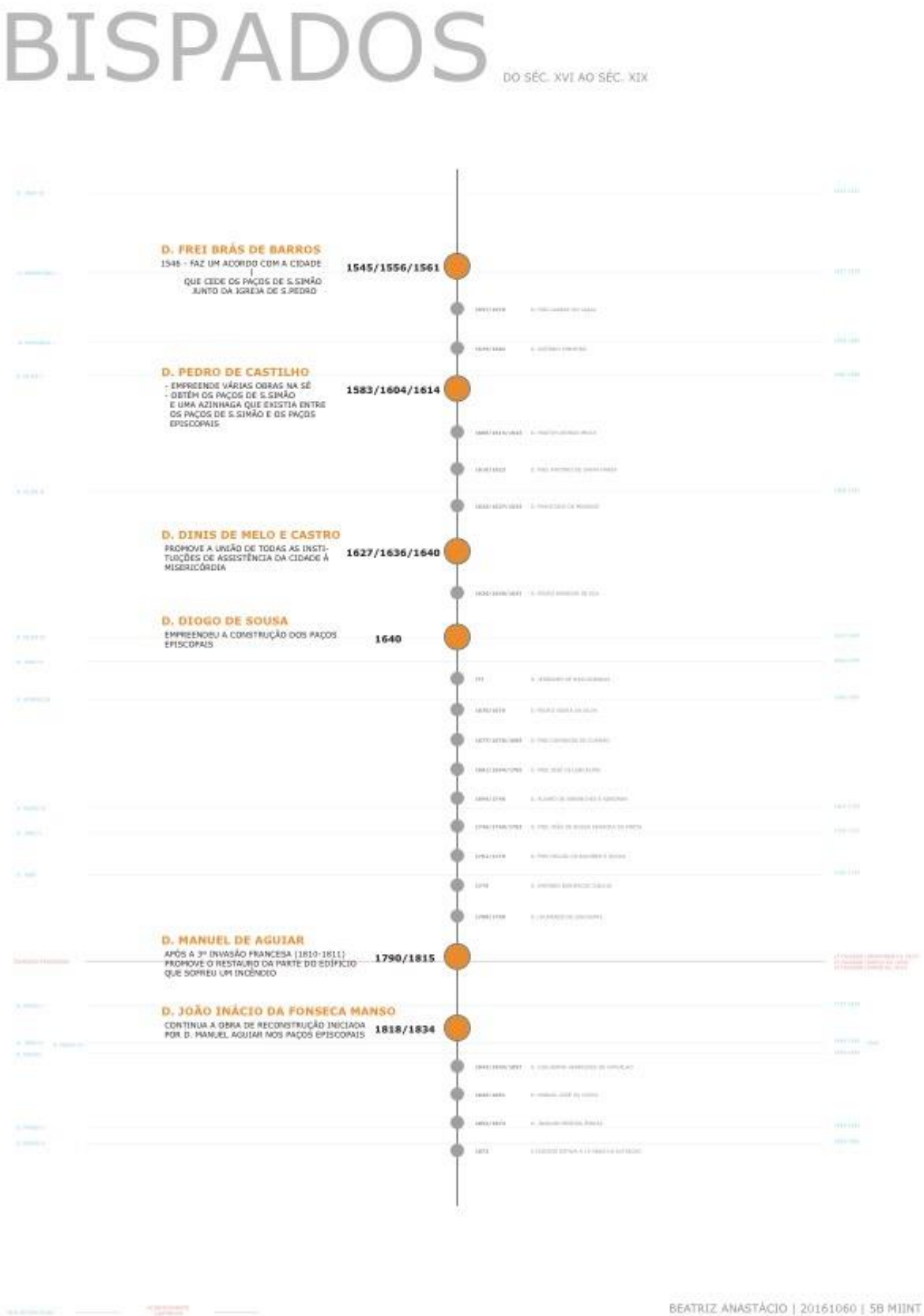


Ortofotomapa 2018

(Câmara Municipal de Leiria)



2. EDIFÍCIO


BISPADOS
DO SÉC. XVI AO SÉC. XIX
D. FREI BRÁS DE BARROS
1545 - FAZ UM ACORDO COM A CIDADE
QUE CEDE OS PAÇOS DE S.SIMÃO
JUNTO DA IGREJA DE S.PEDRO
1545/1556/1561
D. PEDRO DE CASTILHO
- EMPREENDE VÁRIAS OBRAS NA SÉ
- OBTÉM OS PAÇOS DE S.SIMÃO
E UMA AZINHAGA QUE EXISTIA ENTRE
OS PAÇOS DE S.SIMÃO E OS PAÇOS
EPISCOPAIS
1583/1604/1614
D. DINIS DE MELO E CASTRO
PROMOVE A UNIÃO DE TODAS AS INSTI-
TUIÇÕES DE ASSISTÊNCIA DA CIDADE À
MISERICÓRDIA
1627/1636/1640
D. DIOGO DE SOUSA
EMPREENDEU A CONSTRUÇÃO DOS PAÇOS
EPISCOPAIS
1640
D. MANUEL DE AGUIAR
APÓS A 3ª INVASÃO FRANCESA (1810-1811)
PROMOVE O RESTAURO DA PARTE DO EDIFÍCIO
QUE SOFREU UM INCÊNDIO
1790/1815
D. JOÃO INÁCIO DA FONSECA MANSO
CONTINUA A OBRA DE RECONSTRUÇÃO INICIADA
POR D. MANUEL AGUIAR NOS PAÇOS EPISCOPAIS
1818/1834
BEATRIZ ANASTÁCIO | 20161060 | 5B MIINT

O CORONEL

é representativo da Polícia de Segurança Pública constituído por arco liso com virolas nos bordos superior e inferior, encimado por quatro estrelas de seis pontas, das quais três são aparentes. O intervalo entre cada duas estrelas consecutivas é preenchido por um falcão estendido, tudo de ouro.

O OURO
signif ca nobreza, pureza e f delidade.

FLOR DE LIZ
representa o rio Liz e também é o nome de uma f or a que os franceses chamam Lys e entre nos, lírio.
O nome grego do lírio, é Leirion, parecendo ser esta a etimologia de Leiria



O VERDE
representa o pinhal de Leiria e signif ca esperança e liberdade.



DIVISA
num listei de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de estilo elzevir, maiúsculas de negro "VIGILANTES PELA SEGURANÇA".

3. ERNESTO KORRODI

Obras documentadas de Ernesto Korrodi em Leiria
(seg. José Teixeira, TEIXEIRA, José, *Arquiteto Ernesto Korrodi Vi(n)da e obra*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2018, p 31-65)

(1897) – Paços do Concelho
Projeto de construção de edifício público em Leiria, Praça da República, em parceria
com José Theriaga.
(1900) – Altar da Sé Catedral
Projeto de alteração de templo em Leiria.
(19??) – Miradouro
Projeto de construção de arranjo paisagístico em Leiria, Av. Ernesto Korrodi.
(19??) – Teatro Maria Pia
Projeto de alteração de casa de espetáculos em Leiria, Av. dos Combatentes da Grande
Guerra.
(19??) – José Carlos Afonso
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Bairro de
Santana.
(19??) – Capela Funerária
Projeto de construção de templo em Leiria, Carrascal, cemitério.
(19??) – José Maria de Sousa Charters
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria.
(19??) – José de Sousa Charters d'Azevedo
Projeto de alteração de edifício comercial em Leiria, Largo 5 de Outubro.
(19??) – Inominado
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Largo Cândido dos Reis/Rua
João de Deus.
(19??) – Retábulo da Igreja do Convento de Santo Agostinho
Projeto de decoração de templo em Leiria.
(19??) – Retábulo da Igreja do Espírito Santo
Projeto de decoração de templo em Leiria.
(19??) – Professor Narciso Costa
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Afonso Henriques/Rua
Padre António.
A R Q U I T E T O E R N E S T O K O R R O D I – V I (N) D A E O B R A
30
(19??) – António Rodrigues de Oliveira
Projeto de construção de garagem em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque.
(19??) – Lagar de Azeite
Projeto de construção de edifício comercial em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque.
(19??) – Antunes dos Reis
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão
Mouzinho de Albuquerque/Trav. S. Francisco, em parceria com Camilo Korrodi.
(19??) – Capela de S. Brás
Projeto de alteração de templo em Leiria, Largo Cândido dos Reis/Rua João de Deus.
(19??) – Plano Geral de Urbanização de Coimbrão
Projeto de construção de plano urbanístico em Leiria, Coimbrão.
(19??) – Inominado
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Estrada dos Marrazes.
(19??) – Inominado
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Arrabalde d'Alem.

(1901) – Luís José de Oliveira
Projeto de reconstrução de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Tenente Valadim/Largo Luís de Camões, em parceria com José Theriaga.
(1902) – Matadouro Municipal
Projeto de construção de equipamento em Leiria, Rua Fábrica do Papel, em parceria
com José Theriaga.
(1903) – Pavilhão de Doenças Infectocontagiosas do Hospital Civil
Projeto de construção de equipamento em Leiria, Rua Comissão de Iniciativa, em
parceria com José Theriaga.
(1903) – Igreja de Santa Catarina
Projeto de construção de templo em Leiria, Santa Catarina da Serra.
(1904) – José Agostinho Nogueira
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Tenente Valadim
no 1-3, em parceria com José Theriaga.
(1904) – José Agostinho Nogueira
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Tenente
Valadim no 5-7, em parceria com José Theriaga.
(1904) – Fructuoso Silva Netto
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria.
(1905) – Vila Hortênsia
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque.
(1906) – Leitão & C.ia
Projeto de reconstrução de edifício untifamiliar em Leiria, Rua Dr. António Costa, em
parceria com José Theriaga.
(1906) – João Leal & Irmãos
Projeto de construção de edifício untifamiliar em Leiria, Coimbrão, em parceria com
José Theriaga.
(1906) – Lápides Sepulcrais da Sé Catedral de Leiria
Projeto de construção funerária em Leiria.
(1906) – Torre Sineira da Igreja de Milagres
Projeto de alteração de templo em Leiria, Milagres, em parceria com José Theriaga.
(1907) – Manuel Rodrigues Barroca
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque, em parceria com José Theriaga.
(1907) – João Leal
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Coimbrão, em parceria com
José Theriaga.
(1907) – Bispo D. Manuel de Aguiar
Projeto de construção de monumento evocativo em Leiria.
(1908) – Jazigo de José Augusto Serpa
Projeto de construção funerária em Leiria, cemitério.
(1908) – Jazigo de José Maria Tavares Alçada
Projeto de construção funerária em Leiria, cemitério.
(1908) – Jazigo de Rosalina da Costa Azevedo
Projeto de construção funerária em Leiria, cemitério.
(1911) – José Martins da Cruz
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Comandante João Belo
no 4-10.
(1912) – José Maria
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque, no 101.
A R Q U I T E T O E R N E S T O K O R R O D I – V I (N) D A E O B R A
33

(1912) – Manoel da Silva Santos
Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua da Misericórdia/Trav. da
Tipografia.
(1912) – José Gaudêncio Barreto (Casa do Arco da Misericórdia)
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua do Arco da Misericórdia
no 10-14.
(1912) – Hospital D. Manuel de Aguiar
Projeto de alteração de equipamento em Leiria, Rua de Tomar, em parceria com
Fernando Santa Rita.
(1913) – António Antunes
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Av. Cerca de Santana.
(1913) – Balneário da Fonte Quente
Projeto de construção de equipamento em Leiria, Rua Comissão de Iniciativa.
(1913) – Planta da Cidade
Projeto de alteração de arranjo paisagístico em Leiria.
(1914) – Paço Episcopal
Projeto de alteração de equipamento em Leiria.
(1914) – Joaquim de Oliveira Zúquete
Projeto de reconstrução de edifício de habitação e comércio em Leiria, Praça Rodrigues Lobo.
(1914) – Eduardo Martins da Cruz
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua do Amparo/Rua dos
Poços.
A R Q U I T E T O E R N E S T O K O R R O D I – V I (N) D A E O B R A
34
(1914) – José Pedrosa d'Agostinha
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Manuel Simões da Maia
no 354.
(1914) – Lino António da Conceição (Vila Maria)
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Manuel Simões da Maia
no 58.
(1914) – José Maria
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho da
Albuquerque no 97.
(1918) – António da Costa Júnior (Pensão Beira Rio)
Projeto de reconstrução de edifício unifamiliar em Leiria, Rua de Tomar no 2-4.
(1918) – Manuel Ricardo dos Santos Pereira (Quinta do Cónego)
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Cortes.
(1919) – Mercado de Santana
Projeto de construção de equipamento em Leiria, Av. dos Combatentes da Grande
Guerra.
(1919) – Jazigo da Família J. Ramos
Projeto de construção funerária em Leiria, Coimbrão, cemitério.
(1920) – Moagem Leiriense
Projeto de alteração de edifício industrial em Leiria, Av. D. João III.
(1920) – António Marques da Cruz
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque/Rua de S. Francisco.
(1920) – Manuel Ramos Júnior
Projeto de alteração de edifício industrial em Leiria, Marrazes.
(1920) – Quinta do Amparo
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Marrazes.
(1920) – Arranjo Urbanístico da Estação
Plano urbanistico em Leiria, Sismaria.

(1922) – Cândido David da Silva
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Monte de S. Miguel.
(1922) – Manuel Vieira Vardasca
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua de Tomar no 27-29.
(1922) – Banco de Portugal
Projeto de construção de agência bancária em Leiria, Largo 5 de Outubro.
(1923) – José Rodrigues (AMAE)
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Av. José Jardim.
(1924) – João Viseu
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo do Terreiro/Rua João de Deus/Rua Coronel Artur de Paiva.
(1924) – Portalegre Industrial
Projeto de ampliação de edifício industrial em Leiria.
(1925) – Termas de Monte Real
Projeto de construção de unidade hoteleira em Leiria, Monte Real.
(1926) – Inominado
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Almeida
Garret/Largo Cónego Maia/Trav. do Adro/Rua D. SanchoI.
(1926) – Inominado
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão
Mouzinho de Albuquerque.
(1926) – Inominado
Projeto de alteração de garagem em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque.
(1926) – Emília Ferreira da Cruz
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua dos Mártires no 40.
(1928) – Francisco Marques
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão
Mouzinho de Albuquerque.
(1929) – Garage Oliveira
Projeto de construção de garagem em Leiria, Av. dos Combatentes da Grande Guerra.
(1930) – Parque da Cidade
Projeto de arranjo paisagístico em Leiria, Rua Comissão de Iniciativa.
(1930) – Eng. Eduardo Monteiro
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua 31 de Janeiro/Rua do
Comércio.
(1930) – Torre Sineira da Igreja de Santa Catarina
Projeto de alteração de templo em Leiria, Santa Catarina da Serra.
(1932) – Dispensário Anti-tuberculoso e Laboratório da Intendência da Polícia
Projeto de construção de equipamento em Leiria, em parceria com Camilo Korrodi.
(1932) – José Maria Baptista
Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque no 30.
(1932) – Inominado
Projeto de reconstrução de armazém em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque no 109.
(1932) – Inominado
Projeto de construção de plano urbanístico em Leiria, Rua Dr. António da Costa Santos.
(1932) – António F. Barbeiro e Irmãos
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Dr. Correia
Mateus/Av. dos Combatentes da Grande Guerra, em parceria com Camilo Korrodi.
(1932) – Guilhermina Silva Freire

Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Dr. Correia
Mateus no 38-42, em parceria com José Theriaga.
(1933) – Jardim Escola João de Deus
Projeto de construção de equipamento em Leiria.
(1933) – José Pedro Dias
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo 5 de
Outubro.
(1933) – Estação Elevatória
Projeto de construção de equipamento em Leiria.
(1933) – Indústrias Reunidas
Projeto de alteração de edifício industrial em Leiria.
(1934) – Jazigo de Neusa Maria da Assunção Soares
Projeto de construção funerária em Leiria, cemitério.
(1934) – Garagem Citroën
Projeto de alteração de garagem em Leiria, Av. Combatentes da Grande Guerra.
(1934) – Manuel Gomes Heleno
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria.
(1934) – Estabelecimento comercial de José Pedrosa d'Agostinha
Projeto de alteração de armazém em Leiria, Estrada da Figueira da Foz/Rua do Alvito.
(1935) – Carlos Pedro Pina
Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão
Mouzinho de Albuquerque no 2.
(1935) – Manuel Rodrigues Machado
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Travessa da Graça
no 12, em parceria com Camilo Korrodi.
(1935) – Gare de Leiria
Projeto de construção de estação ferroviária em Leiria, Marrazes, em parceria com
Leopoldo Battistini e Luís Fernandes.
(1936) – Manuel da Silva Santos
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Francisco Pereira da Silva
no 38.
(1936) – Francisco Ferrão
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Monte Real, em parceria com
Camilo Korrodi.
(1936) – Gastão Aires Neves
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Monte Real.
(1936) – Manuel Ferreira da Rocha
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Monte Real.
(1936) – Pensão Internacional
Projeto de alteração de unidade hoteleira em Leiria, Monte Real.
(1937) – Francisco Marques
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão
Mouzinho de Albuquerque, em parceria com Camilo Korrodi.
(1937) – Gastão Aires Neves
Projeto de alteração de edifício comercial em Leiria, Monte Real.
(1938) – Alfredo Ribeiro de Menezes
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Largo Luz Soriano.
(1938) – Maria do Céu Aires
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, em parceria com Camilo Korrodi.
(1938) – António Marques da Cruz
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Comandante
João Belo.
(1938) – Padre Joaquim José de Carvalho

Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Francisco Pereira da Silva.

(1938) – José Coelho Pereira

Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua João de Deus/Rua Grão Vasco.

(1938) – Cláudio Oriol

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Travessa de Santana.

(1938) – Generosa Vidal Pena Fernandes

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Manuel Simões da Maia.

(1938) – Garagem S. Cristóvão

Projeto de construção de garagem em Leiria, Monte Real.

(1938) – José Maria Pontes Pereira da Rocha

Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Monte Real.

(1938) – Creche da Vieira

Projeto de construção de equipamento em Leiria, Vieira de Leiria.

(1938) – Empresa de Limas

Projeto de construção de edifício comercial em Leiria, Vieira de Leiria, em parceria
com Camilo Korrodi.

(1939) – António Rodrigues Oliveira

Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Av. dos Combatentes da
Grande Guerra/Rua Machado de Castro.

(1939) – João Moreira

Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Estrada Nacional no 60.

(1939) – Esteves & Costa

Projeto de alteração de armazém em Leiria, Largo 5 de Outubro.

(1939) – António Esteves

Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Praça Rodrigues Lobo no 52.

(1939) – José Alves Dias

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Bordalo Pinheiro.

(1939) – Joana Pinho de Almeida

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua da Alegria.

(1939) – José dos Santos

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua dos Olivais.

(1939) – Sebastião Ferreira Regal

Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Machado dos Santos.

(1939) – Alice Carreira da Silva

Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Tenente Valadim no 9.

(1940) – Manuel Oliveira Monteiro

Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo 5 de Outubro, lote A, em parceria com Camilo Korrodi.

(1940) – Manuel Rodrigues Macedo

Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo 5 de Outubro, lote B, em parceria com Camilo Korrodi.

(1940) – José Afonso da Cruz

Projeto de construção de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo 5 de Outubro, lote C, em parceria com Camilo Korrodi.

(1940) – Emília Teodora da Silva

Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Largo Cónego Maia no 5.

(1940) – Leitaria Liz

Projeto de decoração de edifício comercial em Leiria, Praça Rodrigues Lobo, em parceria com Camilo Korrodi.

(1940) – Eduardo Monteiro

Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua 31 de Janeiro, em parceria com Camilo Korrodi.

(1940) – Vila Noémia

Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Bordalo Pinheiro.

(1940) – José Batista
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque.

(1940) – Vítor Rui da Graça
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua da Conceição.

(1940) – João Lopes dos Santos
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua da Encarnação.

(1940) – Carlos dos Santos Simões e Silva
Projeto de alteração de edifício de habitação e comércio em Leiria, Rua das Amoreiras no 2.

(1940) – Joaquim Abel Teixeira
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Gomes Freire.

(1940) – José Gaspar Carriço Portugal
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Gomes Freire/Rua José Estevão.

(1940) – Maria da Conceição Vidal
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Arrabalde da Ponte.

(1940) – Ermida e Miradouro
Projeto de alteração de templo em Leiria, Monte Real.

1940) – Igreja Matriz de Monte Real
Projeto de construção de templo em Leiria, Monte Real.

(1941) – António Antunes Barbeiro
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Boa Vista, Estrada Nacional
no 1, em parceria com Camilo Korrodi.

(1941) – Manuel de Oliveira
Projeto de construção de edifício multifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de
Albuquerque no 50.

(1941) – Inominado
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque no 107.

(1941) – Sebastião Oliveira
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Comandante João Belo.

(1941) – F. R. Hingá
Projeto de alteração de edifício multifamiliar em Leiria, Rua D. Sancho I, em parceria
com Camilo Korrodi.

(1941) – José Ferreira Morgado
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Gago Coutinho.

(1941) – Tenente Pereira
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Rua Machado dos Santos no 33.

(1941) – Afonso de Barros
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Cortes.

(1942) – Carlos Pedro Pina
Projeto de alteração de edifício unifamiliar em Leiria, Novo Bairro da Cidade.

(1942) – Montanha Russa
Projeto de alteração de equipamento em Leiria, Largo 5 de Outubro.

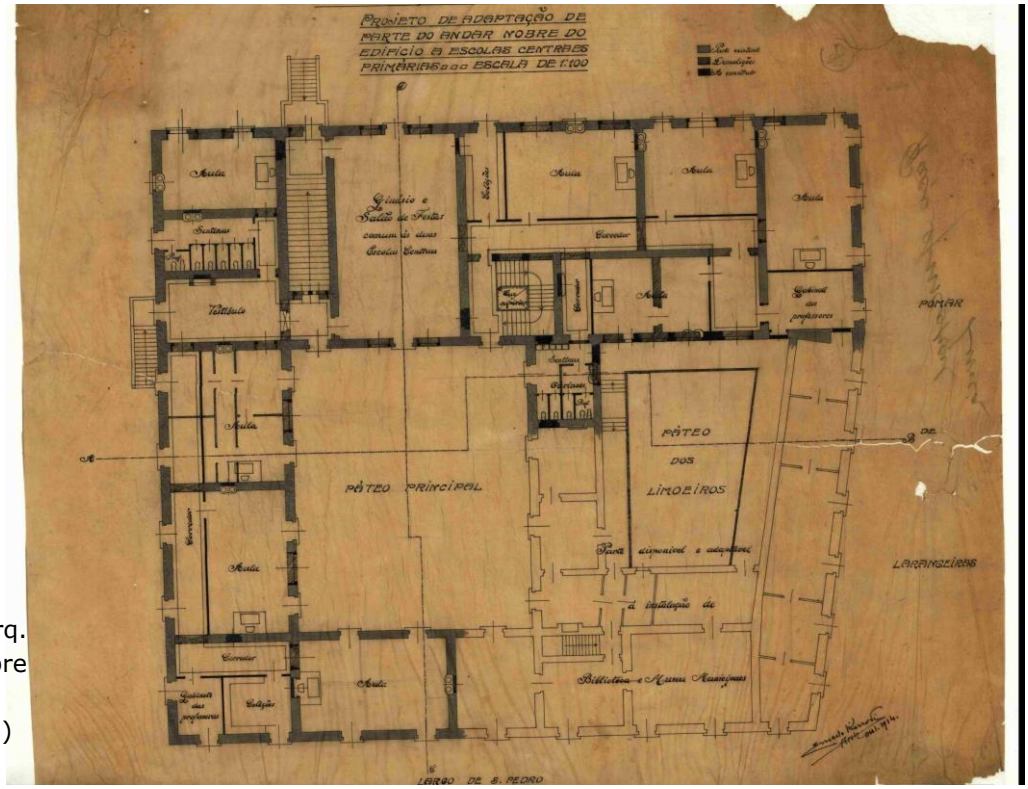
(1942) – Serafim Lopes Pereira
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Marrazes.

(1943) – Praça de Touros
Projeto de construção de equipamento em Leiria, Encarnação.

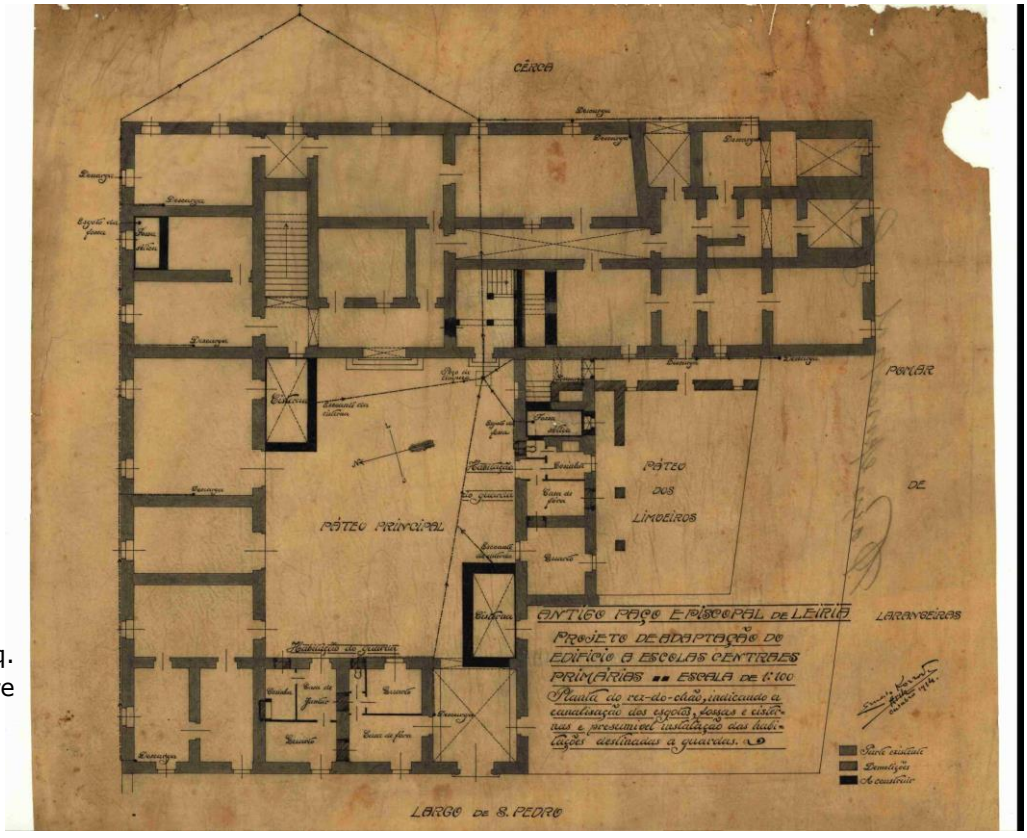
(1943) – Alfredo de Sousa Brandão
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Colmeias.

(1943) – Manuel de Sousa Brandão
Projeto de construção de edifício unifamiliar em Leiria, Colmeias, em parceria com Camilo Korrodi.

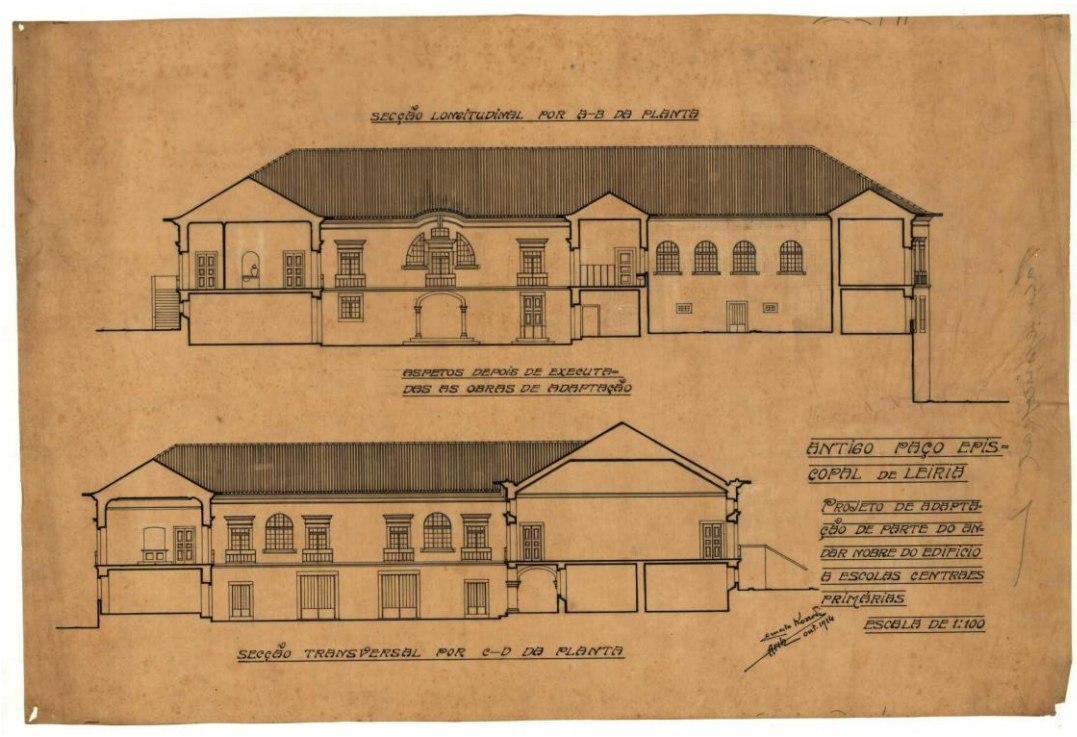
(1943) – Cerâmica do Liz
Projeto de construção de arranjo paisagístico em Leiria, Marrazes.



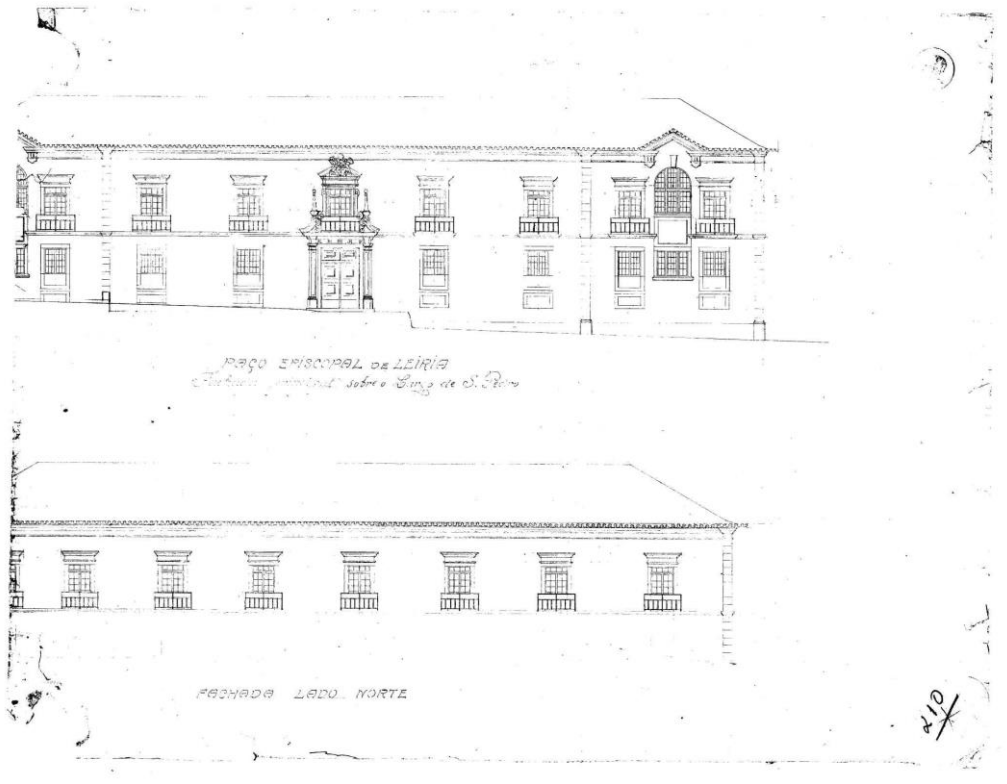
Planta do Piso 1 do arq. Korrodi para o andar nobre do antigo paço episcopal (Arquivo Distrital de Leiria)



Planta do Piso 0 do arq. Korrodi para o andar nobre do antigo paço episcopal (Arquivo Distrital de Leiria)

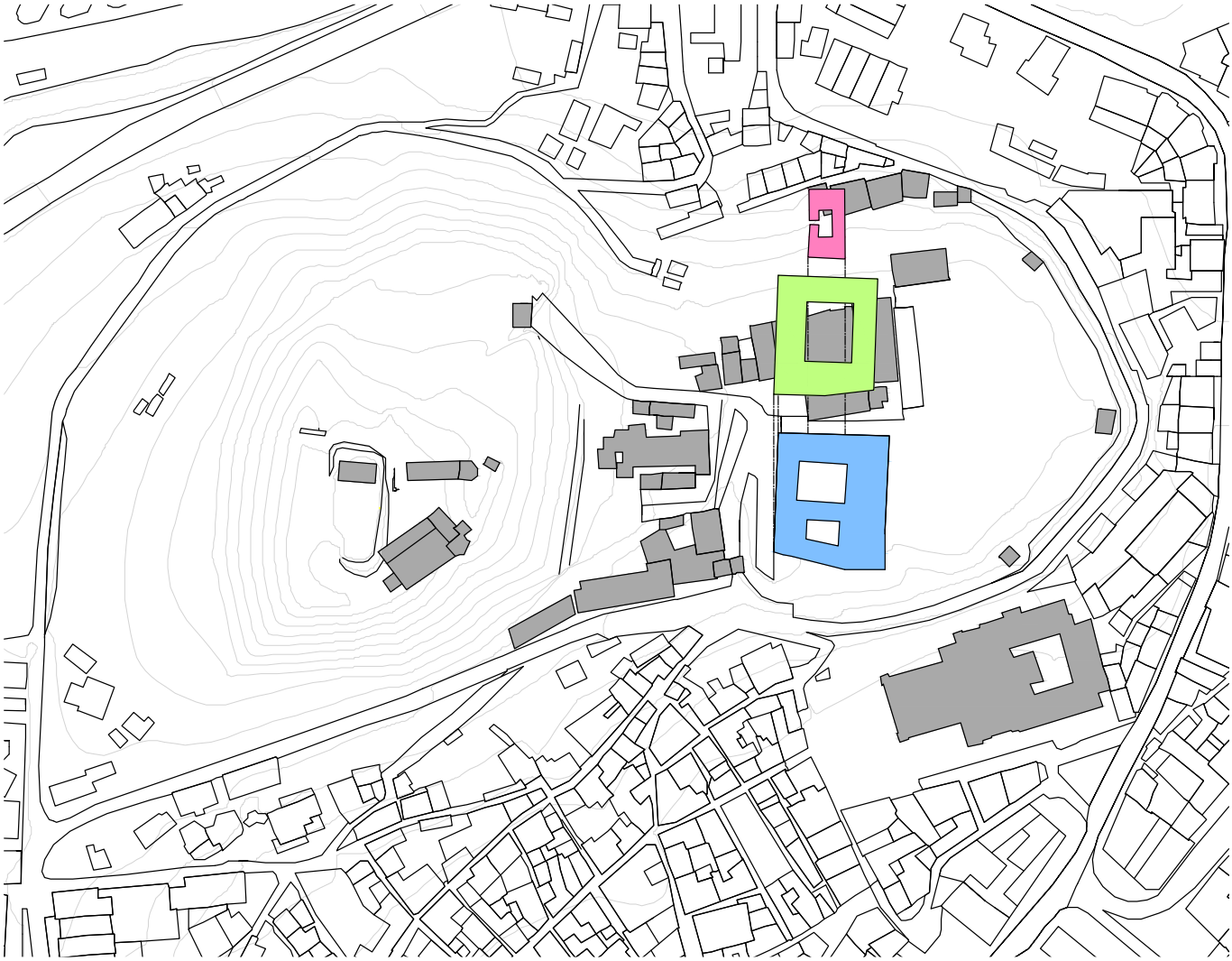


Proposta de alteração de alçados do arq. Korrodi (Arquivo Distrital de Leiria)



Proposta de alteração de alçados do arq. Korrodi (Arquivo Distrital de Leiria)

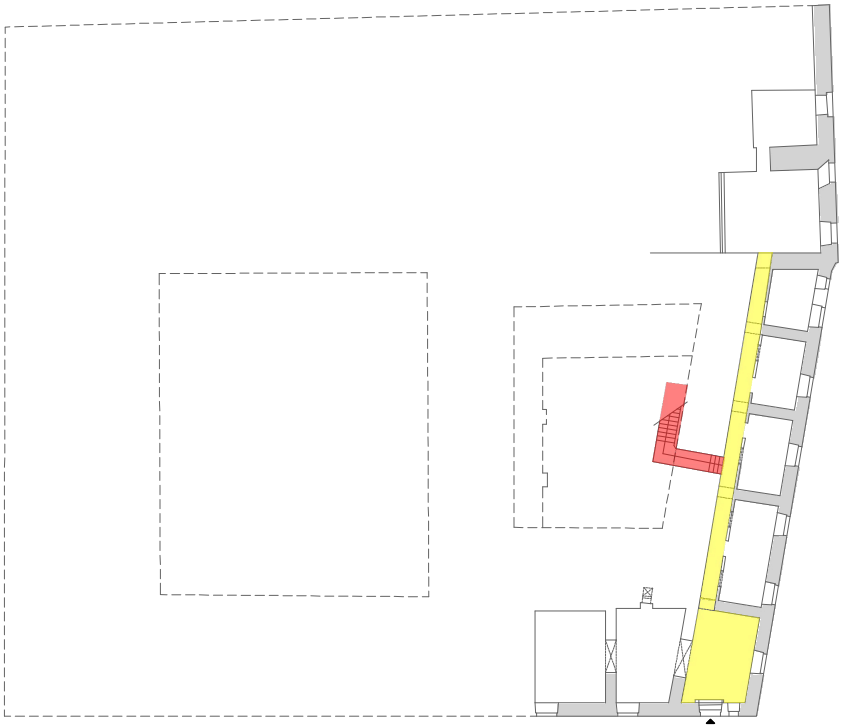
4. PROCESSO DE TRABALHO

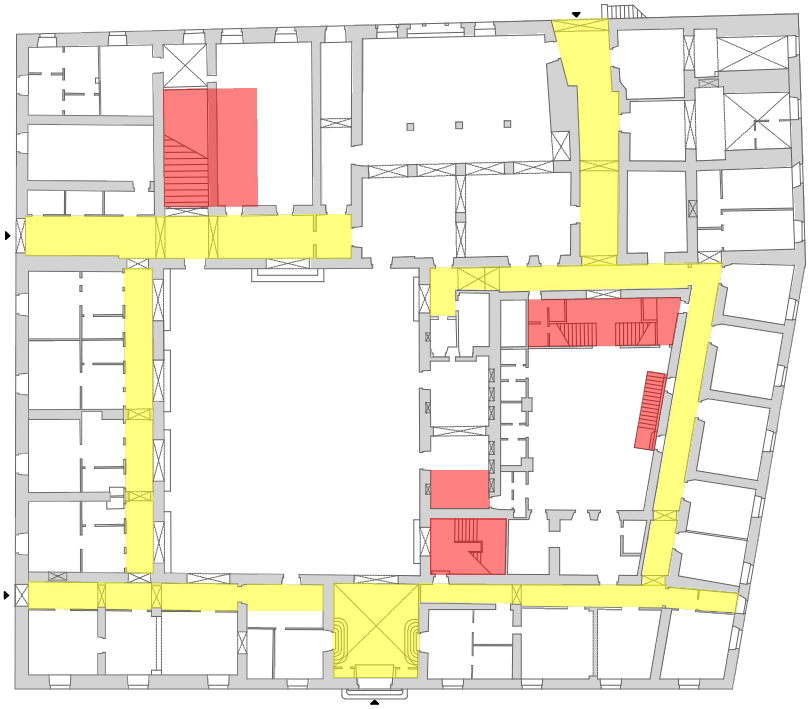


EVOLUÇÃO DO EDIFÍCIO
ROSA- PAÇOS DE S.SIMÃO
VERDE- PAÇOS EPISCOPAIS
AZUL-PAÇOS EPISCOPAIS APÓS REVOLUÇÃO FRANCESA



PERFIL







IDEIA INICIAL DE CIRCULAÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

PEDONAL

VIAS PRINCIPAIS

VIAS SECUNDÁRIAS

VIAS DE CIRCULAÇÃO
CIDADE DE LEIRIA

COMÉRCIO
EQUIPAMENTO
HABITAÇÃO
SERVIÇOS
OUTROS

TIPOS DE USOS DO EDIFICADO
CIDADE DE LEIRIA



ÉPOCAS DE CONSTRUÇÃO
CIDADE DE LEIRIA



CATEGORIA I

1. CERCA DA VILA E PORTA NORTE E PORTA SUL
2. ANTIGO PAÇO ESPICOPAL
3. EDIFÍCIO E ARCO JOSÉ G. BARRETO (CASA DO ARCO)
4. EDIFÍCIO POMBALINO (ATENEU)
5. ESTÁTUA DE D. AFONSO HENRIQUES
6. BRASÃO DE D.JOÃO I
7. PALÁCIO DOS ATHAÍDES
8. IGREJA E RETIRO DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO
9. MOINHOS DO LIS E VAL MEDIEVAL
10. FONTE GRANDE (FONTE DAS 3 BICAS)

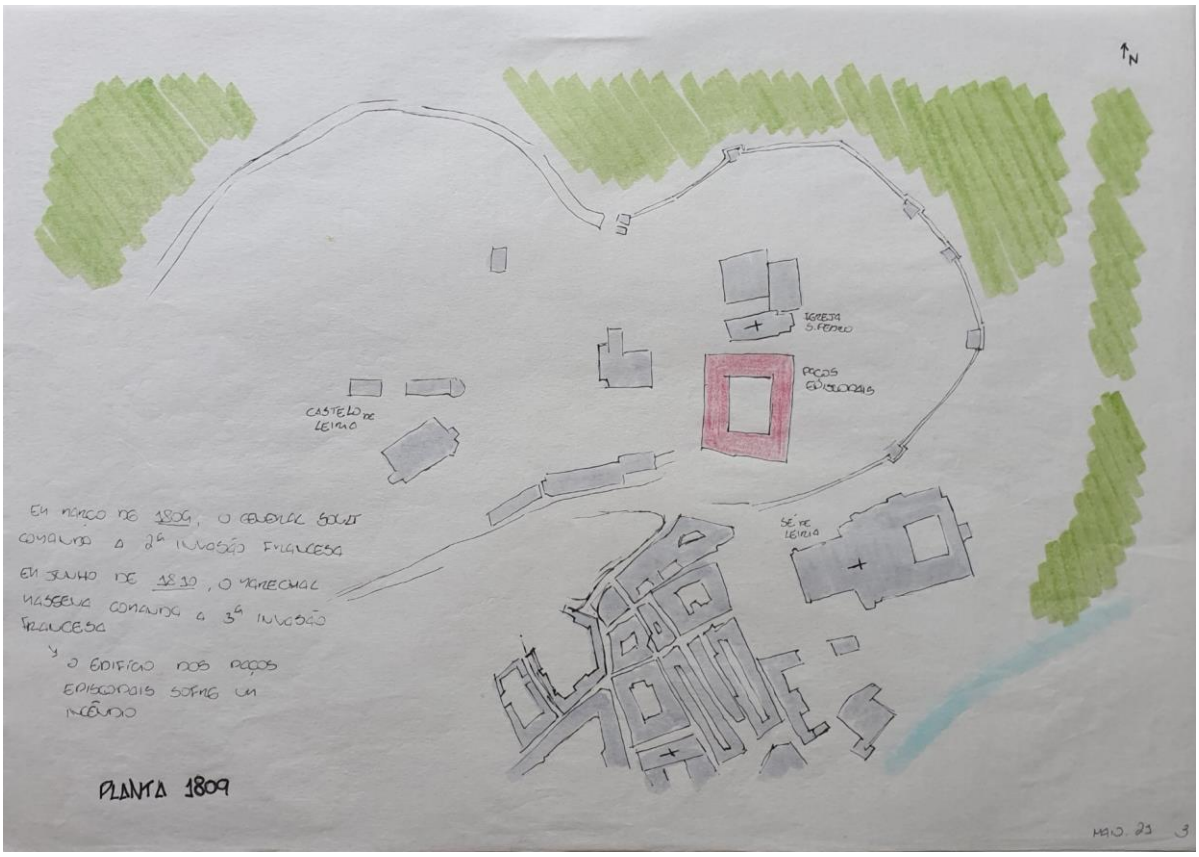
CATEGORIA II

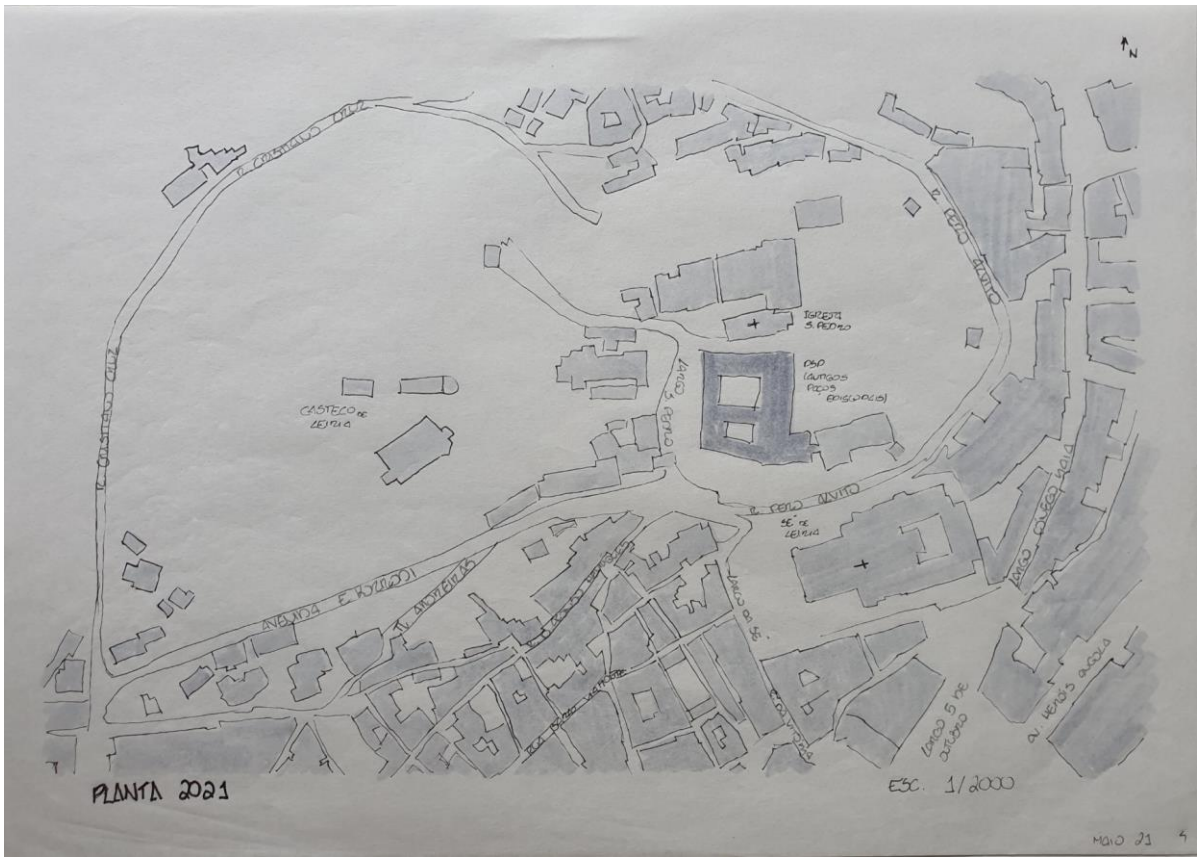
1. EDIFÍCIO MARQUES DA CRUZ (1920)
2. FONTE NOVA (FONTE DOS NAMORADOS)
3. PAINÉIS COM HISTÓRIA DE AFONSO LOPES VIEIRA
4. EDIFÍCIO REVESTIDO A AZULEJO (CASA DO BISPO) E EDIFÍCIO COMERCIAL
5. BANCO DE PORTUGAL (1924)
6. EDIFÍCIO JOAQUIM OLIVEIRA ZÚQUETE (1915)
7. FONTE FREIRE
8. CUNHAL E CANTARIAS QUINHENTISTAS
9. EDIFÍCIO DOS CORREIOS (1938)
10. PEDRA DE ARMAS DA ANTIGA PONTE DOS 3 ARCOS
11. BAIXO RELEVO DE S.FRANCISCO
12. CONVENTO DA PORTELA (1898)
13. PAÇOS DE CONCELHO (1902)
14. JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS
15. ESCOLA FEMININA

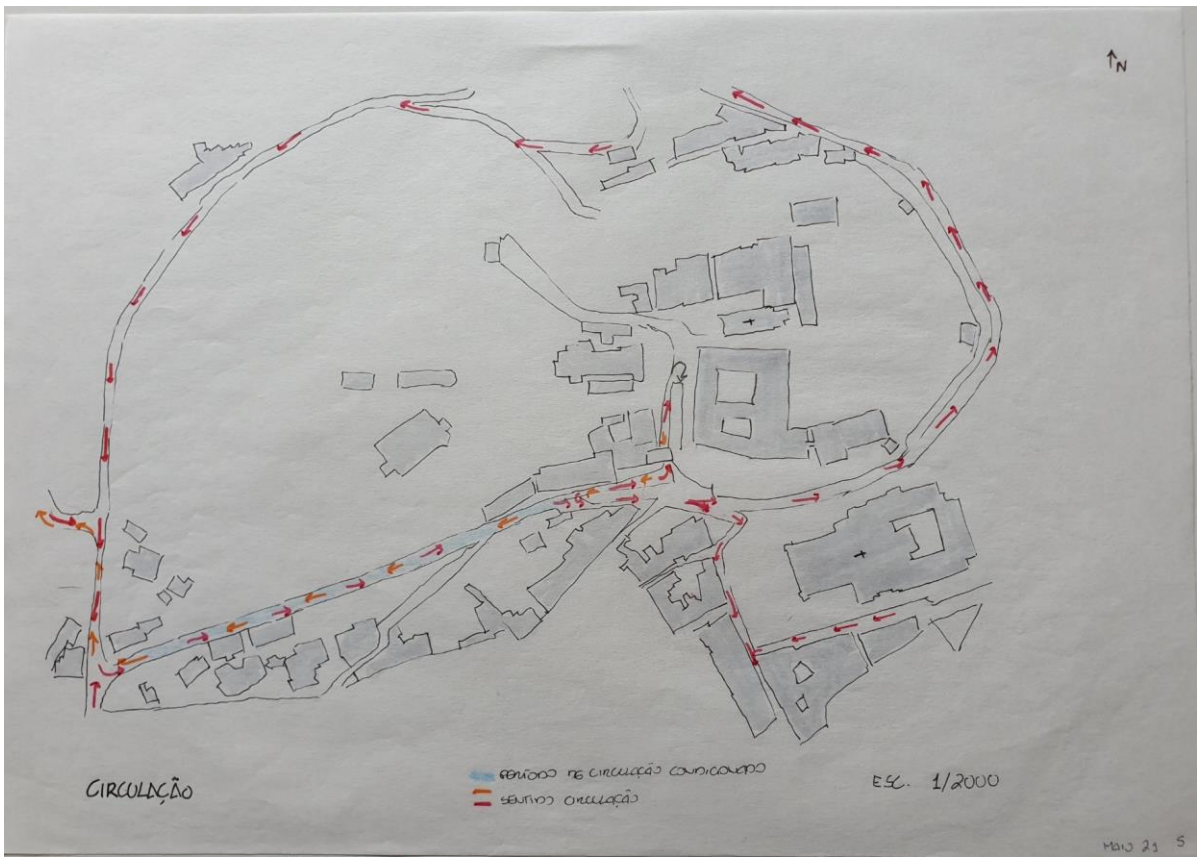
CATEGORIA III

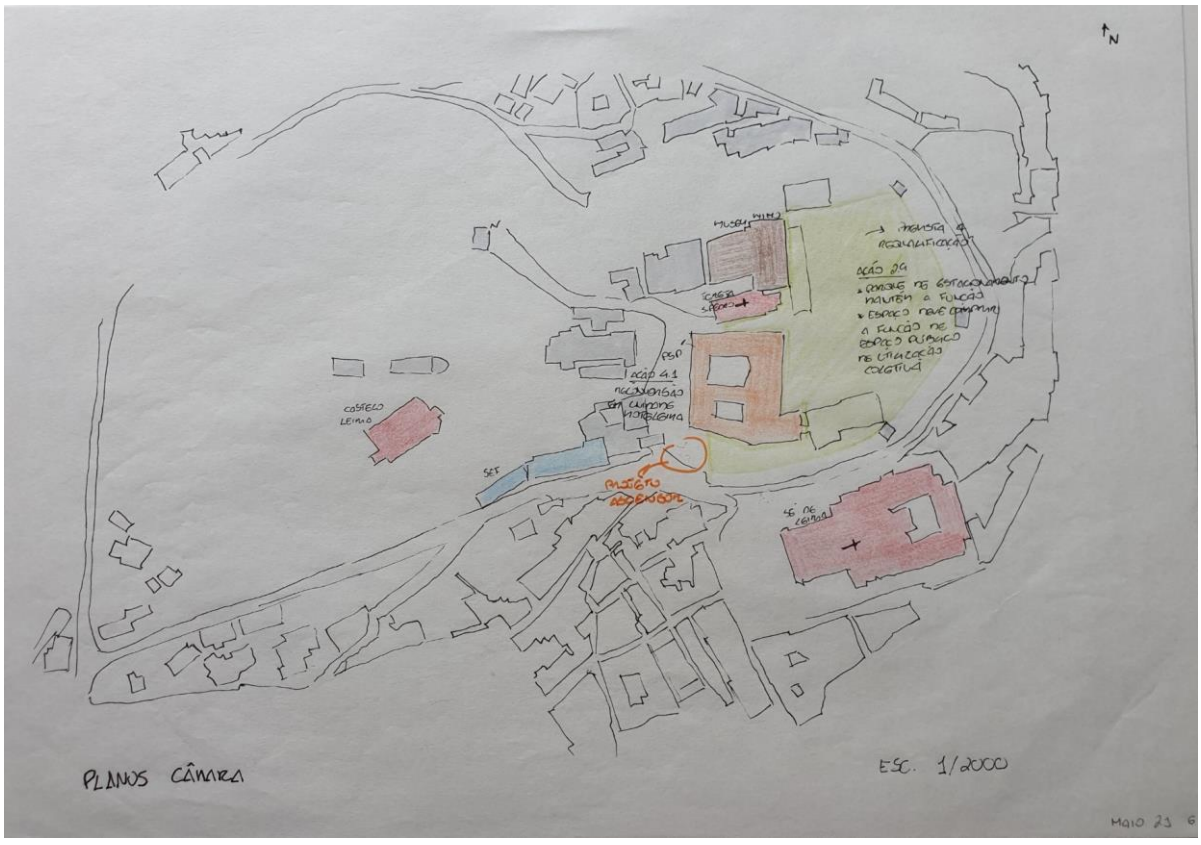
1. VILLA HORTÊNSIA (CASA FAMÍLIA KORRODI 1905/1910)
2. TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (1966)
3. FONTE QUENTE
4. EDIFÍCIO DA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA (1956)
5. ESTÁTUA "A CAMINHO DA FEIRA"
6. PORTAL DO PARQUE
7. ESTÁTUA DO PASTRO PEREGRINO
8. ESTÁTUA JOÃO NUNES SEQUEIRA (1908)
9. EDIFÍCIO DE ARTE NOVA
10. CASA DO BARÃO DE VIAMONTE
11. EDIFÍCIO ANTIGA FARMÁCIA PAIVA
12. EDIFÍCIO GAVETO NO LARGO DA SÉ
13. EDIFÍCIO DE GAVETO - CASA DOS PINTORES
14. EDIFÍCIO J. A COELHO DE FREITAS
15. EDIFÍCIO INÁCIA FERREIRA DE MELO
16. RESIDENCIAL LEIRIENSE (ANTIGO HOTEL DEODATO)
17. JANELA GEMINADA?
18. EDIFÍCIO JOSÉ DE SOUSA CHARTERS (1932)
19. PALACETE ORIOL DA PENA
20. EDIFÍCIO J. CARREIRA SÁ
21. FACHADA DA ANTIGA PADARIA
22. ARCO SOBRE A TRAVESSA DO COMÉRCIO
23. ARCO SOBRE A RUA D. ANTÓNIO DA COSTA
24. EDIFÍCIO GAVETO (PADRES)
25. CASA DA FAMÍLIA ZÚQUETE
26. ARCO SOBRE A RUA INFANTE D.HENRIQUE
27. EDIFÍCIO NARCISO COSTA
28. CASA BARÃO DE SALGUEIRO
29. CASA DA ALÇADA (ALBERGARIA)
30. ANTIGA RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA CHARTERS
31. RESIDÊNCIA DO DR.OLIVEIRA DIAS
32. ANTIGO LICEU FRANCISCO RODRIGUES LOBO (1892)
33. LÁPIDES TUMULARES EPISCOPAIS
34. EDIFÍCIO JOSÉ DUARTE (1913) - EDIFÍCIO FERRO DE ENGOMAR
35. MOINHO DA F.FARIA À PONTE HINTZE
36. ESCOLA BÁSICA 1ºCICLO Nº1
37. CONJUNTO HABITACIONAL JOAQUIM NUNES SEQUEIRA
38. CASA PEDRO JOSÉ RODRIGUES (1924)
39. EDIFÍCIO FAUSTO TABORDA
40. CASA DR. JOÃO VERDE DE OLIVEIRA
41. ESCADARIA RUA D. JOSÉ JARDIM
42. EDIFÍCIO ANTÓNIO BARBEIRO E IRMÃO (1932)
43. EDIFÍCIO JOAQUIM FRANCISCO PEREIRA (1924)
44. EDIFÍCIO A.F.COUTO RIBEIRO - FONTE S.RITA (1936)
45. CASA ZEFERINO DAS NEVES ELISÉU
46. GARAGEM DA FORD (1945) - EDIFÍCIO ALVARO SALGUEIRO ROLDÃO

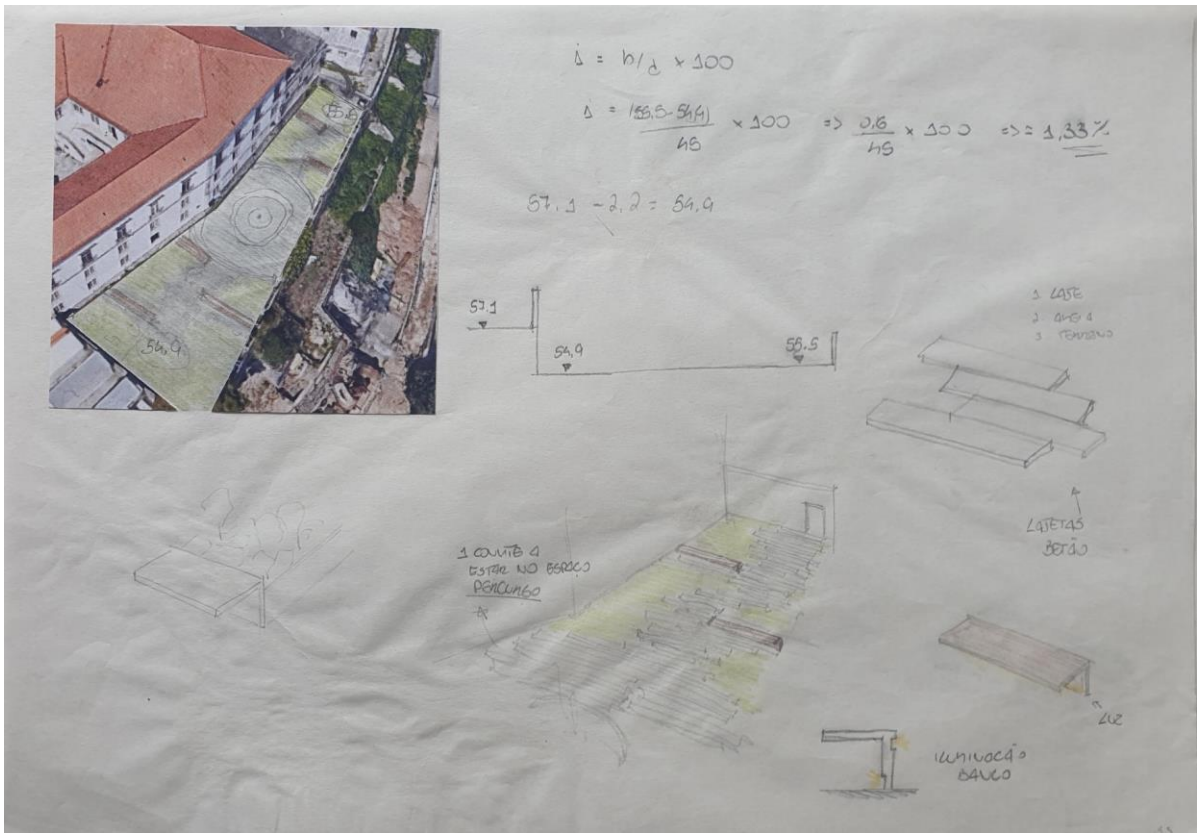
EDIFÍCIOS CLASSIFICADOS
CIDADE DE LEIRIA


N
IGREJA S. PEDRO
PAÇOS EPISCOPAIS
CASTELO DE LEIRIA
SÉ DE LEIRIA
EM MARÇO DE 1809, O GENERAL SOULT COMANDA A 2ª INVASÃO FRANCESA
EM JUNHO DE 1810, O MARECHAL MASSENA COMANDA A 3ª INVASÃO FRANCESA
O EDIFÍCIO DOS PAÇOS EPISCOPAIS SOFRE UM INCÊNDIO
PLANTA 1809
MAIO 21

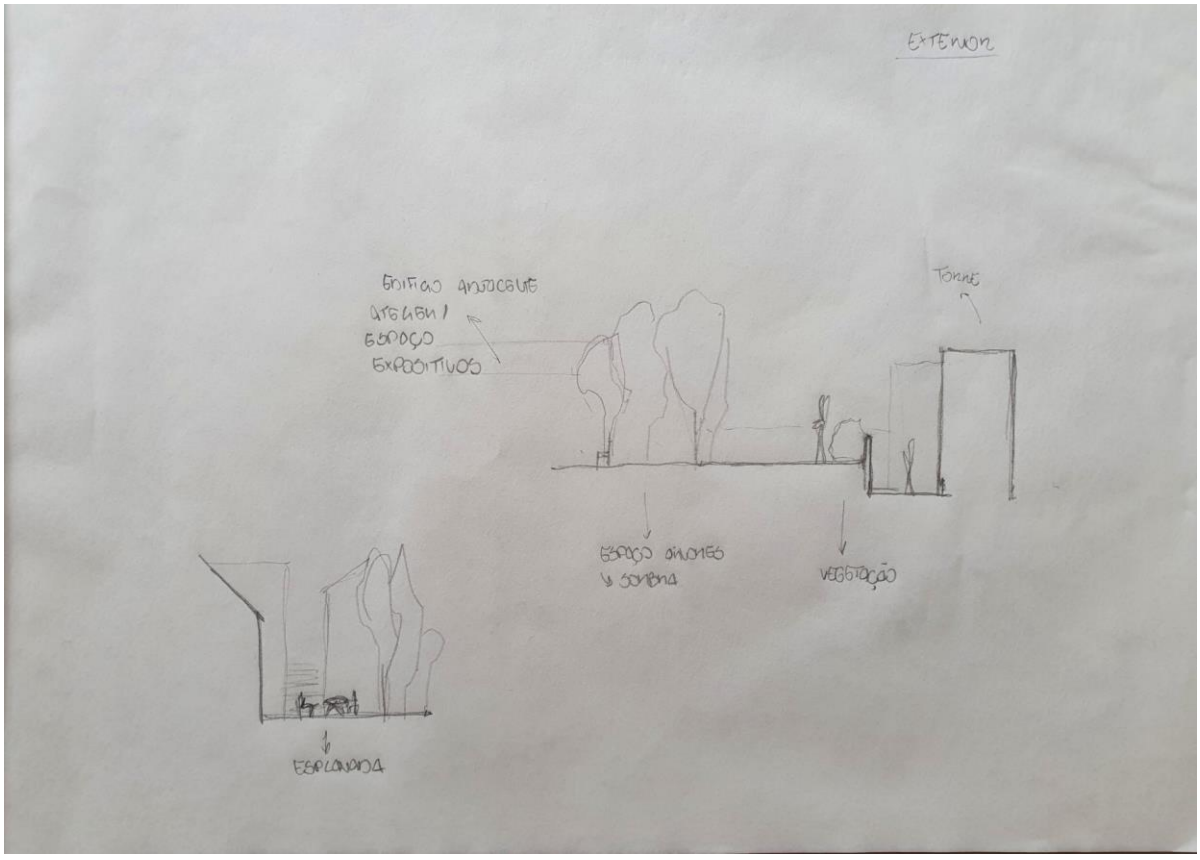

N
IGREJA S. PEDRO
PAÇOS (ANTIGOS PAÇOS EPISCOPAIS)
CASTELO DE LEIRIA
SÉ DE LEIRIA
PLANTA 2021
ESC. 1/2000
MAIO 21


N
CIRCULAÇÃO
ESC. 1/2000
Maio 23 5

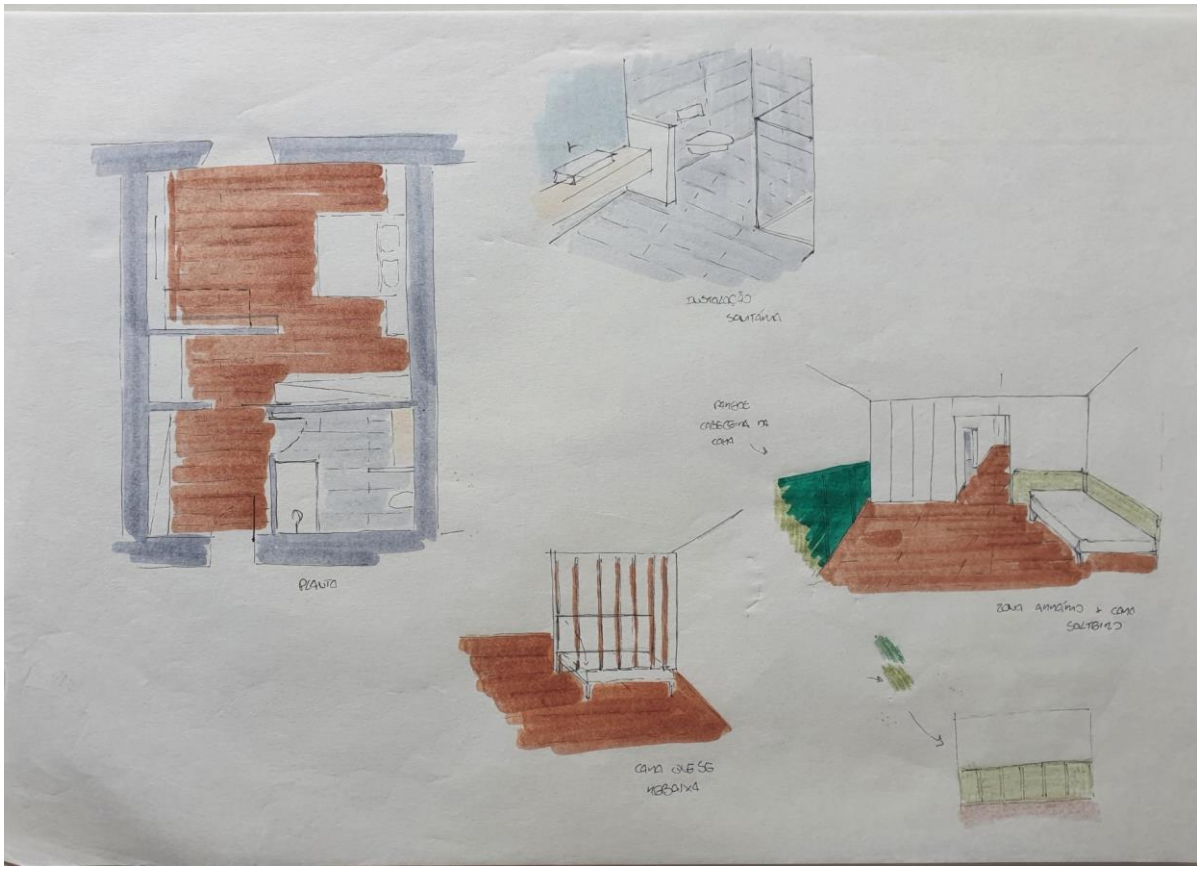

N
PLANOS CÂMARA
ESC. 1/2000
Maio 23 6



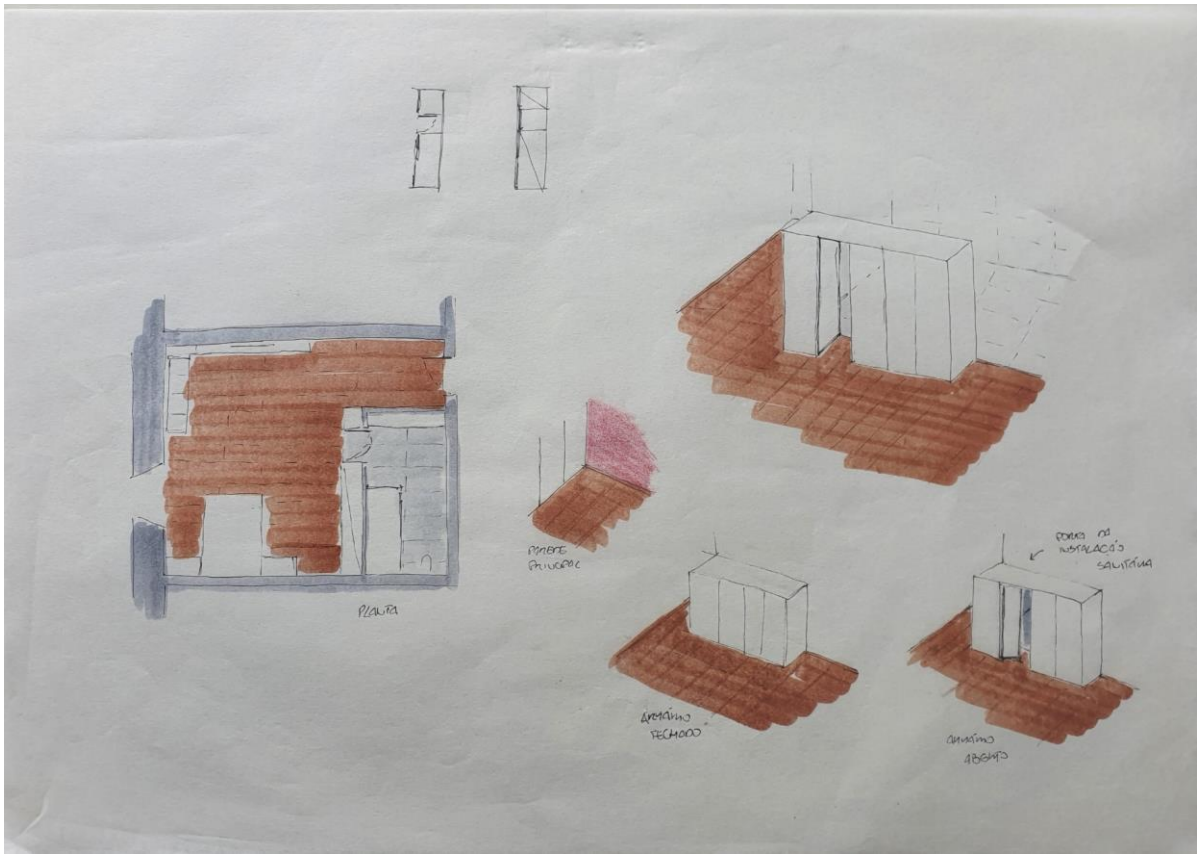
i = h/d × 100
i = (55.5 - 54.9)/45 × 100 => 0.6/45 × 100 => ≈ 1,33%
57.1 - 2.2 = 54.9
57.1
54.9
55.5
1 LAJE
2 AREIA
3 TERRENO
LAJETAS BETÃO
1 CONVITE A ESTAR NO ESPAÇO PERCURSO
LUZ
ILUMINAÇÃO BANCO



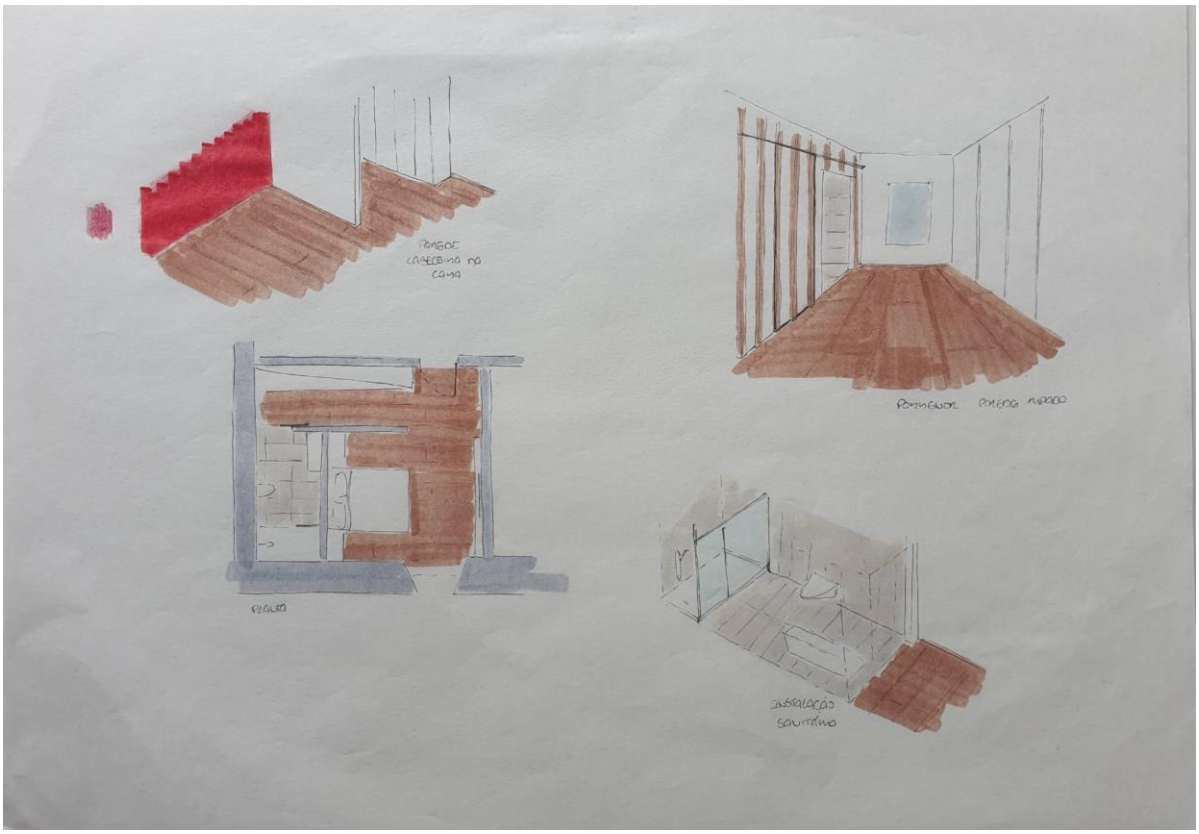
EXTERIOR
EDIFICIO ADJACENTE
ATELIER / ESPAÇO EXPOSITIVOS
TORRE
ESPAÇO ÁRVORES
SOMBRA
VEGETAÇÃO
ESPLANADA



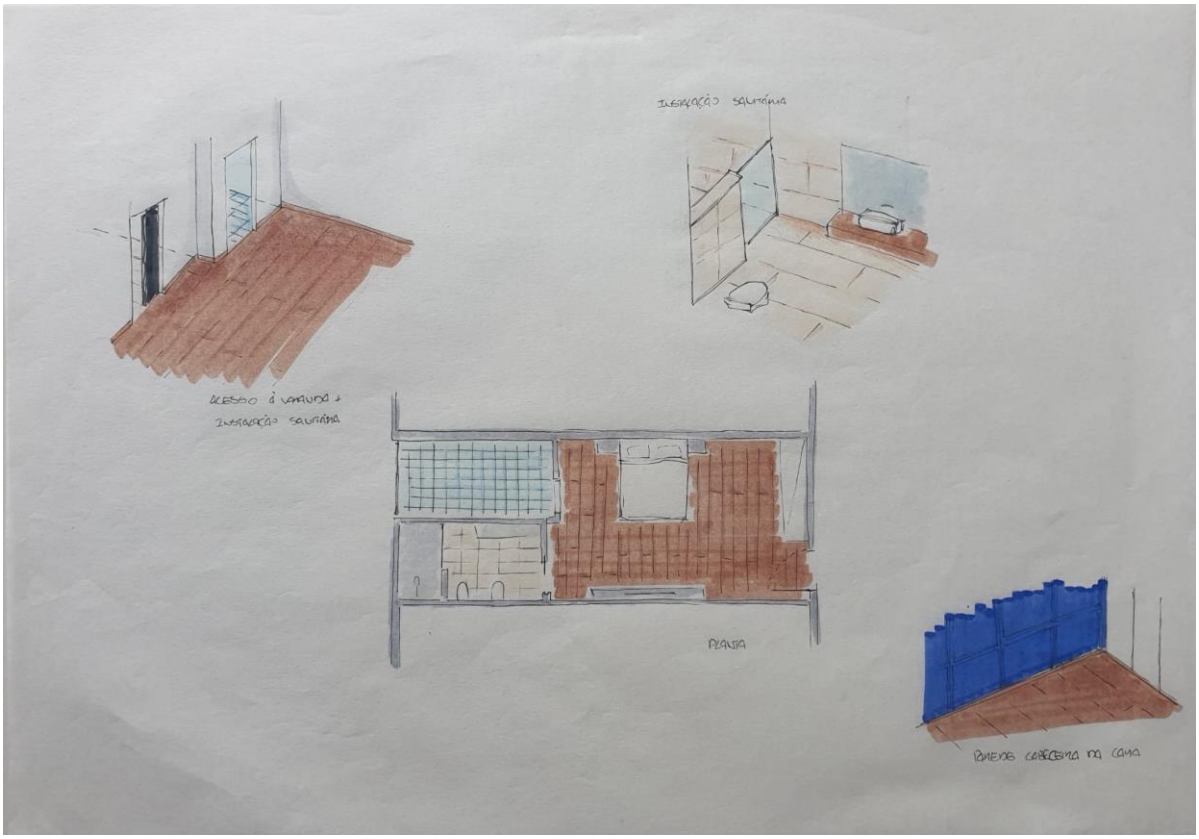
QUARTO ALA NASCENTE



QUARTO ALA SUL



QUARTO ALA POENTE



QUARTO COM VARANDA



N

PISO COTA 62.6

3.1	SALA DE ESTAR	39.76 m²
3.2	QUARTO	28.13 m²
3.3	QUARTO	26.37 m²
3.4	QUARTO	26.60 m²
3.5	QUARTO	20.99 m²
3.6	QUARTO	29.82 m²
3.7	ARRUMOS	26.45 m²
3.8	SALA DE ESTAR	16.66 m²
3.9	SUITE	42.81 m²
3.10	SUITE	42.86 m²
3.11	GINÁSIO	144.61 m²
3.12	ARRUMOS	26.91 m²
3.13	SALA DE ESTAR FUNCIONÁRIOS	95.91 m²
3.14	BALNEÁRIOS FUNCIONÁRIOS	29.89 m²
3.15	QUARTO FAMÍLIA	57.18 m²
3.16	QUARTO FAMÍLIA	57.88 m²
3.17	QUARTO FAMÍLIA	57.60 m²
3.18	SALA FAMÍLIA	81.32 m²
3.19	ZONA DE ESTAR	44.56 m²
3.20	ZONA DE ESTAR	17.84 m²
3.21	QUARTO C/ VARANDA	50.68 m²
3.22	QUARTO C/ VARANDA	50.00 m²
3.23	QUARTO C/ VARANDA	49.28 m²
3.24	QUARTO C/ VARANDA	48.50 m²
3.25	QUARTO C/ VARANDA	47.90 m²
3.26	QUARTO C/ VARANDA	47.20 m²

A MANTER / CONSTRUIR

DEMOLIR

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

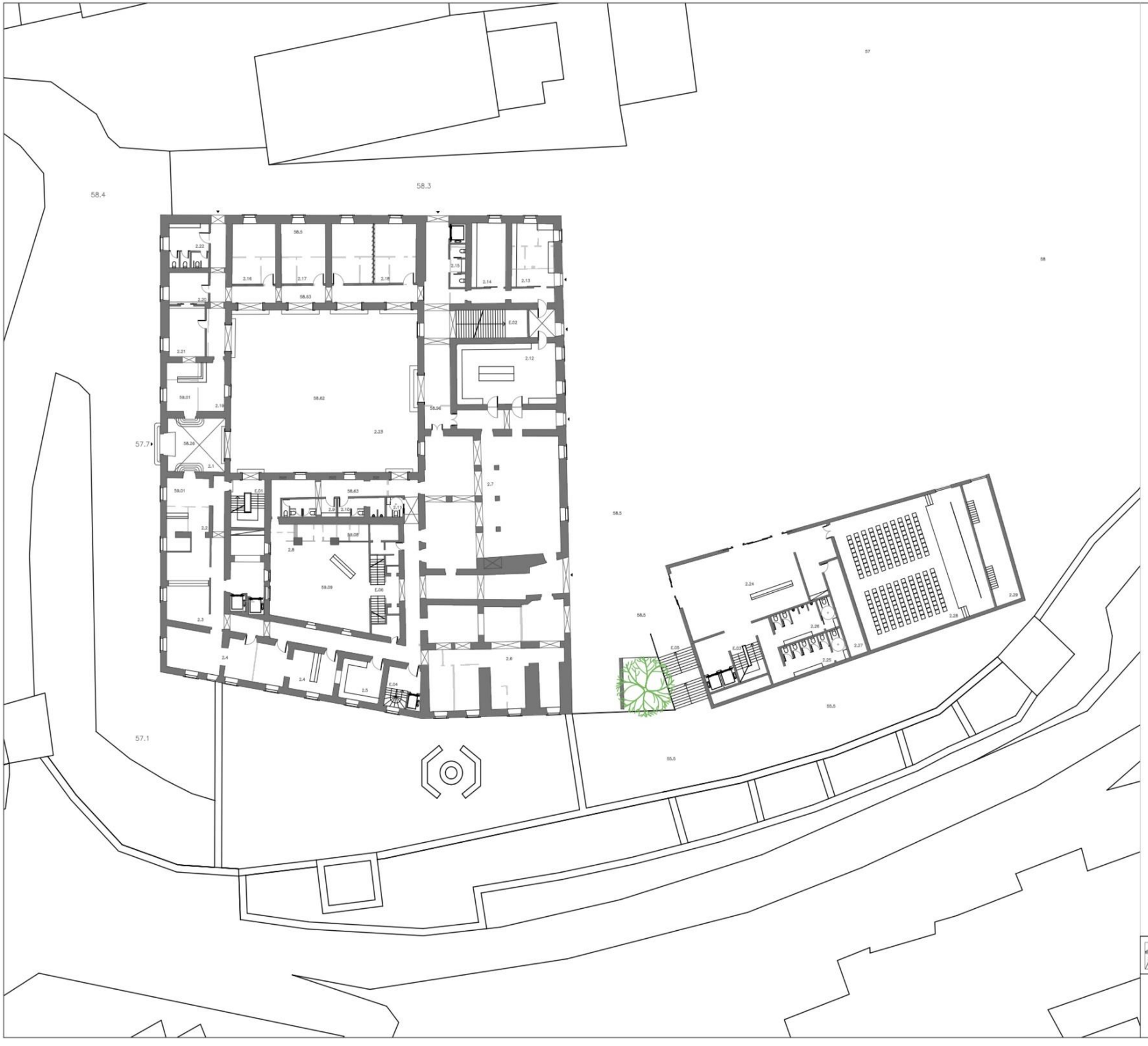
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

Planta cota 62.6

PLANTA DEMOLIR/CONSTRUIR | PISO COTA 62.2



N

PISO COTA 58.26

2.1	HALL DE ENTRADA	39.18 m²
2.2	RECEÇÃO DO HOTEL	29.07 m²
2.3	ZONA DE ESTAR	46.86 m²
2.4	BAR	73.46 m²
2.5	COPA DE APOIO AO BAR	28.76 m²
2.6	SALA DE JOGOS	151.20 m²
2.7	RESTAURANTE / S.PEQUENOS ALMOÇOS	213.36 m²
2.8	ZONA DE ESTAR EXTERIOR	103.42 m²
2.9	I.S FEMININA	12.30 m²
2.10	I.S MASCULINA	11.53 m²
2.11	I.S MOBILIDADE CONDICIONADA	4.00 m²
2.12	COZINHA	76.89 m²
2.13	DESPENSA	39.07 m²
2.14	ARCAS FRIGORÍFICAS	27.98 m²
2.15	I.S FUNCIONÁRIOS	8.49 m²
2.16	SALA DE CONFERÊNCIA	31.33 m²
2.17	SALA DE CONFERÊNCIA	31.41 m²
2.18	SALA DE CONFERÊNCIA	63.92 m²
2.19	RECEÇÃO	17.84 m²
2.20	GABINETE	33.37 m²
2.21	ÁREA ADMINSTRATIVA	41.58 m²
2.22	I.S	22.17 m²
2.23	CLAUSTROS	338.03 m²

PISO COTA 58.5

2.24	RECEÇÃO / SALA DE ESPERA	115.38 m²
2.25	I.S FEMININA	25.22 m²
2.26	I.S MASCULINA	25.22 m²
2.27	REGI	21.74 m²
2.28	AUDITÓRIO	222.20 m²
2.29	SALA DE ENSAIO	41.97 m²

A MANTER / CONSTRUIR

DEMOLIR

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

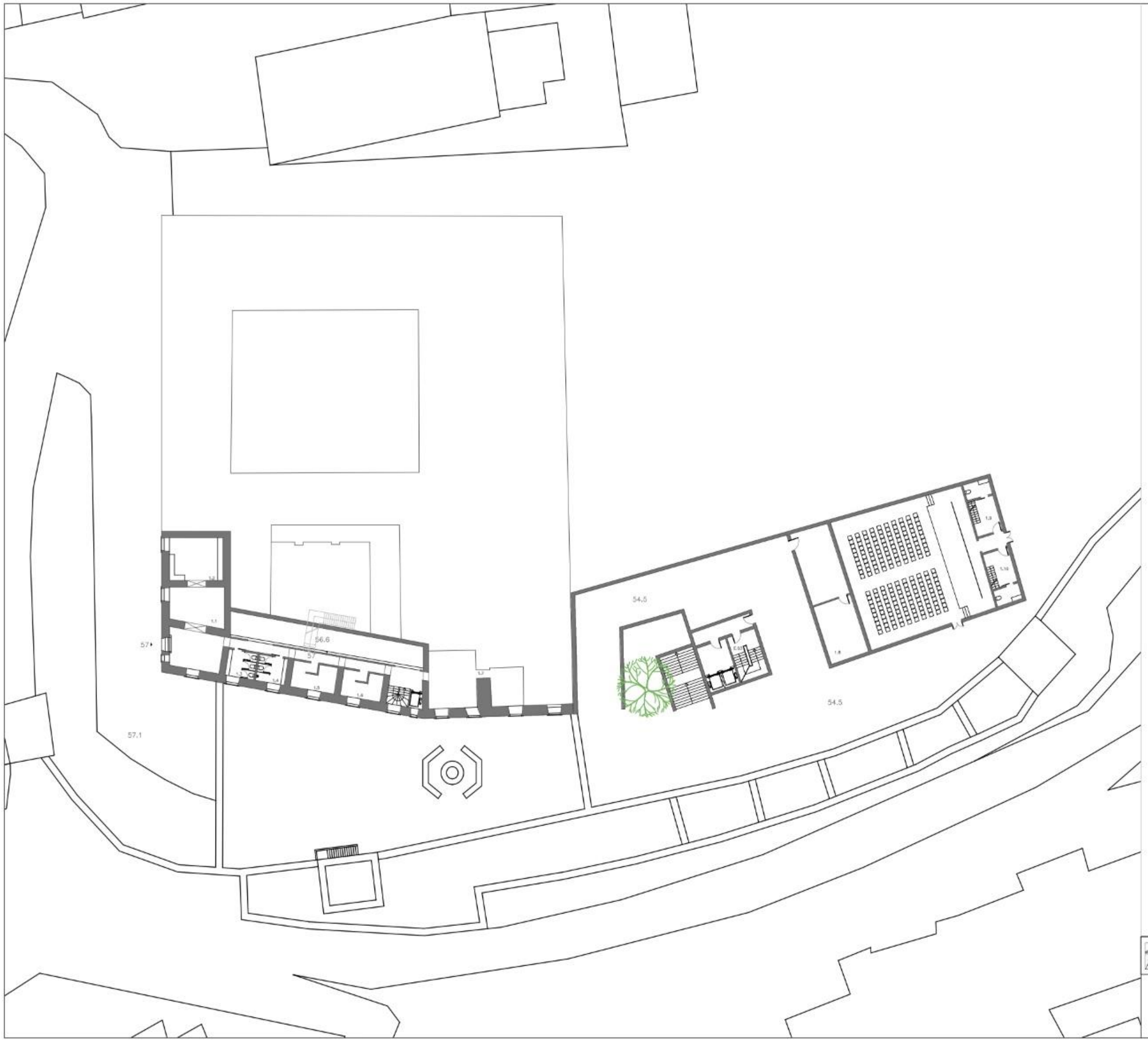
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

Planta cota 58.26

PLANTA DEMOLIR/CONSTRUIR | PISO COTA 58.26



PISO COTA 57

1.1	SALA DE ESTAR	28.80 m²
1.2	SALA DE REFEIÇÕES	22.94 m²
1.3	I.S FEMININA	9.52 m²
1.4	I.S MASCULINA	8.96 m²
1.5	BALNEÁRIO FEMININO	14.00 m²
1.6	BALNEÁRIO MASCULINO	14.00 m²
1.7	ÁREAS TÉCNICAS	213.36 m²
1.8	ARRUMOS	87.90 m²

PISO COTA 54.5

1.9	BALNEÁRIO FEMININO	17.90 m²
1.10	BALNEÁRIO MASCULINO	17.86 m²

A MANTER / CONSTRUIR

DEMOLIR

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

Planta cota 57

PLANTA DEMOLIR/CONSTRUIR | PISO COTA 57

5. PAINÉIS FINAIS



LOCALIZADO NUM LUGAR PRIVILEGIADO DA CIDADE O EDIFÍCIO DO ANTIGO PAÇO EPISOPAL, QUE ATUALMENTE SERVE À FUNÇÃO DE ALOJAR O COMANDO DISTRITAL DE LEIRIA / PSP, SERÁ RECONVERTIDO NUMA UNIDADE HOTELEIRA COM O INTUITO DE DINAMIZAR A ZONA DO CENTRO HISTÓRICO E DAR RESPOSTA À FALTA DE OFERTA NA CIDADE.

A ZONA EXTERIOR DO EDIFÍCIO SERÁ ABERTA AO PÚBLICO EM GERAL, PARA QUE ESTE POSSA USUFRUIR DAS VISTAS PRIVILEGIADOS DE QUE ESTE É DOTADO. ESTA ZONA TERÁ ESTRUTURAS DE APOIO COMO O PARQUE DE ESTACIONAMENTO, QUE SERVIRÁ NÃO SÓ A UNIDADE HOTELEIRA COMO O ESPAÇO PÚBLICO.

O CORAÇÃO DO EDIFÍCIO É O PÁTIO PRINCIPAL, ESPAÇO EXTERIOR QUE NOS RECEBE ASSIM QUE ENTRAMOS NO EDIFÍCIO. À ESQUERDA DO EDIFÍCIO TEREMOS UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO QUE ALBERGARÁ UMA EXPOSIÇÃO DO TÃO AFAMÁDO ARQUITETO ERNESTO KORRODI, QUE TAMBÉM INTERVIU NO EDIFÍCIO EM CAUSA.

TODO OS ESPAÇOS IRÃO SE DESENVOLVER EM TORNO DOS PÁTIOS, UM PRINCIPAL E UM SECUNDÁRIO. O LADO NORTE IRÁ ALBERGAR O RESTAURENTE, O BAR E UMA SALA DE JOGOS, COM O OBJETIVO DE SER ABERTO AO PÚBLICO EM GERAL E AOS HOSPEDES DO HOTEL. O PISO SUPERIOR SERÁ TODO DEDICADO À ZONA DE QUARTOS E AOS ESPAÇOS ASSOCIADOS A TAL, COMO POR EXEMPLOS PEQUENAS ZONAS DE ESTAR OU DE CONVÍVIO.



CASOS DE ESTUDO

POUSADA DE SANRA MARINHA DA COSTA | GUIMARÃES



POUSADA CONVENTO DA GRAÇA | TAVIRA



EXMO.HOTEL | PORTO





ERNESTO KORRODI

PENSÃO BEIRA-RIO



MLISBOA

BANCO DE LEIRIA



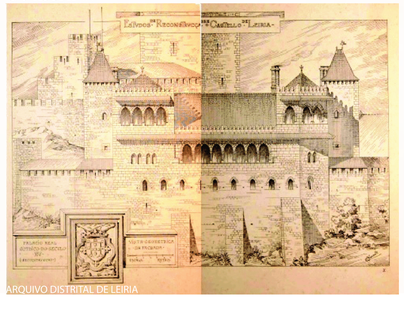
BANCO DE PORTUGAL

QUINTA DE S.JOSÉ



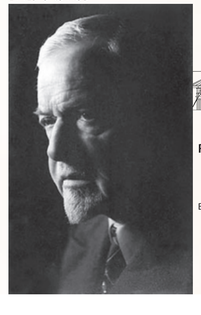
MLISBOA

CASTELO DE LEIRIA



ARQUIVO DISTRITAL DE LEIRIA

ERNESTO KORRODI



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

IGREJA DE S.PEDRO



PEDRO LOURENÇO

CASTELO DE LEIRIA



MÁRIO DUARTE

TORRE SINEIRA



MÁRIO DUARTE

SÉ DE LEIRIA



ALL ABOUT PORTUGAL

IGREJA DA PENA

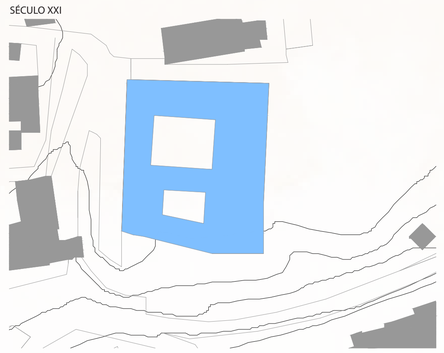


RICARDO GRAÇA

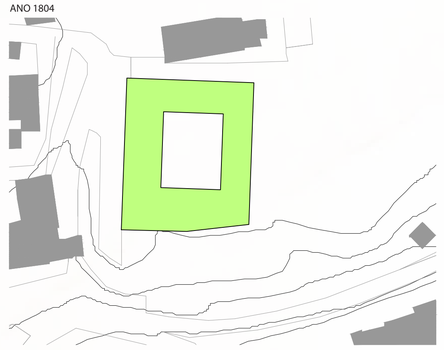




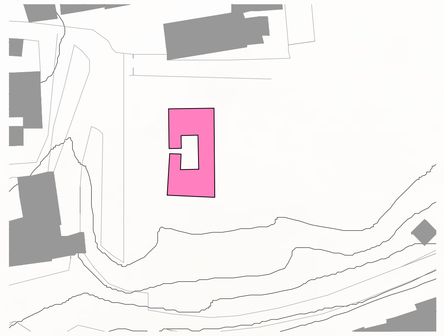
SÉCULO XXI



ANO 1804



SÉCULO XVI



EVOLUÇÃO DOS PAÇOS EPISCOPAIS | ESC. 1/1000

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

CONTEXTO HISTÓRICO | O EDIFÍCIO

02



PISO COTA 62.6

- QUARTOS
- ALA FAMÍLIA
- ZONA DE ESTAR
- GINÁSIO
- ZONA DE ESTAR/BALNEÁRIOS FUNCIONÁRIOS

PISO COTA 58.26

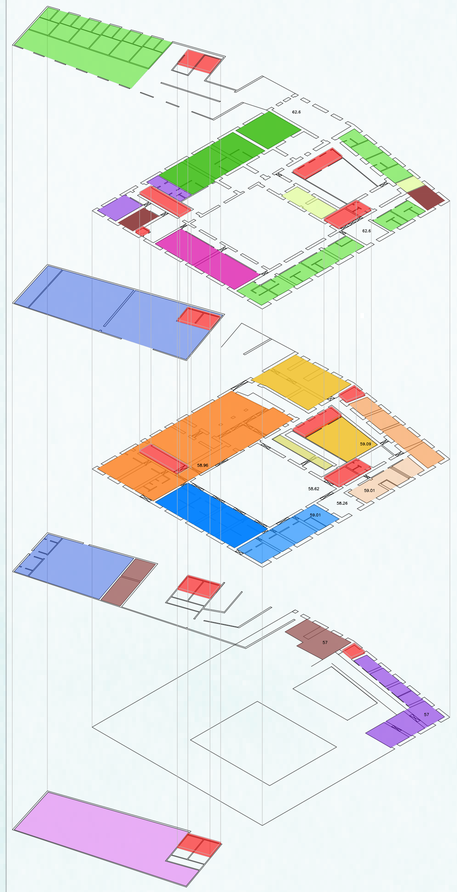
- RECEÇÃO
- BAR
- COZINHA/RESTAURANTE
- SALA DE JOGOS
- INSTALAÇÕES SANITÁRIOS
- ESPAÇO CULTURAL – AUDITÓRIO
- ZONA ADMINISTRATIVA
- SALAS CONFERÊNCIAS

PISO COTA 57

- ZONA FUNCIONÁRIOS
- CIRCULAÇÃO VERTICAL
- ÁREAS TÉCNICAS/ARRUMOS

PISO COTA 53

- ESTACIONAMENTO





FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

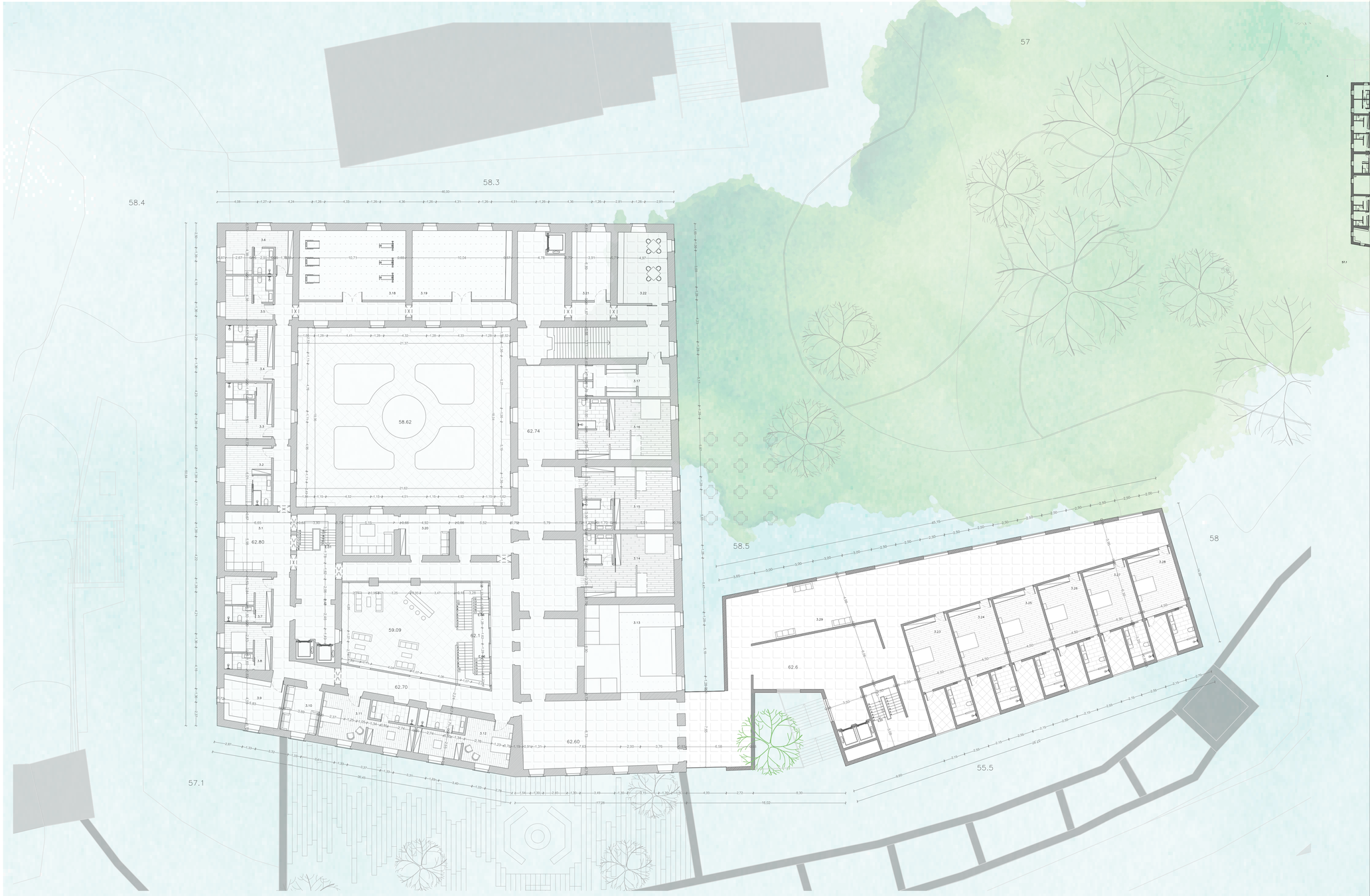
REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

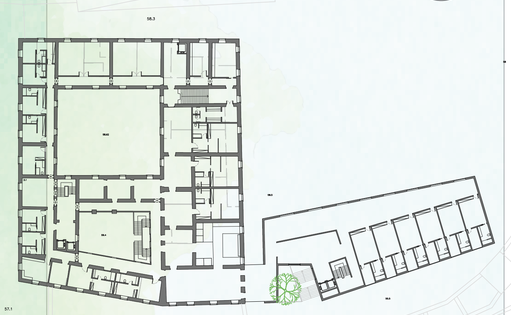
BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PROPOSTA URBANA

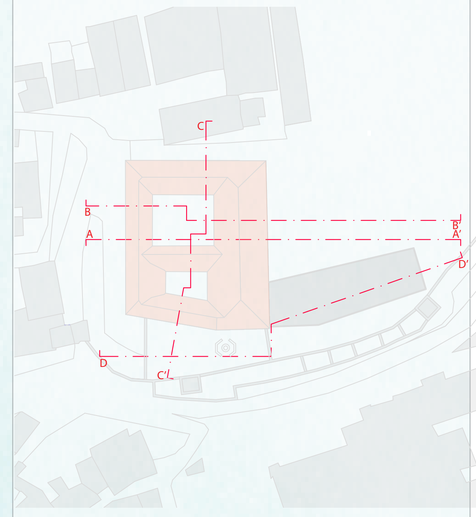
ESC.1/500

03





PLANTA COTA 62.60 | MANTER / DEMOLIR / CONSTRUIR



PLANTA COM LINHAS DE CORTE | ESC.1/1000



ESQUEMA DAS ALAS DOS QUARTOS | ESC. 1//1000



CORTE CC'

3.1 SALA DE ESTAR	39.76m²	3.17 BALNEÁRIOS FUNCIONÁRIOS	29.89m²
3.2 QUARTO	28.13m²	3.18 GINÁSIO	74.78m²
3.3 QUARTO	26.37m²	3.19 SALA DE AULA APOIO AO GINÁSIO	69.80m²
3.4 QUARTO	26.60m²	3.20 ZONA DE ESTAR	62.40m²
3.5 QUARTO	20.99m²	3.21 ARRUMOS	26.91m²
3.6 QUARTO	29.82m²	3.22 SALA DE ESTAR FUNCIONÁRIOS	35.91m²
3.7 QUARTO	21.66m²	3.23 QUARTO C/VARANDA	50.68m²
3.8 QUARTO	21.25m²	3.24 QUARTO C/VARANDA	50.00m²
3.9 ARRUMOS	26.45m²	3.25 QUARTO C/VARANDA	49.28m²
3.10 SALA DE ESTAR	16.66m²	3.26 QUARTO C/VARANDA	48.50m²
3.11 SUITE	42.81m²	3.27 QUARTO C/VARANDA	47.90m²
3.12 SUITE	42.86m²	3.28 QUARTO C/VARANDA	47.20m²
3.13 SALA FAMÍLIA	81.32m²	3.29 ZONA DE ESTAR	61.50m²
3.14 QUARTO FAMÍLIA	57.18m²		
3.15 QUARTO FAMÍLIA	57.68m²		
3.16 QUARTO FAMÍLIA	57.60m²		

SOALHO MADEIRA NOGUEIRA 14x200cm
MOSAICO HIDRÁULICO 40x40cm
CALÇADA PORTUGUESA
PORCELANATO 60x60cm

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

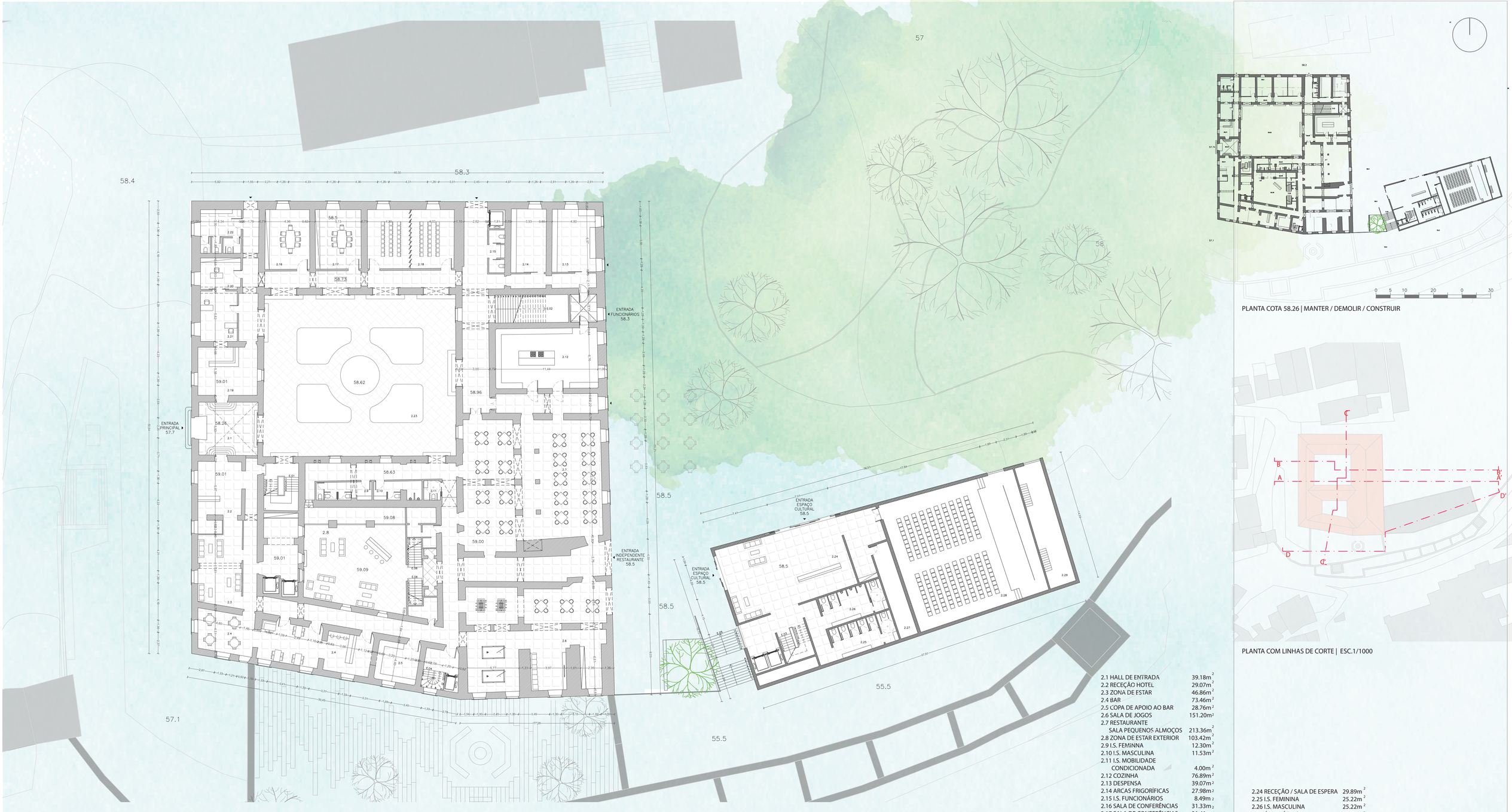
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PLANTA COTA 62.60 **ESC.1/200**

04



PLANTA COTA 58.26 | MANTER / DEMOLIR / CONSTRUIR

PLANTA COM LINHAS DE CORTE | ESC.1/1000

2.1 HALL DE ENTRADA	39.18m²
2.2 RECEÇÃO HOTEL	29.07m²
2.3 ZONA DE ESTAR	46.86m²
2.4 BAR	73.46m²
2.5 COPA DE APOIO AO BAR	28.76m²
2.6 SALA DE JOGOS	151.20m²
2.7 RESTAURANTE SALA PEQUENOS ALMOÇOS	213.36m²
2.8 ZONA DE ESTAR EXTERIOR	103.42m²
2.9 I.S. FEMININA	12.30m²
2.10 I.S. MASCULINA	11.53m²
2.11 I.S. MOBILIDADE CONDICIONADA	4.00m²
2.12 COZINHA	76.89m²
2.13 DESPENSA	39.07m²
2.14 ARCAS FRIGORÍFICAS	27.98m²
2.15 I.S. FUNCIONÁRIOS	8.49m²
2.16 SALA DE CONFERÊNCIAS	31.33m²
2.17 SALA DE CONFERÊNCIAS	31.41m²
2.18 SALA DE CONFERÊNCIAS	63.92m²
2.19 RECEÇÃO	17.84m²
2.20 GABINETE	33.37m²
2.21 ÁREA ADMINISTRATIVA	41.58m²
2.22 I.S.	22.17m²
2.23 CLAUSTRO	338.03m²

2.24 RECEÇÃO / SALA DE ESPERA	29.89m²
2.25 I.S. FEMININA	25.22m²
2.26 I.S. MASCULINA	25.22m²
2.27 ÁREA TÉCNICA	21.74m²
2.28 AUDITÓRIO	222.20m²
2.29 SALA DE ENSAIOS	41.97m²

- SOALHO MADEIRA NOGUEIRA 14x200cm
- MOSAICO HIDRÁULICO 40x40cm
- CALÇADA PORTUGUESA
- PORCELANATO 60x60cm



CORTE BB'

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PLANTA COTA 62.60 **ESC.1/200**

05



CORTE AA'

1.1 SALA DE ESTAR	28.80m²
1.2 SALA DE REFEIÇÕES	22.94m²
1.3 I.S. FEMININA	9.52m²
1.4 I.S. MASCULINA	8.96m²
1.5 BALNEÁRIO FEMININO	14.00m²
1.6 BALNEÁRIO MASCULINO	14.00m²
1.7 ÁREAS TÉCNICAS	213.36m²
1.8 ARRUMOS	67.90m²
1.9 VESTIÁRIO	17.90m²
1.10 VESTIÁRIO	17.86m²

PLANTA COTA 57.00 | MANTER / DEMOLIR / CONSTRUIR

PLANTA COM LINHAS DE CORTE | ESC.1/1000

SOALHO MADEIRA NOGUEIRA 14x200cm
MOSAICO HIDRÁULICO 40x40cm
CALÇADA PORTUGUESA
PORCELANATO 60x60cm

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

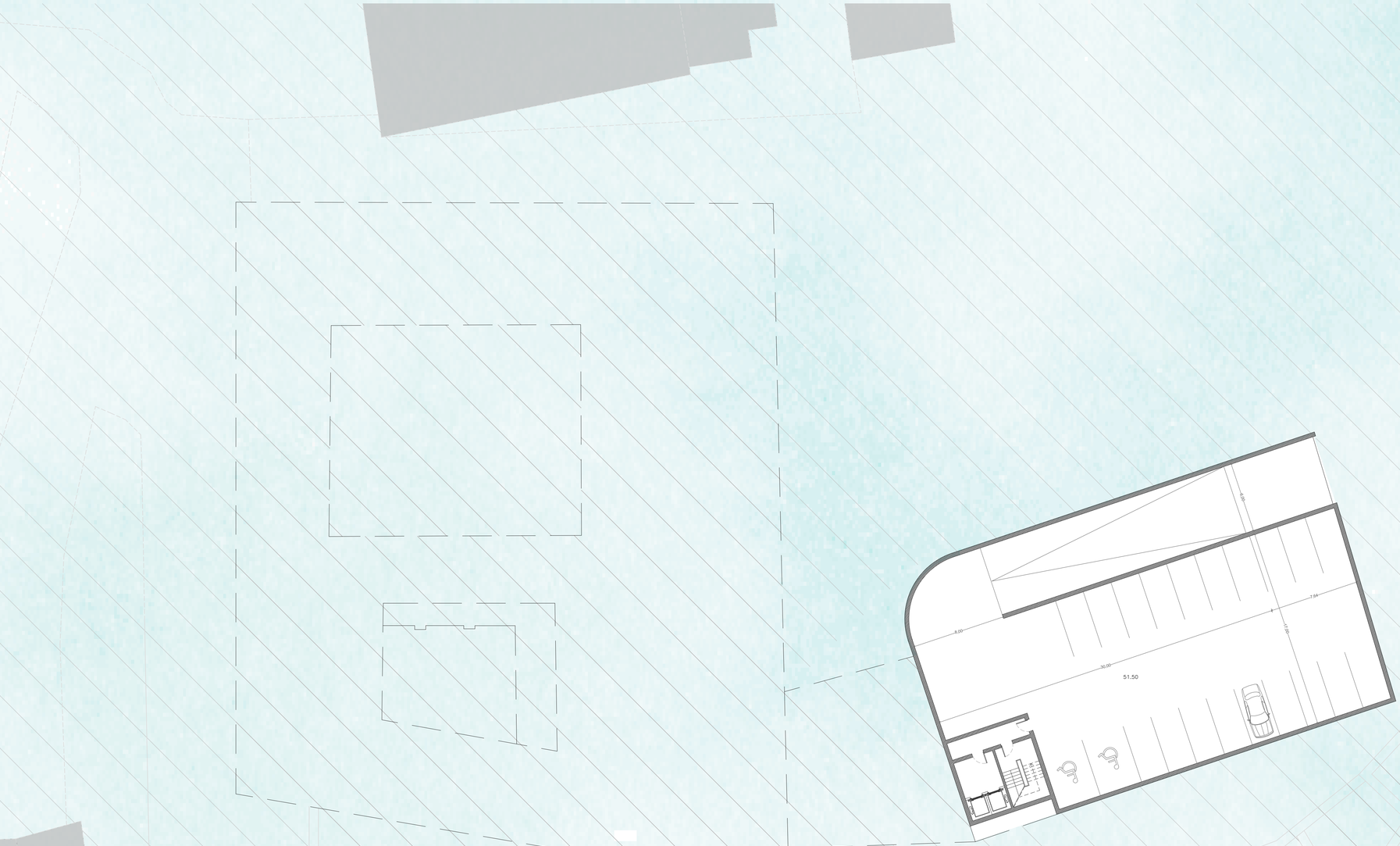
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

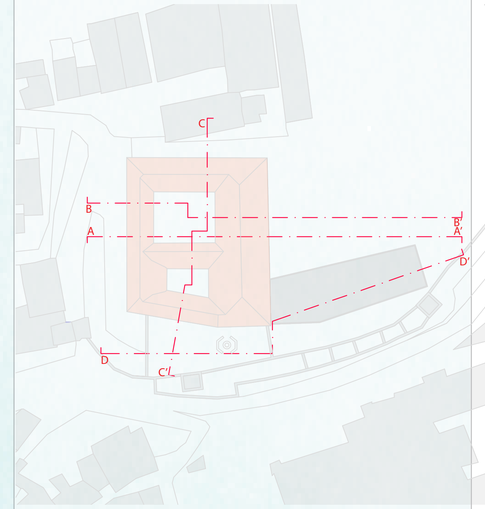
PLANTA COTA 57.00 **ESC.1/200**

06





CORTE DD'



PLANTA COM LINHAS DE CORTE | ESC.1/1000

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

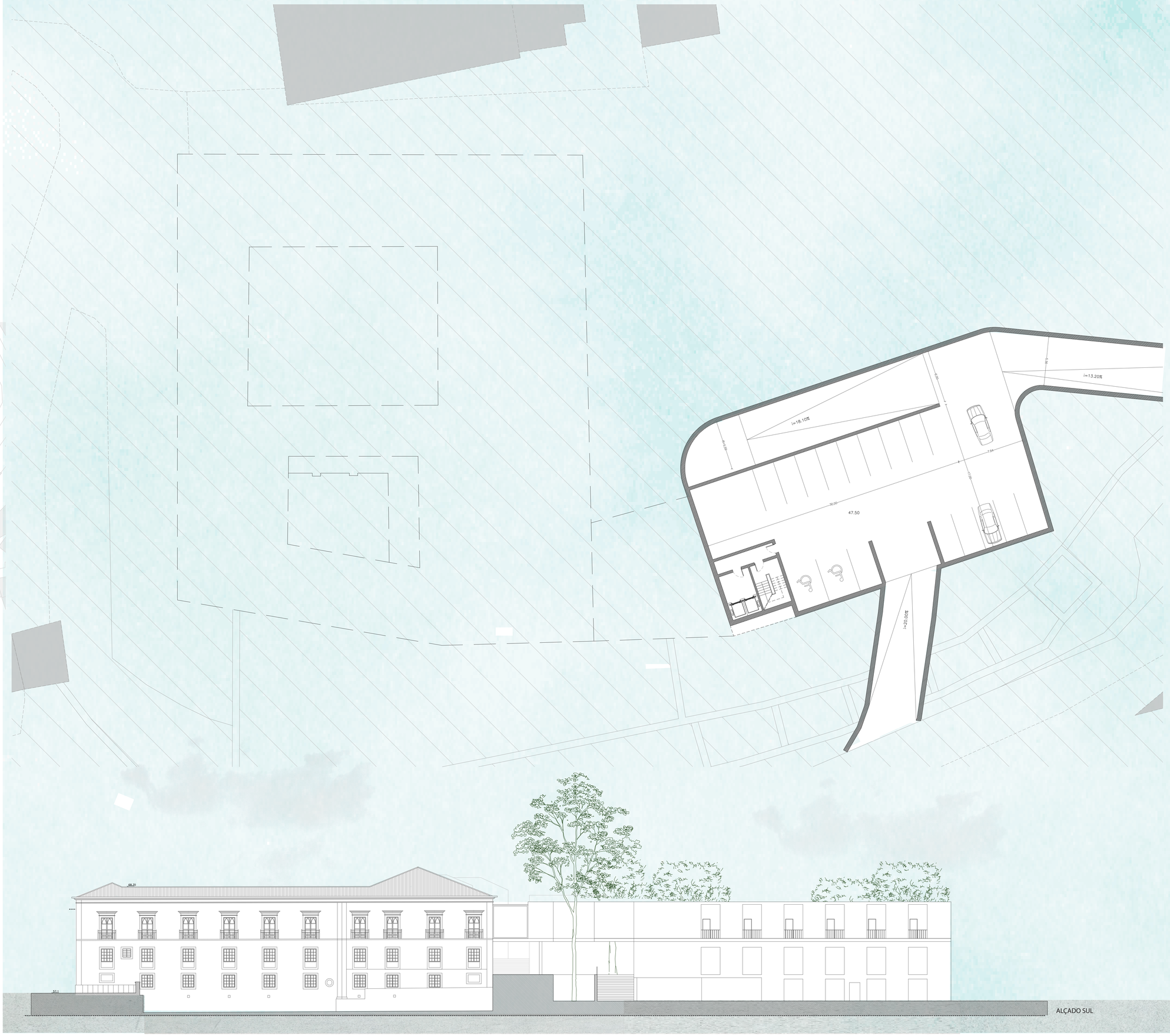
REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

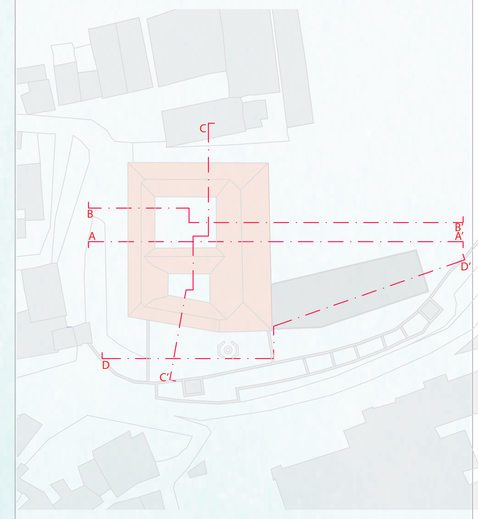
PLANTA COTA 53.00

ESC.1/200

07



ALÇADO SUL



PLANTA COM LINHAS DE CORTE | ESC.1/1000

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

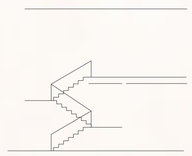
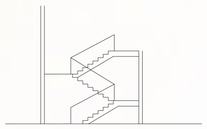
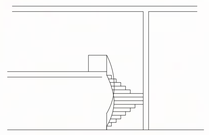
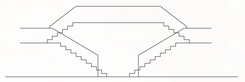
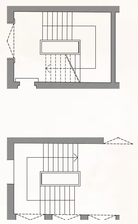
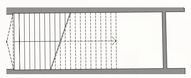
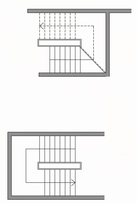
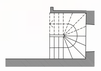
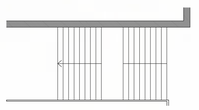
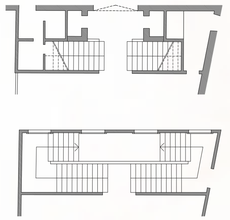
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PLANTA COTA 49.00 **ESC.1/200**

08

	INTERIOR				EXTERIOR	
DESIGNAÇÃO	E.01	E.02	E.03	E.04	E.05	E.06
REPRESENTAÇÃO ALÇADO						
REPRESENTAÇÃO PLANTA						
DEGRAUS						
LOCALIZAÇÃO	Piso Cota 58.26	Piso Cota 58.26	Piso Cota 58.5	Piso Cota 57	Piso Cota 55.5	Piso Cota 58.26



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

MAPA DE ESCADAS







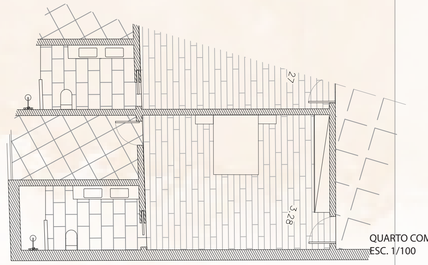




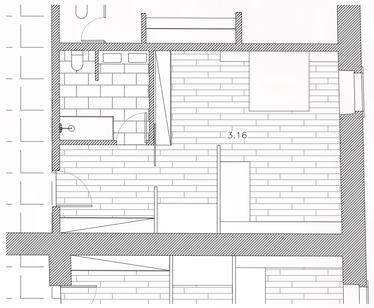








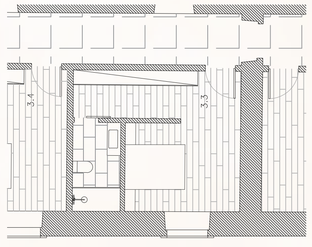
QUARTO COM VARANDA
ESC. 1/100



QUARTO FAMÍLIA
ESC. 1/100



SUITE
ESC. 1/100



QAURTO SINGLE
ESC. 1/100

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

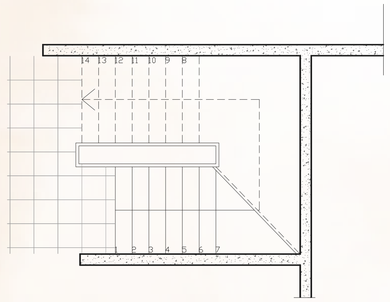
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

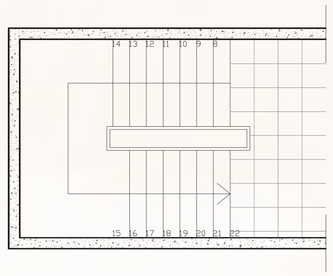
BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PLANTAS E IMAGENS 3D DOS QUARTOS

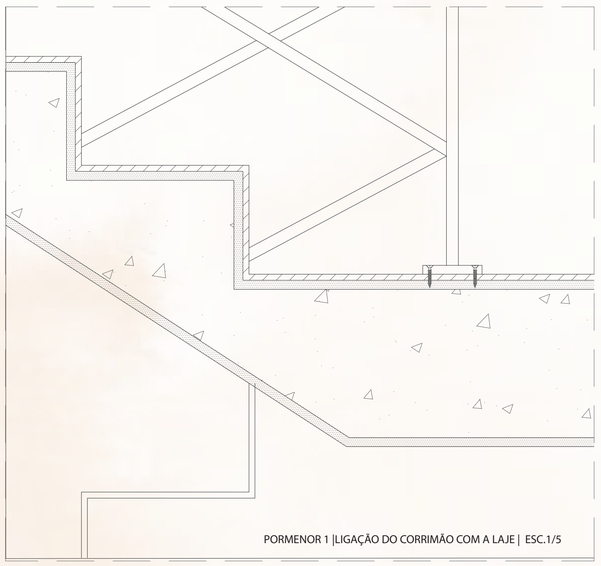
10



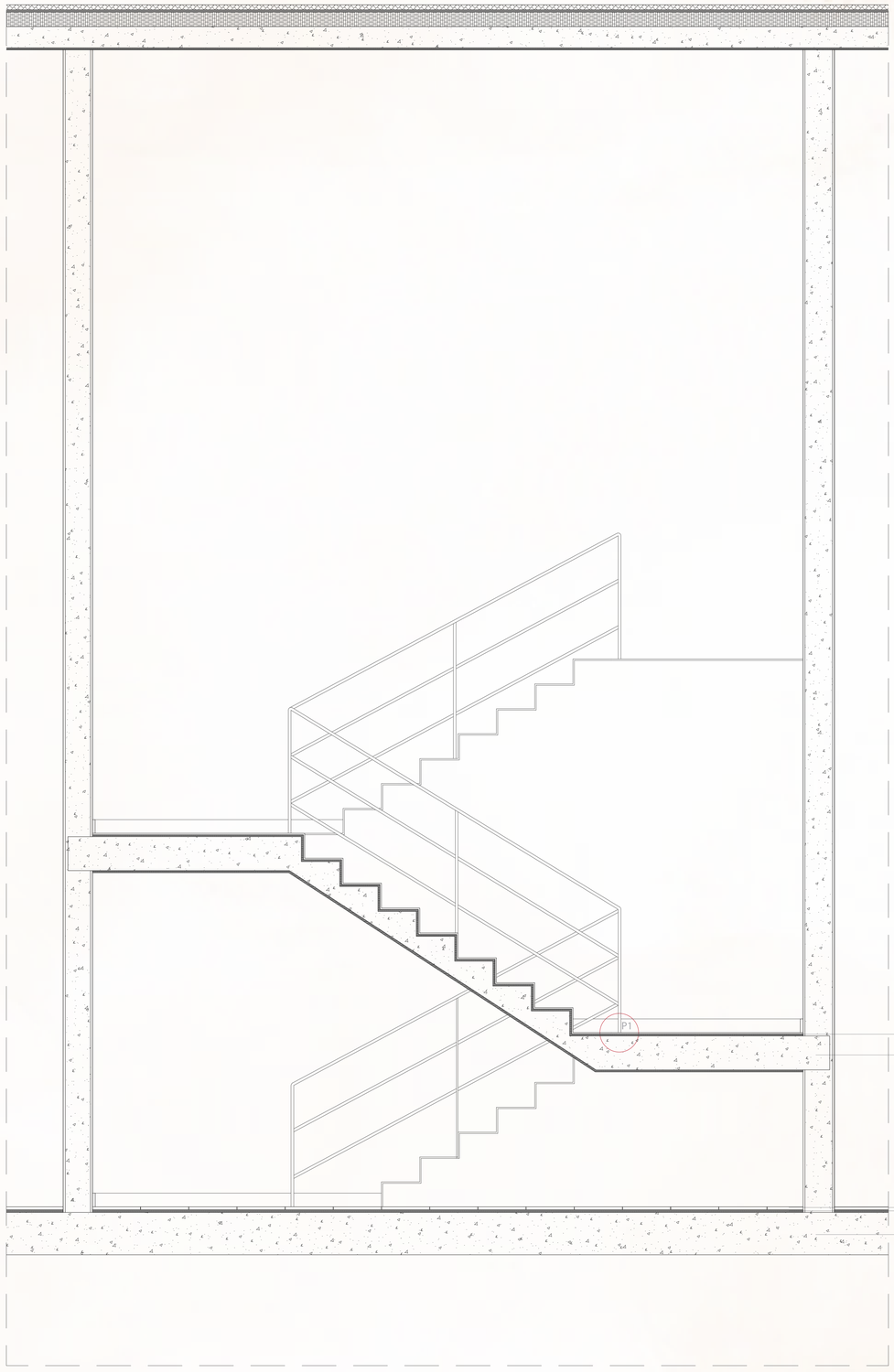
PLANTA COTA 58.26 | ESC.1/50



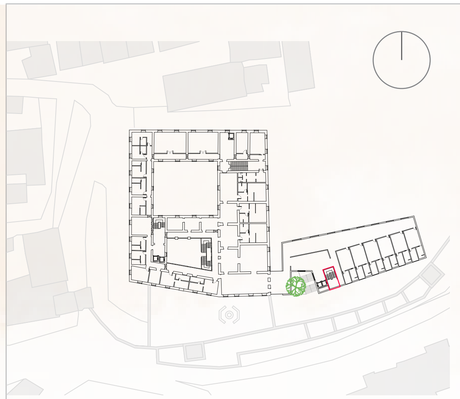
PLANTA COTA 62.6 | ESC. 1/50



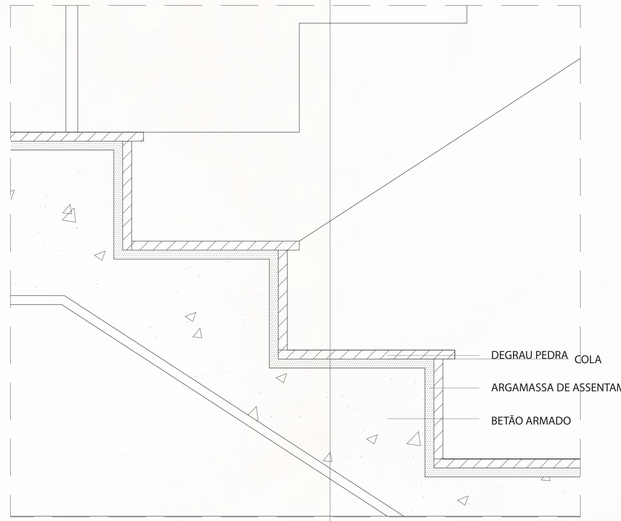
PORMENOR 1 |LIGAÇÃO DO CORRIMÃO COM A LAJE | ESC.1/5



CORTE | ESC.1/20



PLANTA COM A LOCALIZAÇÃO| ESC.1/1000



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

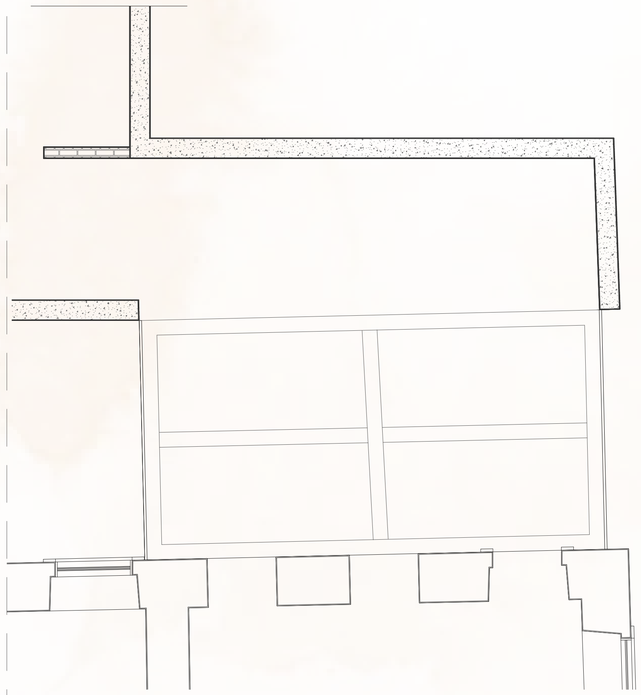
LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

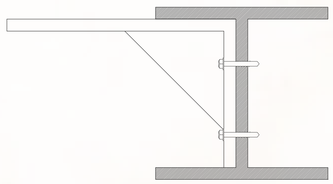
BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PORMENOR **ESC.1/50**

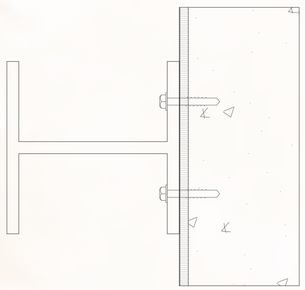
11



PLANTA | ESC.1/50



PORMENOR 1 |ENCAIXE DOS PERFIS | ESC.1/5



PORMENOR 2 |ENCAIXE DO PERFIL NA LAJE | ESC.1/5



CORTE | ESC.1/20

CAPEAMENTO

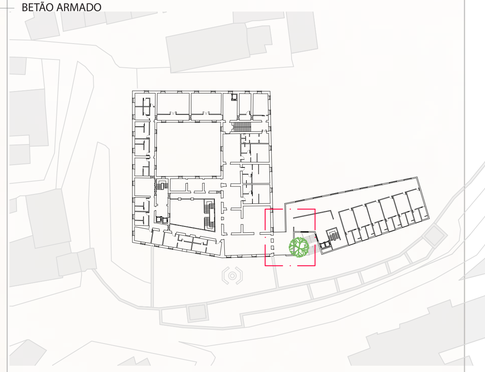
ISOLAMENTO TÉRMICO
BETÃO LEVE
SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO

ISOLAMENTO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO

BETÃO ARMADO
REVESTIMENTO PAREDE INTERIOR

MOSAICO HIDRAULICO
COLA
ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO

BETÃO ARMADO



PLANTA COM A LOCALIZAÇÃO| ESC.1/1000

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LICENCIATURA EM ARQUITETURA COM MESTRADO
INTEGRADO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

REABILITAÇÃO DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE LEIRIA

BEATRIZ LOURENÇO ANASTÁCIO

PORMENOR **ESC.1/50**

12

6. MAQUETES

